

JULIO CESAR PONCIANO

CARTAS DA PRISÃO

NARRATIVA E ALTERIDADE

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação e Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Selma Baptista

UFPR

2007

Dissertação de Mestrado intitulada “CARTAS DA PRISÃO: NARRATIVA E ALTERIDADE”, de autoria do mestrando Julio César Ponciano, apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação e Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letra e Artes da Universidade Federal do Paraná.

A banca examinadora considerou o aluno _____.

Orientadora Professora Doutora Selma Baptista
Universidade Federal do Paraná

Professora Doutora Sandra Jacqueline Stoll
Universidade Federal do Paraná

Professor Doutor Theophilo Rifiotis
Universidade Federal de Santa Catarina

Curitiba, de de 2007.

Dedico este trabalho à
Vera Lúcia Feil Ponciano
Que suportou com coragem minha ausência.
Que não me deixou só nem um dia sequer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por ter colocado pessoas ao meu lado que me ajudaram a suportar uma adversidade e me inspiraram de diversas formas, estímulo que culminou neste trabalho:

Á

Judite Camilo dos Santos

Izabel Liviski

Na vida a gente ganha amigos e na angústia ganhei duas irmãs.

Elas, além da amizade, levaram textos e livros para mim enquanto estive preso e me deram muita força e estímulo.

Á

Sandra Jacqueline Stoll, pela amizade e oportunidades que não me negou e principalmente, “por que estive preso e foste me visitar”. Isso tenho para mim como valor inestimável.

Á

Giovanessa Corsico Madeira de Castro que me ajudou em todas as etapas do trabalho e na organização das cartas.

A

Marcos Aurélio Braguinni e sua namorada Marlene, Alceu Fallas, Paulo, “Rico”, “Nico”: Prisioneiros que me ajudaram de diversas formas, permitindo que eu lesse suas cartas, mas principalmente, porque foram meus “companheiros de solidão”. Compartilhamos da mesma cela, comemos a mesma “blindada”, escrevemos muitas cartas. Isso nos fez irmãos.

Aos demais professores do departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade Federal do Paraná.

Tenho um agradecimento especial a **Selma Baptista**, uma mulher extraordinária,
uma amiga a quem reverencio e tenho uma profunda gratidão.
Foi como professora e amiga que me conduziu durante a orientação deste trabalho.
Ela é uma mulher que olha para o Rosto.
Ela me viu chorar.
Ela segurou minha mão e disse esta oração:
“Deus tem um plano para sua vida”.
Ela me fez enxergar a cura enquanto eu narrava minha história.

Folha e Palavra - Árvore e Frase.

Que padrão relaciona o caranguejo à lagosta, a orquídea à primula e todos os quatro a mim? E eu a você? E nós seis à ameoba em uma direção e ao esquizofrênico retraído em outra?

Gregory Bateson¹

Se, um dia, debaixo de tua porta, descobrir um envelope de papel bege claro, sem endereço oficial ou formal dê-me um toque. Ele me interessa. Se, ao abrir, o envelope, de papel bege claro, descobrir uma folha da mesma cor, então pare um instante e tome a coisa muito a sério. Se sobre a folha de papel de cor bege encontrar-se escrito algo do gênero:

“Em que medida a folha de uma árvore assemelha-se a uma palavra dentro de uma frase”? Tome o cuidado de respirar fundo.

Etienne Samain²

Este trabalho propõe uma leitura que permite olhares de diferentes ângulos.

A idéia central que catalisa argumentos teóricos, metodológicos, e até filosóficos, diz respeito a uma busca. Gregory Bateson e Etienne Samain me serviram de inspiração. Afinal, falar de comunicação é perguntar *o que une* seres, objetos, sentimentos e pensamentos.

Visto de um ângulo comum, para compreender o que liga uma *coisa* a outra *coisa* ou um *ser* a outro *ser*, pode-se estabelecer uma relação objetiva e racional entre elas, como, por exemplo, entre a “palavra” e a “frase”, entre a “folha” e a “árvore”. Uma relação lógica.

Entretanto, para responder o enigma proposto por Gregory e Etienne, é preciso tomar fôlego, pois incita a um mergulho profundo, submerso na relação intersubjetiva entre a *folha* e a *palavra* ou entre a *árvore* e a *frase*, ou seja, ENTRE o “*ser*” e a “*coisa*”.

Tradicionalmente, perceber um “fato social” como “coisa”, é representá-lo no mármore da razão e da formalidade. Entretanto, “minha” busca (que na verdade pertence a Gregory e Etienne) é um mergulho no espaço existente ENTRE o “*ser*” e a “*coisa*” ou ENTRE o “*eu*” e o “*outro*”, qual seja, o espaço “ENTRE NÓS”, um espaço de comunicação e interação.

¹ BATESON, Gregory. *Mente e Natureza: unidade necessária*. Ed. Francisco Alves, RJ: 1986. p.16.

² Etienne Samain é professor do Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes – UNICAMP e pesquisador junto ao CNPq.

Fôlego exigido também para tentar superar o efeito da modernidade que instituiu coisas sem substância e seres humanos sem rosto. Fôlego para transcender as representações ontológicas entre um sujeito e um objeto: o “outro” dominado, submetido, possuído.

Visto de um ângulo pessoal, este trabalho trata da experiência de ser interpelado pela vida, como nesta analogia, a carta de Etienne em “papel bege claro” dentro do “envelope bege claro”. Ao conviver com personagens banidos da vida em sociedade, que expressam sua experiência por meio de cartas, entrei em contato com subjetividades opacas que se sobrepõem como palimpsestos de uma história contada por meio do silêncio, do que não pode ser dito, e mesmo, do indizível, rompido raras vezes.

E assim, deixei minha escritura ser levada pela voz do louco, do assassino, do traficante, do ladrão, do estelionatário, do estuprador, do suicida, do drogado, do traficante, e mesmo da brutalidade, da corrupção, da imundície, e de toda representação que molda a bestialidade humana. Tentei, por esta via, conceder um *rosto* a estes personagens. E diante deste rosto me veio a interrogação: que estruturas unem estes banidos a mim. Seriam as mesmas que unem eu e você neste texto?

“Trata-se antes de tudo, de encontrar para ele o lugar por onde o homem cessa de nos concernir a partir do horizonte do ser, isto é, de se oferecer aos nossos poderes. O ente como tal só pode ser numa relação em que o invocamos. O ente é o homem, e é enquanto próximo que o homem é acessível”.

Emanuel Lévinas³

³ LÉVINAS, Emanuel. Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade. Trad. Pergentino S. Pivatto (coord). Petrópolis: Vozes, 2005.

Minha antropologia busca conhecer esse homem, ou seja, esse rosto.



Índice

Apresentação.....	10
Introdução: O cenário etnográfico.....	13
A imagem dos protagonistas	14
Itinerário da pesquisa.....	15
O estigma.....	18
As cartas	19
A cadeia, o preso e o crime.....	22
O “fio de Ariadne”.....	23
A dialética da solidão	25
Isolamento e Solidão	27
A liberdade	28
Capítulo Primeiro: Olhares	31
Olhares sobre a prisão.....	31
O olhar acadêmico.....	31
O olhar estético.....	35
Capítulo Segundo: O discurso ausente	40
O etnógrafo.....	40
As dimensões do segredo cultural	41
O discurso ausente de Fred Murdock	44
Identidade narrativa	49
Capítulo Terceiro: o método “Três Porquinhos”	53
O método	53
O modelo analítico de Steven Feld.....	57
Sobre a Etnografia da Comunicação	60
A intertextualidade etnográfica	66
Compondo uma Análise Narrativa	68
Organizando as cartas para a análise	71
Capítulo 4: “Tirando cadeia”: Conexões.....	74
Episódio Primeiro: “conexão X”	74
Segundo Episódio: obedece quem tem juízo.....	78
Terceiro Episódio: mais um dia a riscar no calendário.	86
Rotina	92
Capítulo Cinco: Etnografia das Cartas	95
Experiência e expressão.....	95
O personagem do jogo e o jogo do personagem.....	97
Dois caminhos	104
Cartas sociais e familiares	107
Cartas de amor.....	111
A estética das cartas.....	118
Liberdade.....	120
Religião.....	122
Conclusão	127
ANEXOS	135

Apresentação

Este é um estudo que conjuga a etnografia da comunicação e da experiência no interior do sistema penitenciário. Especificamente, trata da análise de um sistema de comunicação referenciado nas cartas enviadas e recebidas por pessoas presas nas unidades de carceragem na Cidade de Curitiba e cidades da região metropolitana como Araucária e Piraquara. Minha intenção é demonstrar como a estrutura social peculiar da prisão e suas representações estão espelhadas na narrativa do prisioneiro como personagem de um drama social e permitem explicitar de forma sensível a experiência de privação da liberdade.

Como introdução apresento o cenário etnográfico que se manifesta panoramicamente nas contingências da prisão e o ritual de coerção disciplinar, o qual resulta na imagem do prisioneiro sendo decomposto em sub-humanidades até que o último elo social seja rompido. Também abordo na introdução um depoimento pessoal resumindo a motivação deste trabalho e as circunstâncias de um evento que ensejou minha própria prisão, experiência que me pôs em contato com a realidade da cadeia. O resultado mais imediato dessa experiência foi que estive na presença de pessoas que, para suportar a solidão, escreviam cartas. As cartas deles representam o núcleo do trabalho e é por meio delas que desenvolvo a narrativa do prisioneiro como personagem.

Estes dados fornecem elementos para desenvolver o conceito de **dialética da solidão**. Defendo que isolamento e solidão articulam sentimentos sobre a experiência da prisão. A dialética da solidão é desencadeada por uma situação limite, uma experiência limite. Incide a partir da interioridade e da subjetividade do prisioneiro. É expressa em um “jogo” dialético entre presença e ausência, entre o espaço do dizível e do indizível, da voz e do silêncio.

No capítulo primeiro trabalho o imaginário social, qual seja, os diferentes olhares sobre o preso e a prisão e que culminam numa representação mais ou menos homogênea da imagem do prisioneiro na vida social.

No segundo capítulo procuro apresentar teoricamente o etnógrafo como aquele personagem da antropologia envolvido no trabalho de campo que em dado momento da pesquisa é afetado profundamente por uma espécie de “iniciação”. Como narrar uma experiência indizível? Justifico que uma etnografia experimental

tem pontuado uma nova direção que busca incorporar as necessidades do antropólogo como escritor, excursionando entre o real e o imaginado colocando de imediato esta questão: a presença da ficção literária, especialmente a alegórica, no *corpus* textual das análises antropológicas. Já não são mais tomadas como ilustrações, parábolas, analogias ou metáforas. Tanto a imaginação do antropólogo e suas memórias, que narra com base em sua experiência subjetiva, quanto produções externas de outros escritores que “ficcionalizam” sobre o real, são incorporados como parte legítima do trabalho.

No terceiro capítulo incorporo referências metodológicas para uma Análise Narrativa dos repertórios contidos nas cartas dos prisioneiros. Entendo o repertório das cartas, quando visto do ponto de vista narrativo, dotado de um *sistema de símbolos*, e, a exemplo de Steven Feld, proponho um tripé teórico sobre o qual formalizo metodologicamente a análise: o estruturalismo de Lévi-Strauss, a descrição densa de Clifford Geertz e a etnografia da comunicação tal como proposta por Dell Hymes. Sustento, como Feld, uma relação de complementaridade entre estas três correntes teóricas, ciente de que, com muita frequência são entendidas como concorrentes.

No quarto capítulo utilizo da narração para contextualizar o cenário e as demais contingências que repercutirão numa etnografia da comunicação. Procuo narrar de forma literalizada e linear, efeito estruturante, os episódios que procuram pôr em evidência os sentimentos, sensações, contingências psicológicas que caracterizam uma experiência limite na prisão.

No quinto capítulo realizo a descrição etnografada da experiência da prisão relacionada com as cartas dos prisioneiros. Ressalto alegoricamente os episódios que permitem visualizar o percurso das cartas e a rede de reciprocidade que se estabelece em torno delas.

Concluo apontando que este trabalho aborda o fenômeno da prisionalização, ou seja, as contingências decorrentes da necessidade de adaptação e de sobrevivência na prisão, mostrando como tem sido realizado: uma “subcultura” ou uma “para-cultura prisional”. Nesse sentido, refletem sobre os efeitos dramáticos do encarceramento e as dificuldades de desinstitucionalização do preso. Esta argumentação está classicamente consagrada. Por outro lado, é possível argumentar que, ao escrever, os remetentes presos estão formulando uma

subjetividade que se apresenta como um “discurso” da alteridade: desejam ser “lidos” como outras pessoas, e fabricam, de modo inconsciente/consciente, personagens de um enredo já bem conhecido por todos. Desse modo, as cartas constroem um discurso que pode ser chamado de "alegórico", ou seja, um discurso que contempla uma alegoria nativa da alteridade: não deixa de ser uma escrita de “palimpsesto”, remete a outros significados. O preso fala de si como um "outro", como se estivesse representando um "personagem": "o injustiçado", o "abandonado", "o solitário", "o que errou sem querer", "o redimido" pelo sofrimento, por Jesus. Uma máscara para o outro.

Introdução: O cenário etnográfico

O cenário desta etnografia acontece na prisão, onde o sistema de encarceramento do preso articula elementos para isolar, vigiar e punir. As contingências da experiência da prisão variam muito, ou seja, a prisão é experimentada de diversos modos. No entanto, é possível concordar que todas elas apontam para um foco comum: a imagem do prisioneiro como ser humano sendo decomposto em partículas ínfimas, sub-humanidades, até que o último elo social seja rompido.

Trata-se de um cenário em que um ritual de coerção disciplinar elaborado é executado em minúcias por todos os seus agentes. Tem seu início com a exposição explícita do corpo. Diferente do antigo suplício é a nudez que atesta a total sujeição. Depois, mutilações aceitáveis como o cabelo e a barba, que é raspada ou cortada, às vezes, por outro prisioneiro munido de uma imunda “cortadeira”. Simultaneamente, o despojar-se de todos os objetos pessoais: o relógio, o óculos, a aliança de casamento. Uma foto polaróide do preso segurando uma placa com o artigo pelo qual “caiu”, complementa a identificação no extenso prontuário, ao lado das digitais, 12 no total, incluindo as palmas da mão. Por fim, uma camiseta na cor fosforescente arremata o “ritual de iniciação”. O prisioneiro uniformizado pode ser agora trancado em sua cela. Mais um habitante no “purgatório” da civilização.

Uma descrição bastante sintética sobre a deteriorização da identidade social para dar lugar à identidade institucional. Diante desse quadro, não é difícil concordar com Erving Goffman, autor referência quando o tema é a relação da instituição e a produção do estigma.

Entretanto, a descrição acima sobre o prisioneiro, embora verdadeira, é bastante plana e passiva, sustentada pela aparência, o que leva a questionar se seria possível construir com a mesma verdade complementar uma versão dinâmica e relacional sobre o prisioneiro e a experiência da prisão. Isso implica dizer que esta identidade em crise, apontada pela maioria dos autores, pode ser analisada no interior de um universo simbólico, tão específico como um sistema de comunicação.

Não nego que exista o processo de sujeição da pessoa ao sistema. Entretanto, integrado a este dado coexistem estratégias de integração e

(sobre/com)vivência no grupo que constituem um rico campo etnográfico, mas de difícil acesso. Durante a internação se vivencia uma crise de identidade, ou melhor dizendo, um aprendizado que envolve trocas de valores e novos rituais para aprender a manipular as relações interiores à cadeia.

A imagem dos protagonistas

Evidentemente, o crime e a violência são preocupações que estão sempre na urgente pauta da agenda social e política. O mundo em que vivemos é cada vez mais violento e perigoso. Desse modo, anexada a uma possível imagem interna do prisioneiro está o imaginário social, ou seja, a imagem do *bandido*, do *criminoso*, do *vagabundo*. Portanto, uma imagem complexa e densa, caleidoscópica, dotada de mil e uma faces. Ora aparece como protagonista do medo coletivo, ora vítima da monstruosidade no tratamento carcerário.

Este trabalho se empenha também na tarefa de olhar para a imagem desses personagens complexos, protagonistas do medo coletivo, ou mesmo da injustiça, com o desafio de compreendê-la pela vivência “do lado de dentro”. Busca um personagem, um sujeito que emana de uma narrativa que é derivada da experiência em comum de privação. Trata, portanto, de tomar o prisioneiro como personagem de um drama social vivenciado na experiência da prisão.

Parte desta experiência é expressa na forma de cartas escritas por eles, às quais tive acesso. Obtém-se por meio delas uma versão sobre a experiência da prisão, cujo discurso não passa necessariamente, ou diretamente, pela versão institucionalizada, melhor dizendo, pelo discurso dos agentes de dominação disciplinar, produtores de estigma, das instituições totais segundo Goffman.

Portanto, meu objetivo é articular este conjunto de elementos relacionados à experiência da prisão - identidade, privação, vigilância, solidariedade, código – no interior de uma narrativa contida e construída em cartas da prisão e, a partir delas, pôr à mostra a construção de uma malha de comunicação que se esforça em (re)ligar “os de dentro” com um mundo que lhes é externo, através da mediação concreta da circulação das cartas.

Nesse sentido, as cartas produzem uma teoria nativa da alteridade, uma subjetividade liminar na qual o prisioneiro produz, pela integração da escrita num sistema de reciprocidades, um “outro” que não é exatamente o seu reflexo, mas uma imagem holografada, de múltiplas faces, derivada igualmente de olhares e expectativas diversas.

Itinerário da pesquisa

O itinerário da construção deste trabalho tem seu início em um depoimento pessoal. Minha trajetória profissional, junto a jovens “infratores” egressos do Educandário São Francisco⁴ e da Delegacia do Adolescente de Curitiba, instituições que contemplam medidas sócio-educativas, constitui uma referência importante, a qual motivou a elaboração deste trabalho. Grande parte da análise só foi possível, em certa medida, pela experiência de atuar conjuntamente na superação das contingências que implicam da conduta infracional. Muitas e seguidas vezes durante a elaboração e coleta de dados fui desafiado nos limites do ideal, entre os interesses do educador e o pesquisador.

Entretanto, a referência mais importante, igualmente motivada por uma experiência pessoal, ocorreu no ano de 2005. Enquanto exercia ainda a função de diretor e presidente de uma instituição de assistência social a jovens com histórico infracional, no momento em que minha trajetória profissional já acumulava 16 anos de atividades, fui surpreendido por um mandado de *prisão preventiva*. O conteúdo da denúncia, grave e absurda, conspiratória em muitos aspectos, coadunava com o contexto em que circulavam as notícias na mídia na época: rebeliões na FEBEM, Educadores presos por maus tratos no Educandário São Francisco, o julgamento de Michael Jackson por abuso sexual de menores. Em resumo, estava sendo acusado de corrupção, abuso, atentado violento ao pudor e maus tratos de menores, além irregularidades na condição física da entidade. De um dia para o outro eu me tornei um “monstro” autor de *Crime Hediondo*, ou seja, na categoria jurídica de crimes onde a conduta delituosa é “revestida e excepcional gravidade, seja na execução, quando o agente revela total desprezo pela vítima, insensível ao sofrimento físico ou

⁴ Entidade Governamental responsável pela reclusão de jovens infratores no estado do Paraná.

moral a que a submete”⁵. Tive de provar que era inocente, o que custou tudo que eu tinha: economias, a venda da casa para pagar advogados. Só não perdi a família que me apoiou em todo momento. Também os amigos se revelaram verdadeiros irmãos, desde me emprestar dinheiro para suprir necessidades pessoais e da entidade, até coisas mais simples, de um significado intenso, como levar um livro ou um pedaço de bolo caseiro durante uma visita. A humanidade é feita dessas coisas também.

Em razão das denúncias oferecidas pelo Conselho Tutelar ao Ministério Público, fui preso preventivamente⁶ duas vezes a pretexto de não atrapalhar as investigações e não perturbar a ordem pública. Na primeira vez fui submetido a situações extremamente humilhantes. Minha casa foi revirada em busca de armas, drogas, material pornográfico, etc. Evidentemente, nada disso foi encontrado. Fui preso perante minha família, minha mãe, esposa e filhas. Por três dias fui submetido à condição mais sub-humana que já presenciei em toda a minha vida. Uma cela imunda, mofada e infestada de ratos. Mais perturbador e agônico era o ambiente onde nunca havia silêncio, e o som de mais de 700 vozes juntas produziam um zunido constante e infernal.

Durante a minha “estadia no inferno” fui encaminhado a exame constrangedor no Instituto Médico Legal, posto nu e examinado por uma médica na presença dos policiais. Permaneci algemado e exposto a todos os olhares curiosos do público no Instituto de Identificação, onde foram colhidas todas as minhas 12 impressões digitais, incluindo a palma da mão e realizada a típica foto de frente e perfil segurando o número do meu prontuário e, lógico, o artigo da Lei. Na delegacia permaneci algemado no corredor e no “coró” - uma pequena cela de espera onde a imundície é indescritível - enquanto o agente penitenciário dava indiretas sobre o tipo de “alojamento” que eu eventualmente poderia pagar ou me jogaria no “perigo”. Ali congregavam simultaneamente a superlotação, a imundície, o caos, a violência, a corrupção e a quase insuportável tortura psicológica, parceria realizada entre presos privilegiados e agentes penitenciários.

⁵ MONTEIRO, Antonio Lopes. Crimes Hediondos: texto; comentários e aspectos polêmicos. 2 ed, São Paulo: Saraiva, 1992.

⁶

Eu, que fora presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente da Cidade de Piraquara por dois mandatos e membros do mesmo Conselho em Curitiba além de atuar em outros Conselhos como o de Assistência Social e do Comitê de Combate à Fome, toda esta reputação foi para o esgoto.

Estas são algumas palavras síntese.

Sendo eu um réu primário e etcéteras jurídicos, depois de três dias pude obter *habeas corpus*. Entretanto, meus algozes conseguiram outro mandado de prisão temporária alegando que eu estaria influenciando testemunhas e perturbando a ordem pública. Desta vez a provação foi maior e mais terrificante, pois fiquei preso por um longo tempo, cerca de três meses, até que todos os envolvidos na denúncia fossem ouvidos. Este período foi um tormento. Mesmo estando na condição de “curso superior”, no inferno não há sala *vip*. Embora eu estivesse em condições melhores que a primeira vez, a prisão acontece na sua mente, quase insuportável.

Foi quando (entre outras circunstâncias) escrevi uma carta para o professor René Ariel Dotti que, ao ler a minha história, impetrou novo *habeas corpus* e, embora ainda respondendo ao processo, finalmente fui posto em liberdade. Mas a consequência desta segunda experiência de prisão foi traumática, em toda a intensidade da palavra, de uma magnitude indizível.

Após dois anos de processo, gradativamente as verdadeiras razões da perseguição à entidade e a mim foram sendo esclarecidas. A autora da denuncia que resultou no processo foi exonerada do seu cargo, visto que expôs ao risco dezenas de jovens adolescentes e se utilizou de um cargo público para realizar seus intentos vingativos. As reformas por melhorias nas instalações pelas quais a entidade estava passando foram interpretadas pelo Conselho Tutelar, ou melhor, pela conselheira, como um risco aos internos. Com o fechamento da entidade, vários jovens com idade entre 14 a 16 anos voltaram para as ruas e quatro deles morrem vitimados por tiros pela polícia. Na verdade, ela protegia um amigo que pertencia a um esquema de pedofilia e tráfico de drogas, que a entidade havia denunciado. Atualmente o verdadeiro autor dos abusos e do crime de atentado violento ao pudor se encontra preso e foi condenado 40 anos de prisão somados a todos os demais casos das vítimas que ele concretamente abusou. A história completa e os detalhes de tudo o que aconteceu estou reservando para outra publicação, depois que o processo estiver definitivamente esclarecido e encerrado.

Procuro, por várias vias, tornar esta experiência numa oportunidade de reflexão e crescimento pessoal. No entanto, ressalto que foi uma experiência muito difícil de ser superada, pois seu efeito foi devastador pessoal e socialmente.

Insisto nestas palavras iniciais por uma razão: esta experiência pessoal, a qual exponho neste depoimento, me introduziu num universo radicalmente diferente daquele onde sempre vivi. Experiência que interpreto como uma espécie de “banimento”, uma sensação de ter sido violentamente afastado e isolado do convívio social. Melhor dizendo, a sensação de ter caído em um labirinto sem saída, lugar de solidão, desorientação e medo. Já tinha ouvido centenas de relatos sobre a prisão na voz dos jovens que atendia na entidade e também em reportagens, romances, filmes, mas vivenciar “o lado de dentro” me acrescentou uma dimensão maior especialmente sobre o entendimento da condição humana. Terreno fértil onde o modo antropológico de ser, ver e sentir o mundo esteve presente em todo o momento. Embora não estivesse na condição de pesquisador, a formação de antropólogo serviu de instrumental para compreender a dinâmica social da população encarcerada, possibilitando para mim ser comum do mundo dos “otários”, “sobreviver” naquele contexto infernal.

O estigma

Posso dizer que o resultado desta experiência traumática, a qual leva o indivíduo a conhecer e enfrentar situações limites, desencadeou em mim uma reação transformadora, uma espécie de iniciação. Aquela sensação que permite dizer “não sou mais o mesmo”. Percorri os caminhos de um submundo de horrores, um labirinto sem saída como disse. Psicologicamente, uma dimensão interior acessada pelas experiências exteriores. Se a prisão é uma escola, além de aprender a fazer uma faca, como clonar um telefone celular, e que a flor enfeita a saudade numa carta, tornar-se paradoxalmente uma “besta” feroz e ao mesmo tempo submissa, é a sua principal e mais importante lição. Por outro lado, tornei-me amigo de muitos presos: *criminosos, bandidos e vagabundos* como são vistos vulgarmente. Graças a paradoxal humanidade e ao companheirismo deles, suportei muitas adversidades na prisão.

Alguns aspectos dessa experiência pessoal evidentemente permanecem indizíveis. Seu alcance atingiu em cheio minha visão do mundo, das coisas e das pessoas. Agora, mesmo “na liberdade”, uma segunda substância me acompanha, uma espécie de “chaga”. Melhor dizendo, experimento o que Goffman apresenta em seu importante estudo sobre a identidade deteriorada. A definição precisa de estigma, uma situação em que o indivíduo está *“inabilitado para a aceitação social plena”*.

“Quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever sua categoria e seus atributos, a sua identidade social... Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso... Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que se pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída.” (GOFFMAN, 1988, p.12)

Do modo como relatei até aqui minha experiência, grifo que as palavras com as quais teço a “malha” deste trabalho, são as palavras de um “iniciado”, compartilhando do mesmo estigma. Porém, escrevo como alguém que esteve “do lado de dentro” e se esforça em produzir um conhecimento dialógico sobre uma experiência concreta dirigida para o “lado de fora”. Este fato tem implicações metodológicas e até mesmo epistemológicas que constituirão um desafio a ser enfrentado para implementação da análise. Neste ponto, trabalho incorpora uma segunda dimensão reflexiva, na qual o trabalho do antropólogo é interpelado. Deste ponto de vista, como um pêndulo, procuro simultaneamente responder a estas duas demandas: o objeto propriamente dito, que são as cartas e o sistema de reciprocidades de estão ao seu redor e de outro extremo, a reflexão do sobre o ofício do antropólogo que busca estratégias para dar conta de trazer para dentro texto o leitor de sua experiência. Portanto, ao grifar este marco, localizo um ponto de partida, uma referência que me possibilite vigiar e perceber de onde e quem eu estou observando e para onde e para quem eu pretendo dirigir este conhecimento.

As cartas

Durante minha permanência na prisão fui útil para alguns presos dos quais fiquei amigo. Assassinos, traficantes, estelionatários, ladrões, e não pagadores de pensão alimentícia, para citar apenas alguns *currícula*⁷. Nesse contexto, eu era uma aberração, um "laranja", um "cara esquisito". Enquanto a maioria se empenhava em jogar baralho ou dominó para se manter ocupado, além de fazer essas coisas eu estudava. Fui estimulado a não parar os estudos. Aos poucos fui constituindo uma biblioteca embaixo da minha "jega", ou melhor, da minha preciosa cama. Ter uma cama era um dos privilégios da condição de "curso superior". Meus amigos e parentes me traziam textos e livros. Foi assim que concluí o primeiro semestre do curso de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná ainda preso.

Minha condição de "dotô" me rendeu uma ocupação interessante. Eu lia e escrevia cartas com eles. Eles me ditavam e eu escrevia, e não eram poucas. Dava sugestões também, uma espécie de "consultoria" até em pedidos de *habeas corpus*. Às vezes apenas ouvia a leitura e concordava. Lia também as respostas de seus destinatários. Algumas vezes ficava guardião de cartas comprometedoras e outras me foram doadas, as quais guardei para mim. Colecionei mais de 200, e muitas só pude guardar na memória. O "ensaio sobre a dádiva" posto em prática⁸.

Impossível não fazer referência ao filme Central do Brasil, no qual a atriz Fernanda Montenegro interpreta a personagem de uma escrevinhadora em uma estação de trens. Escrever ou ler cartas para outrem é uma atividade surpreendente e reveladora do ser humano.

Escrever cartas na prisão era uma prática consagrada. Os presos se ajudam mutuamente. Desenham papéis especiais, e emprestam lindas caligrafias. Algumas vezes ajudam a trazer os "de fora" pra "dentro". Eu apenas me deixei levar no fluxo deste "rio" de comunicação. Para dizer a verdade, eu não escrevia as cartas, pois elas eram ditadas. Seus verdadeiros autores eram os presos.

Entretanto, depois de tanta carta, eu já tinha a idéia do que eles queriam dizer. Numa linguagem acadêmica, eu já conhecia a sua estrutura, pois era recorrente. Algumas vezes eu ajudava mesmo, inclusive na formulação do texto,

⁷ Embora eu estivesse na condição de "Curso Superior", o que me dava direito a uma "cadeia especial", alguns presos podiam "pagar" para obter o benefício, por isso se justifica minha convivência próxima com eles.

⁸ Aquele ensaio de Marcel Mauss.

mas era raro. Por exemplo, em certa ocasião um preso chamado Amarildo me pediu auxílio para escrever uma carta. Era para a sua esposa. Peguei um papel para fazer um rascunho, pois ele queria passar a limpo com sua própria letra no papel decorado com uma flor que trocou com seu Nico. Perguntei a ele qual era o nome dela: “Marta”, disse ele. Iniciei de modo simples, assim: “Minha querida esposa Marta”. Ele ficou me olhando. Achei que ele estava juntando palavras para dizer e esperei com paciência. Depois ele disse: “Eu nunca chamei minha mulher nem esposa e nem de querida”. Falei que isso era um problema e brinquei com ele para quebrar o gelo. Perguntei se ele nunca tinha se ajoelhado e beijado os pés dela e a chamado de rainha. Todos riram. Pedi que ele me contasse a história da sua vida. Em resumo, o cara era um safado! Mesmo assim dei uma força para ele dizer o que queria, mas não sabia como. Não tenho a carta original, mas, de memória, ficou mais ou menos assim:

“Minha querida Marta.

Espero que esta carta encontre você e as crianças com saúde e na graça de Deus.

Sei que vai parecer estranho, mas nos últimos anos tenho sido um safado e só percebi tudo que tinha depois que perdi. Minha vida tem sido inútil e vazia. Aqui na cadeia a gente tem bastante tempo pra pensar na vida. Gostaria de ter a oportunidade de conversar com você. Já faz dois anos e talvez você já esteja até com outra pessoa, mas mesmo assim, gostaria de pedir perdão a você, por fazer você e as crianças chorarem e por eu não ter te valorizado como você merece. Estou muito sozinho aqui e não recebo muita visita. Vou mandar esta carta pela mãe e se der, apareça. Vou ficando por aqui.

*Um beijo de quem nunca te esqueceu,
Amarildo.”*

Como enfatizei, eles geralmente ditavam, ou eu apenas lia com eles o conteúdo. Entretanto este é um exemplo de um caso era “grave”, por isso tive que escrever, melhor dizendo, criar um personagem. Quando terminei, ele disse: “mas esse aí não sou eu”. Era lógico. Também é uma evidência de que, ao escrever, o sujeito de alguma forma tenta se reconhecer na narrativa. Hoje eu pergunto: se não era ele e nem eu, então quem era?

Respondi a ele: “Amarildo vamos fazer o seguinte, manda assim mesmo, já que você não tem nada a perder mesmo...”. A carta foi enviada e o resultado apareceu na semana seguinte. A esposa e a filha vieram visitá-lo. Dei um conselho a ele: “Não perca a oportunidade, não esqueça, beije os pés dela se preciso, mas não a deixe escapar”. No final da visita ele disse: “Valeu ladrão...”. Como eu não fumava, eles não tinham quase nada que me interessasse. Eles sabiam disso e me

retribuíam o favor na forma de respeito e, às vezes, facilitavam as coisas pra mim, quando a “cadeia pesava”. Cada preso tem a sua maneira ou estratégia de adquirir “respeito”. A minha foi esta. Este foi o meu personagem.

Para um prisioneiro, ser chamado de “ladrão” é um elogio. E foi dessa forma que me tornei um “cara responsa”. Destaco com isso que o crime cometido não é para mim, no atual momento, uma barreira. Pelo contrário, o crime, “do lado de dentro”, tem outra interpretação, e o seu significado no interior de uma rede de relacionamentos é um dos pontos que me interessa. Sendo eu um “laranja”, preso primário e com a acusação de corrupção de menores, minha situação era muito difícil, ou seja, na hierarquia dos *status*, minha situação era a de um “ninguém”, estava “no bico do urubu” como me diziam os carcereiros, “se não fosse nós os caras já tinha te arregaçado”, completavam. Num ambiente hostil, quem não é forte, no braço e no artigo, tem de ser inteligente e submisso. Presenciei muitas agressões e até um esfaqueamento. Também brigas entre os próprios agentes penitenciários, e o alcoolismo entre estes profissionais seria um bom tema de pesquisa. Na verdade, neste mundo tenebroso da cadeia todos são de algum modo afetados.

A cadeia, o preso e o crime

A cadeia é um lugar perigoso e incerto. É um lugar para banidos. É um lugar de constante alerta e as fronteiras confiáveis desaparecem facilmente. Evidentemente que não é bom generalizar, as exceções existem e conheci algumas para as quais eu realmente devo a minha vida. Mas não foram poucas as vezes que fui retirado da cela por agentes penitenciários e presos de confiança para extorsões e chantagens emocionais. Até comida eu fiz para os agentes. Na verdade é uma estratégia de endividamento: por um prato de comida sua alma é vendida ao “diabo”.

Outra vez, um agente me tirou para me dar um “passe de saravá”. Sua intenção era “vender” um “trabalho” para “meu Orixá” e ajudar a me livrar da cadeia. Ele se deu mal visto que sou evangélico e não fechamos negócio. Mas ouvi tudo atentamente e com respeito, “pra não dar vacilo”, depois ele me pôs para cozinhar “comida do santo” a base de peixe e muitas ervas, um verdadeiro ritual de Candomblé. Isso é literalmente “relativizar”. O que desejo enfatizar é que, em determinadas cadeias, é quase indiscernível as fronteiras de quem é agente e quem é preso. Pode ser que em modernas prisões onde os agentes são treinados,

formados para a profissão, uniformizados e equipados, as fronteiras sejam aparentemente mais evidentes, mas naquele contexto não era, e acredito que seja a realidade de muitas cadeias e delegacias superlotadas.

As pessoas que se encontram presas, salvo raras exceções, foram julgadas e condenadas na formalidade da Lei e é legítimo que estejam afastadas da sociedade. Além de vigorarem Direitos Humanos que garantem sua integridade como ser humano, também não foram condenadas a não terem relacionamentos familiares e afetivos. Este fato é importante para que não fique a impressão de condescendência para com o crime e a delinquência. Minha intenção, ao relaxar esta condição no texto, é a de facilitar a construção de uma alteridade que viabilize o trabalho etnográfico. Juízos emitidos ou preconcebidos não acrescentariam ganho nenhum. Igualmente a atenção serve para a militância sobre Direitos Humanos e ideologias humanísticas que versam sobre a exclusão.

A relação entre a pessoa e o crime cometido tem uma conotação interna, um valor “nativo”, e é tão-somente a força deste elo que é acolhida para análise. Quando me refiro aos prisioneiros como amigos e companheiros, ou quando eles me chamam de “ladrão” ou “companheiro”, me integro a um sistema de reciprocidades e obrigações. Como diz a Bíblia, “na angústia nasce um irmão”. No entanto, a maturidade profissional me leva a aplicar a ressalva em questão durante a análise. Talvez a lição mais importante que consigo evocar com esta atitude seja mesmo o objeto essencial da antropologia, no qual, ao buscar conhecer esse “outro”, distante, perigoso e exótico, na verdade o pesquisador, consciente ou inconscientemente, acaba por descobrir a si mesmo e o modo como a sua própria sociedade se organiza e vive.

O “fio de Ariadne”

Depois de solto e reintegrado ao curso de pós graduação, compartilhei com minha orientadora Selma Baptista a intenção que tinha em produzir um estudo, experimental em muitos aspectos, na esteira da Antropologia da Experiência, utilizando como dado principal da pesquisa minha experiência de prisão e as cartas, tanto de amigos que estavam presos como as de seus familiares, amigos e

namoradas. O incentivo da pesquisadora deflagrou, por assim dizer, a pesquisa, em termos acadêmicos, amadurecida.

Voltei várias vezes à prisão, claro, como visitante e pesquisador. Aos poucos, na medida em que visitava amigos que fiz na prisão, “irmão de sofrimento” como eles me chamavam, ao compartilharmos uma refeição ou um café preto, eles me confiavam seus segredos e suas cartas, tanto as familiares quanto as íntimas. Não formalizei os encontros em gravações ou questionários. Preferi a impregnação da experiência. Mesmo estando agora “do lado de fora”, “na liberdade”, minha condição de “iniciado” facilitou este acesso, possibilitando também a construção de uma alteridade essencial, virtude construída na interação e que constitui a condição essencial para uma etnografia bem sucedida.

Para ser honesto com a pesquisa, voltar aos pesados muros do “labirinto” sem me perder em suas esquinas, exigiu um processo de elaboração pessoal, semelhante ao de tecer um “cordão de Ariadne”, que me permitisse entrar e sair sem ser consumido pelo “Minotauro”. Explicando, consistia na tarefa de articular recursos psicológicos para encarar a realidade monstruosa e temível que me propunha a enfrentar. “Por que voltar se você já saiu?” era a pergunta que Marcos me fazia quando ia visitá-lo. Percebi que narrar a experiência vivida é como tecer sua própria cura.

A princípio as cartas me pareciam um ótimo material para um psicólogo ou psiquiatra. Entretanto, na medida em que a observação e o registro dos encontros posteriores foram colorindo um espectro etnográfico, as cartas, seus personagens e enredos passaram a compor uma narrativa que expunha, com muita força, um sujeito explicitado na nudez de sua experiência cravejada por diversas privações. Nessa perspectiva, visualiza-se a experiência da prisão enquanto *lugar* e da privação e isolamento enquanto *situação*.

Este prisioneiro, ao escrever e compartilhar suas angústias, seus medos, sua sexualidade, bem como toda espécie de ausências, lembranças e saudades, congrega experiências de vida num texto comum, um enredo que o constitui em personagem. Pelo ato de narrar cria uma identidade constituída na narrativa em função da experiência vivida, qual seja, a vivência de enfrentar uma situação limite que incide no personagem a partir da realidade externa.

Pude notar ao ler e reler inúmeras cartas, que, pelo ato de narrar-se, de autobiografar, de romancear o sentido de sua vida e a dos outros, seu discurso muitas vezes revela que o remetente se encontra numa situação de limite: a realidade da prisão “pesa” demais. Ou seja, o isolamento, neste contexto, produz solidão. De um outro ponto de vista, esta situação limite tem a intenção de recolocar o preso em outro “lugar”, de vencer a provação e posicioná-lo entre “os de dentro” e “os de fora”.

A dialética da solidão

O “peso”, sentido na alma do prisioneiro, pode ser traduzido como a dialética da solidão. A dialética da solidão é desencadeada por uma situação limite, uma experiência limite. Incide a partir da interioridade e da subjetividade do prisioneiro. Se expressa em um “jogo” dialético entre presença e ausência, entre (a meio caminho) o espaço do dizível e indizível, um espaço “entre” nós.

Nesse sentido, não existe prisioneiro que não seja também uma pessoa deprimida e solitária. As pessoas podem observar os presos conversando entre si, às vezes rindo, contando piada, mas isso tudo é fachada para dar a impressão que “agüenta a bronca”. A cadeia “pesa”, principalmente para aqueles que deixaram alguém do lado de fora. As conversas que tive com eles raramente versavam sobre o presente ou o futuro. Na maioria das vezes, o assunto era o passado povoado de inúmeros “personagens” protagonistas da saudade ou relatos extraordinários das “aventuras” criminosas que governavam o discurso. Entretanto, cada um tem a sua maneira de lidar com o “fundo do poço”. Por isso, para alguns “a cadeia seria insuportável sem cigarro e maconha dotozinho” como me disse uma vez um agente. Para outros, o “peso” da cadeia, em múltiplos sentidos, inspira, por assim dizer, a busca do “outro” por meio de cartas. Entretanto, este “outro” nem sempre é encontrado. Muitos dos presos com os quais eu convivi jamais recebiam visitas. Por isso, entre outras coisas, o dia da visita era um dos dias mais “pesados” na cadeia, um dia que não passava, que atestava a solidão dos encarcerados. Por outro lado, era também um dia difícil, pois, diante das visitas não era permitido demonstrar fraqueza ou tristeza, era preciso muito esforço para dar a aparência que “ta tudo bem”. Neste dia tudo ficava arrumado e limpo, um cenário propício e acolhedor.

Falar de um sentimento como a solidão, conceito indicado por Norbert Elias, não é uma tarefa simples:

“O conceito de solidão tem um amplo aspecto. Pode referir-se a pessoas cujo desejo de amor em relação aos outros foi muito cedo tão ferido e perturbado que mais tarde dificilmente podem reviver a experiência sem sentir os golpes anteriormente recebidos, sem sentir a dor a que esse desejo as expôs em outros tempos. Involuntariamente, pessoas assim afetadas ocultam seus sentimentos em relação aos outros. É uma forma de solidão.” (ELIAS, 2001:75)

Esta é a forma comum de solidão a qual Vinícios de Moraes ilustra em sua poesia:

“A maior solidão é a do ser que não ama.
A maior solidão é a dor do ser que se ausenta, que se defende, que se fecha, que se recusa a participar da vida humana.
A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, o que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro.
O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo.
Esse queima como uma lâmpada triste, cujo reflexo entristece também tudo em torno. Ele é a angústia do mundo que o reflete.
Ele é o que se recusa às verdadeiras fontes de emoção, as que são o patrimônio de todos, e, encerrado em seu duro privilégio, semeia pedras do alto de sua fria e desolada torre.”

O sentimento de solidão que é a matéria da dialética que trato neste trabalho é esta, contida na segunda metade da explicação sociológica oferecida por Norbert Elias :

Outra forma de solidão, que é social no sentido mais estrito, ocorre quando as pessoas vivem num lugar ou têm uma posição que não lhes permite encontrar outras pessoas da espécie que sentem precisar. Neste, e em muitos casos afins, o conceito de solidão refere-se a uma pessoa que por essa ou aquela razão é deixada só. Tais pessoas podem viver entre outras, mas não tem significado afetivo para elas.[...] inclui também uma pessoa em meio a muitas outras para as quais não tem significado, para as quais não faz diferença sua existência, e que rompem qualquer laço de sentimentos com ela.[...] as prisões e câmaras de tortura dos ditadores são exemplos dessa espécie de solidão” (ELIAS, 2001:75)

Entretanto, é uma solidão sentida em ambigüidade, uma vontade de estar só, mas não solitário, como ilustra Lima Barreto:

“Um dos horrores de qualquer reclusão é nunca se poder estar só. No meio daquela multidão, há sempre um que nos vem falar isto ou aquilo. No hospício, eu resenti esse incômodo que só pode ser compreendido por quem já se viu recolhido a qualquer prisão; lá, porém, é pior do que em outra qualquer, sobretudo quando se está perfeitamente lúcido, como eu estava, e não pode, por piedade, tratar

com mau humor os outros companheiros, que são doentes.”
(BARRETO, 1961:210)

Advogo que é justamente esta dialética que conjuga privação e isolamento com a busca da presença do “outro”, a dialética da solidão, que induz e produz solidariedade numa rede de relações na prisão, criando a “irmandade”, “os irmão de sofrimento”, ou os “companheiros de solidão”. Desse modo, é possível perceber na dinâmica da circulação das cartas o espelhamento de uma organização social bastante peculiar, e na narrativa de um discurso comum os aspetos da experiência da prisão.

Isolamento e Solidão

Sabe-se que as “instituições totais” também apresentam a característica de serem “impermeáveis”. A pretexto da “recuperação” do prisioneiro justifica-se a necessidade tanto da reclusão, quanto do isolamento involuntários. No cárcere aplica-se o isolamento pelo controle das referências do prisioneiro com o mundo exterior, por exemplo, a família, a igreja, a escola, os colegas, o bairro e outras referências. As visitas são restringidas a uma pessoa, e com boa conduta pode-se ver também os filhos. É como se houvesse a necessidade de, além das grades, muros ou telas eletrificadas, uma outra barreira isolante entre o preso e a sociedade. Por essa razão talvez seja tão difícil a readaptação quando do seu regresso. Quando mais “dócil” ou “de bom comportamento” for o preso, mais permeável é, em doses bem mínimas, a sua cadeia. Um “atestado de boa conduta carcerária” é geralmente redigido por critérios bastante subjetivos e atua em duas vias: pode ocultar um comportamento realmente perigoso ou privar uma pessoa de receber o atestado, justamente por resistir ao controle para não perder seus vínculos externos.

A “impermeabilidade” traduzida na forma de “isolamento” no interior desse contexto manifesta um aspecto focalizado como tema neste trabalho. Para isolar o preso do mundo externo, como já foi dito, todas as vias deste contato são monitoradas, vigiadas e a individualidade restringida ao mínimo. Nesse sentido, “isolamento” resulta em “solidão”. O ser humano reage de múltiplas formas à solidão e uma delas é a busca do outro. O meio de comunicação alternativo ao isolamento é a escrita e, por essa razão, a grande maioria dos prisioneiros escreve cartas. A censura das cartas que “saem” do presídio é uma prática comum e visa a “proteção” da ordem, na qual supostamente os presos articulariam atividades ilícitas como o tráfico de

drogas interno, rebeliões, entre outras situações de ameaça. Entretanto, o abuso do poder ultrapassa a subjetividade de seus limites, tratando todo prisioneiro de igual maneira ou privilegiando aqueles que de alguma maneira podem manipular e oferecer algo em troca.

Na cadeia, qualquer aspecto positivo, como alívio ou alguma dignidade, mesmo um simples “banho de sol” vira moeda de troca. Nesse contexto, existe duas maneiras de enviar uma carta na prisão. A primeira opção é submeter-se à via oficial e se render à censura do sistema. A outra é recorrer à via paralela, uma rede de reciprocidade que burla a censura e a vigilância e integra com mais verdade um circuito gigantesco no qual circulam cartas, tanto para fora quanto para dentro da prisão.

A liberdade

Nas cartas, a “liberdade” é um tema recorrente. Idealiza-se, personificada, ora como “pessoa”, ora como “lugar”, pondo em evidência uma esperança comum. A representação da “liberdade” é construída em oposição à situação de isolamento e vigilância. A “liberdade” é um lugar para onde se marcha, é o objetivo a ser alcançado. Seus passos ficam grafados com pequenos riscos em calendários, um dia a menos é um passo a mais rumo à liberdade.

Mas é também a crença na “liberdade” que alinha o grupo, diverso e heterogêneo, em um aspecto comum. É no transcorrer do percurso rumo à “liberdade” que as identidades se (re)formam, que um jogo de sedução é travado, que a consciência humanitária sobre si e seus direitos se exacerbera, e ainda, onde os territórios são rígida e constantemente negociados. Nesse sentido, as relações estabelecidas para fazer com que a carta chegue a seu destino, bem como o conteúdo narrado, destacam elementos das configurações das histórias de vida destes personagens.

Encerrando este item, é importante ressaltar ainda, sobre o itinerário da pesquisa, que também percorri diversas trilhas complementares para pôr em evidência o enredo que constitui o prisioneiro como personagem. Viajei no ônibus junto com seus familiares e conversei com eles. carreguei comigo cartas clandestinas, passei por diversas revistas. Compartilhei com eles da dinâmica que circunda perifericamente este tema. Aprendi a respeitar as regras, suspender valores

e superar preconceitos. Na medida em que abro as cartas para a análise etnográfica, a voz destes indivíduos/personagens falam conjuntamente com a minha, uma vez que eu também me incluo como um duplo personagem/autor deste “romance” da vida real.

Nesse sentido, cabe explicar que a primeira versão deste trabalho me conduziu ao diagnóstico de um dilema pessoal do tipo “esquizofrênico”⁹. O prisioneiro e o Antropólogo. Deparei-me com a decisão entre assumir uma forma “científica”, me cercado de um extenso referencial teórico, ou optar por uma forma “ensaística” menos engessada e mais próxima da literatura. Minha escolha foi em favor do “objeto”, pois procuro, em todo tempo, fazer emergir um personagem a partir de um evento narrativo, suas cartas articulado com a experiência da prisão. Por essa razão, privilegiei um dos capítulos com uma narrativa mais livre e literalizada, o que não é comum em um trabalho acadêmico.

Justifico esta escolha experimental entendendo que as duas narrativas, seja o discurso monográfico seja o literário, podem coexistir num texto por uma relação de complementaridade, e desconfio que este talvez seja o maior desafio para uma atividade intelectual completa. Desse ponto de vista, assumo que a etnografia, tanto no nível de seu conteúdo quanto no de sua forma, é alegórica.

“A alegoria (do grego *allos*, “outro”, e *agoreuein*, falar) normalmente denota uma prática na qual uma ficção narrativa continuamente se refere a outro padrão de idéias ou eventos. Ela é uma representação que “interpreta” a si mesma.” (CLIFFORD, 1998:65)

Esta descrição alegórica ou “literalizada” pode ser entendida de duas formas: como recurso literário para aproximar o leitor da experiência e como recurso etnográfico, que são inescapavelmente alegóricos. Por exemplo, em trabalhos experimentais, a literatura é acolhida e proporciona um contraponto com a realidade, como pode ser observado no trabalho de Michael Taussig, *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem - um estudo sobre o terror e a cura*¹⁰. Embora Taussig não problematize as implicações desta hermenêutica para as ciências sociais, suas referências a Joseph Conrad, Carlos Fuentes e Miguel Angel Asturias,

⁹ O capítulo subtraído foi incluído no final como anexo. Ele ajudará o leitor não familiarizado com leituras antropológicas a compreender o percurso que a Antropologia realiza ao longo do desenvolvimento da disciplina.

¹⁰ Neste trabalho

Alejo Carpentier demonstram que, nos escritores, o imaginário pode incursionar pelo real de modo mais livre e descompromissado.

Ao descrever de forma liralizada alguns episódios singulares da experiência da prisão como um narrador onipresente, que é tanto testemunha do fato como entidade, que pode ler as “mentes” de seus personagens e ajudá-los, por meio da ficção, representar estes sentimentos sociais, minha intenção foi a de tornar explícito um “ato”, uma “cena” do drama social em questão. A diferença é que, para este experimento, aqui, o antropólogo é autor de sua própria “ficção”, animando personagens em um *script* etnografado.

Como escritor-testemunha, reconheço que o ponto de partida que estimula o trabalho é a experiência-limite. Algumas vezes parece que a escrita não dá conta de expressar a experiência e o recurso ficcional é chamado ao texto. A estética ficcional aparece como uma “junta” que dá coerência à seqüência narrativa e a torna verossímil aos olhos do leitor. As conseqüências deste recurso só poderão ser avaliadas no conjunto do trabalho, mas possibilita afirmar de antemão que aceitar este fato, que etnografias assim constituídas como texto “modificam a forma com que eles (os textos) podem ser escritos e lidos” (CLIFFORD, 1998:65).

Capítulo Primeiro: Olhares

“Tinha um coração humano, sem dúvida, mas adquirira hábitos de animal. Enfim todos nos animalizávamos depressa. O rumor dos ventres à noite, a horrível imundície, as cenas ignóbeis na latrina já não nos faziam mossa. Rixas de quando em quando, sem motivo aparente; soldados ébrios a desmandar-se em coações e injúrias. Essas coisas a princípio me abalavam; tornaram-se depois quase naturais. E via-me agora embrulhado num pugilato”.

Graciliano Ramos – Memórias do Cárcere

Olhares sobre a prisão

As cartas dos prisioneiros constituem concretamente uma fonte de dados que interpreto como um *corpus* narrativo que contrasta com as experiências e observações realizadas em campo. Como venho enfatizando, elas têm em comum que seus *Remetentes Primários*, ou seja, aqueles que dão o início à comunicação e solicitam que a carta seja aceita pelo destinatário, estão presos. O campo de pesquisa neste sentido se dá duplamente: pelo *referencial geográfico*, ou seja, a prisão como lugar, mas também; por uma *situação*, qual seja, que os remetentes são pessoas que compartilham das contingências do banimento social e do isolamento.

Evidentemente, compartilham, inclusive o fato de terem cometido crimes ou estão sendo acusados de um lapso moral, para generalizar todas as espécies de crimes circunstanciais movidos pela forte emoção, pelo momento. Por conta dessa condição, os remetentes primários estão presos cumprindo penas temporalmente estabelecidas segundo o crime que cometeram. Neste capítulo, apresento na forma de olhares diversos sobre a prisão, um pano de fundo que servirá para a constituição do enredo dos “personagens”.

O olhar acadêmico

Sobre este tema Erving GOFFMAN¹¹ é uma referência clássica tratando as instituições sociais segundo a sua respectiva tendência ao “fechamento”. Por “fechamento” o autor entende o que está “*simbolizado pelas barreiras em relação ao*

¹¹ GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo, Perspectiva:1974. p.16.

*mundo social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, floresta, pântanos.*¹²

Nesse contexto, tipificam, num grau máximo de restrição as “*instituições totais*” que segundo o autor “*podem ser definidas como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.*”¹³

As instituições carcerárias como os presídios são as “*instituições totais*” que apresentam outra característica apontada por Michael Foucault, qual seja, a de serem aparelhos “*transformadoras do indivíduo*”¹⁴. Tem início um ritual de “desumanização” do preso logo na admissão. Deixa de ser um indivíduo e passa a fazer parte de uma “peça” a ser “destroçada” pela “máquina” institucional. Este “destroçamento” atua na deformação pessoal da *identidade* do prisioneiro. A integridade física e psicológica do preso não pode ser garantida, justamente por estas “mutilações” fazerem parte do instrumental de rendição, de punição e vigilância. Visa registrar profundamente nos sentidos da pessoa presa, as conseqüências que poderão ocorrer caso não se submeta. A motivação institucional justifica esta ação, nunca francamente, a pretexto de uma reeducação, ou para marcar fronteiras pessoais entre os presos e os demais agentes. A ação sobre o corpo que atinge a alma do prisioneiro é de uma magnitude tão intensa que, ao ganhar a sua liberdade, em muitos casos, o prisioneiro sente-se perdido e inapto à vida social. Isola-se e, paradoxalmente, quer voltar a prisão por já estar seguro das regras que regulavam sua vida.

Soube de um homem que vivia com seu cachorro em frente ao prédio do presídio do Ahú, em Curitiba e serve de exemplo. Ele esteve preso nesta instituição durante toda a juventude. Já velho, sem vínculos sociais, ele permanecia ali, no único

¹² Ibid., p. 16.

¹³ Ibid., p. 11.

¹⁴ FOUCAULT, Michael. Vigiar e Punir – História das violências nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete, 13 ed. Vozes, Petrópolis:1996. “Quando os instrumentos utilizados, não são mais os jogos de representação que são reforçados e que se faz circular; mas formas de coerção, esquemas de limitação aplicados e repetidos. Exercícios, e não sinais: horários, distribuição do tempo, movimentos obrigatórios, atividades regulares, meditações solidárias, trabalho em comum, silêncio, aplicação, respeito, bons hábitos. E finalmente o que se procura reconstruir nesta técnica de correção não é tanto o sujeito de direito, que se encontra preso nos interesses fundamentais do pacto social: é o sujeito obediente, indivíduo sujeito à hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele, e que ele deve deixar funcionar automaticamente nele. Duas maneiras, portanto, bem distintas de reagir à infração: reconstruir o sujeito jurídico do pacto social – ou formar um sujeito de obediência dobrado ao mesmo geral e meticolosa de um poder qualquer”. (p.106).

lugar que lhe fornecia alguma referência. Como era conhecido dos agentes, recebia como doação algumas marmitas de comida e algumas vezes realizava pequenas tarefas no jardim. Quando do fechamento deste presídio, sua maior preocupação era esta: não teria mais a “sua casa”.

Estes dois pontos de vista clássicos, sobre o isolamento e transformadoras do indivíduo, tanto de Goffman, quanto de Foucault são amplamente conhecidos e estão presentes na maioria dos estudos sobre as relações entre a prisão, seus agentes e dominados.

Estudos acadêmicos mais recentes sobre o fenômeno da criminalidade urbana¹⁵, no contexto brasileiro particularmente em São Paulo e Rio de Janeiro, como aponta o professor Sergio Adorno, relacionam o tema à perspectiva de um “*drama social*”, no sentido igualmente clássico apontado por Vitor Turner¹⁶. Implica avaliar questões metodológicas a respeito da construção do objeto, sobre as relações entre observador e observado, as diferentes técnicas e métodos de investigação, bem como o emprego de histórias de vida na análise. É o mesmo contexto em que se insere este trabalho. Em “A prisão sob a ótica de seus protagonistas – Itinerário de uma pesquisa”, o autor aponta que:

“As percepções sociais da violência criminal podem ser compreendidas enquanto “drama social” no sentido atribuído por Turner (1974). A sociedade desnuda-se em seus fragmentos e põe à mostra sua complexidade: seus múltiplos cenários, os diferentes atores que intervêm com suas forças e suas falas, os estilos de ação, as regras que fazem funcionar o aparato institucional repressivo e jurídico, as emoções que experimentam aqueles que vivem o drama na condição de protagonistas ou de seus expectadores. Enquanto “drama social” que envolve atores situados de modo diferente na arena da vida coletiva, o crime traduz um sentimento desmesurado de medo: o perigo está muito próximo, circunda as ruas, o ambiente privado dos lares e do trabalho. Está difuso e presente nos mais recônditos espaços da vida social. Todo contato ou vínculo social passa a ser visto como passível de “impureza”, o que reforça expectativas de isolamento e segregação. Trata-se de um sentimento perverso: ao mesmo tempo em que expressa a insegurança da vida social na sociedade brasileira em sua etapa contemporânea de realização, reascende desejos de soluções drásticas, enérgicas, pouco compatíveis com uma sociedade

¹⁵ Para análise mais detalhada sobre a criminalidade violenta consultar: ADORNO, 1991 - COELHO, 1978; 1980 e 1988. – PAIXÃO, 1983 e 1988 – ZALUAR, 1989.

¹⁶ TURNER, Vitor. O processo ritual. (Estruturas e anti-estruturas). Petrópolis, Vozes:1974. - O conceito de “drama social”, elaborado por Victor Turner (1974), trata de um processo que envolve quatro momentos: 1) ruptura (breach); 2) crise e intensificação da crise; 3) ação reparadora (redressive action); e 4) desfecho, que se manifesta como solução harmonizante ou reconhecimento de cisão irreparável. Esse conceito inspira-se no modelo criado por Arnold Van Gennep (1978) para análise dos ritos de passagem, os quais, por sua vez, são entendidos como processos constituídos por três momentos: 1) ritos de separação; 2) ritos de transição; e 3) ritos de reagregação. A experiência de liminaridade refere-se, particularmente, ao segundo momento.

democrática voltada para a preservação dos direitos humanos.”¹⁷(ADORNO, 1991:7)

Apresenta-se em dois atos: por um lado, mostra como a maioria das pesquisas neste campo apontam para a apresentação cada vez mais especializada de uma vida socializada na delinqüência. Nela, diferentes modalidades de crimes violentos se intercambiam bem como apresenta uma organização cada vez mais mercantil como no caso do tráfico de drogas. A pobreza afeta os jovens, como enfatiza Alba Zaluar sobre este conjunto:

[...] os efeitos da pobreza da urbanização acelerada sobre o

Por outro lado, é também um olhar dirigido a camadas mais pobres da população onde miséria, juventude perdida e criminalidade se articulam construindo a representação cada vez mais monstruosa da população encarcerada, que “merece” o tratamento que lhe é reservado.

Por esta razão, faz-se necessário olhar para além desta visão, para o outro lado, através de um olhar interno, que revela o grau de desumanidade no tratamento durante a internação.

Um outro estudo analisando recentemente as implicações sociológicas relacionadas à punição, encarceramento e construção de identidade, do ponto de vista dos agentes penitenciários, o professor Pedro Rodolfo Bodê de Moraes¹⁸ destaca que o conceito sugerido por Goffman deve ser interpretado como um modelo analítico que serve como ponto de partida, mas que deve ser ampliado. Nesse contexto, o autor demonstra que a vida nas instituições prisionais, essa “microcidade fechada” é um forte indutor de construção de identidade. Seu início seria a “mortificação” da identidade no “mundo livre”, cujo referencial principal se dá “no trabalho, no emprego e na profissão”. Na prisão o preso é visto como “vagabundo”.

O autor advoga que as mesmas pressões sofridas pelo preso, o qual deve aprender rapidamente a “ser um preso”, pois a sua sobrevivência depende disso, o

¹⁷ ADORNO, Sérgio. A prisão sob a ótica de seus protagonistas. Itinerário de uma pesquisa. Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo, 1991.

¹⁸ MORAES, Pedro Rodolfo Bode de. Punição, encarceramento e construção de identidade profissional entre agentes penitenciários. São Paulo: Ibcrim, 2005.

mesmo fenômeno acontece com os agentes penitenciários, que acabam sofrendo uma assimilação de comportamento, fator de grande impacto na vida destes profissionais. O agente penitenciário, no exercício de sua profissão, se vê obrigado a integrar-se de tal maneira ao convívio com os presos que passa, em certa medida, a identificar-se com eles. Grande parte do trabalho do autor problematiza este fenômeno. O fato é que a questão não escapa da relação entre violência e o exercício do poder. Neste tema está em destaque a construção da autoridade do agente. Tal autoridade, sob muitos aspectos não é construída sem violência. Esta medonha assimilação denota o sentido que a prisão exerce tanto no preso, quanto nos agentes penitenciários, sobre a construção da identidade. A diferença entre eles reside no fato de que o preso é o “vagabundo” e o agente penitenciário é o trabalhador. Para o autor, o uso da violência parece inevitável e é assimilada pela sociedade como um mal necessário e legítimo.

Vale refletir que um olhar sobre outro ângulo revela o submundo das cadeias, o qual articula pobreza de direitos humanos, pessoas que acumulam histórias de abusos, torturas, e privações desumanas como a fome, a doença, a nudez, humilhações e desvalorização do ser humano. A hipocrisia, em múltiplos sentidos inclusive acadêmica¹⁹, em nome da ordem, fecha os olhos e ouvidos²⁰.

O olhar estético

Esse olhar, quando privilegiado pela perspectiva literária, ilustra personagens em seus enredos e espelham os argumentos de tudo que foi dito acima. “Memórias do Cárcere”, de Graciliano Ramos, é um clássico nacional sobre a tragédia da essência da condição humana. O clássico romancista russo Fiodor Dostoievski, que vivenciou o regime rigoroso dos trabalhos forçados na Sibéria, conhecido como “sistema celular”, enfatiza que o método de punição resulta numa ação perversa, *“suga a seiva vital do*

¹⁹ Uma ciência social crítica desmistifica uma versão da almejada neutralidade científica. A se colocar ao lado do oprimido e valorizar seu pondo de vista oferecendo-lhe visibilidade e voz, apresenta este caráter subversivo sem, entretanto se render à “lógica nativa”.

²⁰ Na época em que eu estava preso, todos os dias os presos recebiam um balde com creolina para desinfetar as latrinas e o piso. Era uma ação idiota visto que era para prevenir a tuberculose, a cólera e a leptospirose, pois os ratos, vetores destas doenças e outras pestilências estavam por toda parte. Vários presos, que dormiam em jornais e papelões sob e duro e frio piso de cimento, eram hospitalizados semanalmente, com a doença já em alto grau de evolução. Eu mesmo utilizei de um privilégio, o de ter um curso superior e de ter um bom advogado para solicitar que um médico viesse me visitar. Na verdade, a consulta era para um companheiro que havia solicitado auxílio ao delegado e ele esbravejou xingando-o com todos os palavrões do dicionário do diabo. Mesmo assim, o preso doente sofreu suas agruras contando apenas com a solidariedade dos demais. Eu que nunca havia aplicado uma injeção, arrumei este ofício.

*indivíduo, enerva-lhe a alma, enfraquece-o, e depois apresenta como um modelo de regeneração, de arrependimento, o que é apenas uma múmia ressequida e meio louca*²¹.

A dimensão humana dos prisioneiros também foi ricamente retratada na obra de Graciliano Ramos²² em *Memórias do Cárcere*. O autor esteve preso no pavilhão dos primários na Casa de Correção, acusado de pertencer ao Partido Comunista, no ano de 1936, durante a ditadura de Getúlio Vargas. Justificando sua maneira atormentada e amarga de escrever, o autor declara: *“Quem dormiu no chão deve lembrar-se disto, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze”*.

Outro autor, nesse mesmo contexto, é Lima Barreto²³, em *Cemitério dos Vivos*. Embora não tenha sido preso, foi internado em um manicômio para tratamento do vício do alcoolismo. A relação entre o manicômio e o poder policial pode ser lido nesta declaração do autor: *“Logo após o café, fui chamado à presença de um jovem médico, muito simpático, pouco certo de seus poderes para curar-me. Fez-me umas perguntas, e senti mesmo que seu desejo era mandar-me embora. Disse-me mais ou menos isso, ou melhor, as suas palavras foram estas, depois de dizer o que eu tinha tido: – Não há dúvida... Mas o senhor ou você – não me recordo – veio pela polícia, tem que se demorar um pouco”*.

O banimento, seja pela criminalidade ou pela loucura, é ilustrado por meio desses dois clássicos²⁴. O inquestionável valor histórico de ambas está em contar uma parte da História, não pela via dos historicismos coniventes ao poder dos dominantes, mas por fazer eco, como ensina Benjamim, a uma história contada do *ponto de vista dos vencidos*. Seus livros de memória contam histórias a partir do ponto de vista dos encarcerados. Por terem sido presos, suas visões de mundo estão profundamente afetadas pela experiência da prisão e do banimento social.

²¹ DOSTOIEVSKI, M. Fiodor. Recordações da Casa do Mortos. Tradução de Rachel de Queiroz.

²² RAMOS, Graciliano. Memórias do Cárcere (vol. I); prefácio de Nelson Werneck Sodré, ilustrações de Percy Deane, 31^o ed., São Paulo, Record, 1994. – (vol. II)1996.

²³ BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*; prefácio de Eugênio Gomes, São Paulo, Brasiliense, 1961.

²⁴ Um excelente artigo sobre Lima Barreto e Graciliano Ramos pode ser lido no artigo de *Eloisy Oliveira Batista* em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/h00003.htm> - HISTÓRIAS ESQUECIDAS - UM ESTUDO SOBRE AS OBRAS: MEMÓRIAS DO CÁRCERE E CEMITÉRIO DOS MORTOS

A imagem do prisioneiro no imaginário coletivo é intensamente povoado de representações diversas: “*O Conde de Monte Cristo*”, “*Papillon*”, “Um Sonho de Liberdade”, o recente “Estação Carandiru”. São alguns exemplos de filmes centrados no dilema do prisioneiro que a maioria das pessoas já assistiu.

Também a mídia cotidiana colabora para uma versão menos romântica desta imagem. Expõe com aguda realidade o paradoxo de uma sociedade que procura encarcerar seus bandidos na cadeia, ao mesmo tempo em que a cadeia aparece como lugar de extrema violência e abusos, no qual os Direitos Humanos são, via de regra, ignorados ou violados em nome da vigilância e da punição.

Nas telas de cinema o romance *Papillon*, de Henri Charrière em 1969, ilustra as vicissitudes de um grupo de prisioneiros no qual Papillon e Louis Dega protagonizam as agruras de ser um prisioneiro na Guiana Francesa e na inexpugnável prisão na Ilha do Diabo da qual empreende em 1935 uma fuga espetacular. O verdadeiro autor de *Papillon* na verdade foi outro prisioneiro e fugitivo, René Belbenoît, um intelectual que relata a façanha de sua fuga junto com quatro prisioneiros no livro *Dry Guillotine*, ganhador do prêmio Pulitzer de 1938. Suas denúncias sobre os maus tratos ocorridos sistematicamente na Guiana Francesa ganharam grande repercussão, levando o governo francês a desativar definitivamente aquela prisão. René Belbenoît viveu o restante de seus dias no Brasil no Estado de Roraima, falecendo em 1978.

Na produção literária brasileira, no contexto dos livros jornalísticos e dos romances sociológicos, destacam-se as incursões de Percival de Souza²⁵ em “*A prisão: histórias dos homens que vivem no maior presídio do mundo*”, nos anos 70, e Drauzio Varella, nos anos 90, em “Estação Carandiru”, no interior do maior presídio brasileiro, a Casa de Detenção de São Paulo conhecido como Carandiru, os quais contribuíram para repercutir a desumana condição em que se encontravam os presos culminando no massacre de 111 homens. Descrevendo uma ala do cárcere, Drauzio Varella escreve:

“A masmorra fica em frente à gaiola de entrada do pavilhão. É guardada por uma porta maciça, ao lado da qual uma placa avisa que é terminantemente proibida a entrada de qualquer pessoa não autorizada. São oito celas de um lado da galeria escura e seis do outro, úmidas e superlotadas. O número de habitantes no setor não é inferior

²⁵ E outras obras como: “O Prisioneiro da grade de Ferro” e “Sindicato do crime:PCC e outros grupos”.

a cinqüenta, quatro ou cinco por xadrez, sem sol, trancados o tempo todo para escapar do grito de guerra do Crime: - Vai morrer! Ambiente lúgubre, infestado de sarna, muquirana e baratas que sobem pelo esgoto. Durante a noite, ratos cinzentos passeiam pela galeria. A janela é vedada por uma chapa de ferro fenestrada, que impede a entrada de luz. Por falta de ventilação o cheiro de gente aglomerada é forte e a fumaça de cigarro espalha uma bruma fantasmagórica no interior da cela. Tomar banho exige contorcionismo circense embaixo do cano na parede ou na torneira da pia, com uma caneca. A masmorra é habitada por aqueles que perderam a possibilidade de conviver com os companheiros. Não lhes resta outro lugar na cadeia: nem nas alas de Seguro, como o Amarelo do Cinco, por exemplo. Mofam trancados até que a burocracia do Sistema decida transferi-los para outro presídio.²⁶

A expressão da agonizante vida no presídio também foi iconografada pela fotógrafa inglesa radicada no Brasil Maureen Bisilliat e outros, no recente livro *“Aqui dentro”- Páginas de uma memória: Carandiru*, composto de gravações de 7.500 detentos, diretores e antigos funcionários. Com fotografias de João Wainer e Pedro Lobo o livro ilustra com toda a força um contraponto com a desumanidade dos discursos: limpeza, alimentação, saúde, educação, transporte, esporte e religião. No conjunto, estas obras falam da condição humana: solidão, doença, lealdade, família, amizade, amor, estratégias de sobrevivência, injustiças e principalmente, prisão.

A Casa de Detenção no Carandiru, a exemplo do caso francês, foi desativada e demolida. O exemplo é seguido em muitas partes do país como o conhecido presídio do Ahú em Curitiba. Considerado pelos presos um “mini Carandiru” foi plenamente desativado no início de 2007.

Nessas obras literárias ou mesmo fotográficas, as representações artísticas sobre os prisioneiros variam pouco e resistem ao tempo. Narram que as prisões brasileiras, salvo raríssimas exceções, além de superlotadas, são insalubres, pestilentas, corrompidas, nas quais a grande maioria da população é constituída de gente pobre, jovem e mal alfabetizada, aos quais não se possibilita amplo direito à defesa, e cumprem pena em total desajuste com o processo formal. O Estado é incapaz de dar garantia de integridade física ao preso. Ao final da pena não sabem o que fazer da liberdade reconquistada, uma vez que os principais elos com a sociedade externa foram extintos, e os que permanecem foram aqueles pactuados na cadeia. O diagnóstico permanece o mesmo.

²⁶ VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Os vários olhares sobre a prisão e o prisioneiro articulam vários nexos: O olhar jurídico, o olhar teórico, o olhar literário, o olhar arquitetônico, o olhar da sociedade, o olhar do preso. Esses olhares ora se especializam, ora se mesclam. Olhar o prisioneiro como personagem de um “drama” significa “textualizá-lo” a partir desta complexidade de olhares. O prisioneiro é a síntese, é a metáfora: figura liminar. É o prisioneiro se vendo por meio destes múltiplos olhares. É o olhar que se dirige a ruptura social, à interrupção com o tempo da vida. Isolamento e solidão articulam a matéria deste pano de fundo, e desta perspectiva, significa olhar para as cartas²⁷ e perceber o sentido e o significado na construção desta via de comunicação.

O prisioneiro é a imagem refletida em um “espelho mágico”, resultado da subjuntividade que caracteriza um estado performático, liminar. Sinaliza quebra do vínculo com a sociedade maior. É o preso que age em estado liminar, num estado de distanciamento cotidiano. O prisioneiro como personagem ilumina o social por meio dos símbolos que emanam desses momentos liminares. Revela verdades soterradas e escondidas sobre o mundo social. Os símbolos unem, articulam diferenças, resolvem ou revelam tensões sociais. O prisioneiro é, nesse sentido, a expressão de um processo, de uma experiência vivida, de correr o risco. Nesse sentido, uma carta pode ser tomada como a máscara deste personagem. Nela está condensada tudo que esvazia ou preenche a vida do personagem.

²⁷ Não se pode afirmar que todos os presos escrevem cartas, entretanto, todos os presos com os quais convivi escreviam cartas e esta é uma prática recorrente entre a população encarcerada.

Capítulo Segundo: O discurso ausente

O etnógrafo

“O caso foi-me narrado no Texas, mas acontecera em outro Estado. Conta com um único protagonista, salvo que em toda a história os protagonistas são milhares, visíveis e invisíveis, vivos e mortos. Chamava-se, creio, Fred Murdock. Era alto ao estilo americano, nem louro nem moreno, com perfil de machado, de muito poucas palavras. Nada singular havia nele, nem sequer essa fingida singularidade que é própria dos jovens. Naturalmente respeitoso, não desacreditava dos livros nem dos que escrevem os livros. Sua idade era essa em que o homem não sabe ainda quem é e está disposto a se entregar ao que lhe propõe a sorte: a mística do persa ou a desconhecida origem do húngaro, as aventuras da guerra ou da álgebra, o puritanismo ou a orgia. Na universidade aconselharam-lhe o estudo das línguas indígenas. Há ritos esotéricos que perduram em certas tribos indígenas. Há ritos esotéricos que perduram em certas tribos do Oeste; seu professor, um homem idoso, propôs-lhe que fizesse sua morada em uma reserva, que observasse os ritos e que descobrisse o segredo que os feiticeiros revelam ao iniciado. Na volta, redigiria uma tese que as autoridades do instituto dariam lume. Murdock aceitou com alacridade. Um de seus antepassados morrera nas guerras da fronteira; essa antiga discórdia de suas estirpes era agora um vínculo. Previu, sem dúvida, as dificuldades que o aguardavam, tinha de conseguir que os homens vermelhos o acolhessem como um dos seus. Empreendeu a longa aventura. Mais de dois anos viveu na pradaria, entre paredes de adobe ou à intempérie. Levantava-se antes da aurora, deitava-se ao anoitecer, chegou a sonhar em um idioma que não era de seus pais. Habitou seu paladar a sabores ásperos, cobriu-se com roupas estranhas, esqueceu os amigos e a cidade, chegou a pensar de uma maneira que sua lógica refutava. Durante os primeiros meses de aprendizado tomava notas sigilosas, que rasgaria depois, talvez para não despertar a suspicácia dos outros, talvez porque já não as precisasse. Ao término de um prazo prefixado por certos exercícios de índole moral e índole física, o sacerdote ordenou-lhe que fosse relembrando seus sonhos e que confiasse a ele ao clarear do dia. Comprovou que nas noites de lua cheia sonhava com bisões. Confiou esses sonhos repetidos a seu mestre; este acabou por revelar-lhe sua doutrina secreta. Uma manhã, sem despedir-se de ninguém, Murdock partiu.

Na cidade, sentiu saudades daquelas tardes iniciais na planície em que sentira, fazia tempo, saudades da cidade. Dirigiu-se ao gabinete do professor e lhe disse que sabia o segredo e que resolvera não revelá-lo.

- Seu juramento o impede? Perguntou o outro.

- Não é essa minha razão – falou Murdock – Naquelas lonjuras aprendi algo que não posso dizer.

- Talvez o idioma inglês seja insuficiente? – Observaria o outro.

- Nada disso, meu senhor. Agora que possuo o segredo, poderia enunciá-lo de cem modos diferentes e até contraditórios. Não sei muito bem como lhe dizer que o segredo é precioso e que agora a ciência, nossa ciência, parece-me simples frivolidade.

Acrescentou ao fim de uma pausa:

- O segredo, ademais, não vale o que valem os caminhos que a ele me conduziram. Esses caminhos devem ser trilhados.

O Professor disse-lhe com frieza:

- Comunicarei sua decisão ao Conselho. O senhor pensa em viver entre os índios?

- Não. Talvez não volte à pradaria. O que me ensinaram seus homens vale para qualquer lugar e para qualquer circunstância.

Tal foi em essência o diálogo.

Fred casou-se, divorciou-se e é agora um dos bibliotecários de Yale.”

*O Etnógrafo*²⁸, in *Elogio da Sombra de Jorge Luis Borges*.

²⁸ BORGES, Jorge Luis. Obras completas de Jorge Luis Borges, Volume II. São Paulo: Globo, 1999.

O personagem Fred Murdock, em “O etnógrafo”, de Jorge Luiz Borges²⁹ protagoniza o estudante imbuído por seu professor da missão de descobrir os segredos esotéricos dos feiticeiros das tribos do oeste americano, segredos estes revelados aos jovens indígenas iniciados. O conto de Borges em epígrafe ao evocar esta imagem do etnógrafo como “personagem” rumo ao desconhecido, põe em evidência alguns aspectos da aventura etnográfica. Para além do trabalho de campo, expõe com delicadeza o dilema da experiência iniciática do etnógrafo, autor e “personagem” simultaneamente. Por outro lado, destaca uma dimensão desafiadora para a disciplina da Antropologia, qual seja a de enfrentar o *segredo*, aquilo que não vira texto livremente, pois, por alguma razão é interditado, seja pelo tabu, ou mesmo pela iniciação do pesquisador. Problematizar esta questão é o objetivo deste capítulo.

As dimensões do segredo cultural

Por muito tempo, o paradigma que orientou a prática etnográfica do final do século XIX e meados do século XX pressupunha a existência e a importância do segredo cultural. O conto de Borges evoca exatamente este tema: as diversas dimensões do segredo.

Embora não se trate de um segredo genérico, como o segredo entre amigos ou mesmo o segredo de justiça, o segredo da confissão, o segredo profissional, na verdade, o conto capta múltiplas dimensões sobre o segredo. Uma leitura cuidadosa do conto revela que para o professor trata-se puramente do segredo cultural, aquele que dá sentido às práticas mais exóticas. Para o aluno Fred Murdock, desvendar este segredo, significa integrar-se ao mistério que o torna esotérico. Para a Academia a “*verdade cultural*” é assim tomada como algo coberta, velada, que o investigador, por meio de estratégias, empreende a tarefa de “des-cobrir” ou “des-velar” tal verdade. Para o iniciado é algo que vale o preço do silêncio. Até mesmo para o autor, significa a poética de uma lição de vida que é estendida à economia do conto.

Na passagem do século XIX para o XX se consolidou a idéia de que a Antropologia poderia reunir dados muito mais ricos sobre outras culturas e seus segredos culturais, se o pesquisador integrasse em sua pesquisa a ida pessoal ao campo de observação. Antes estes trabalhos eram subsidiados por narrativas

²⁹ *ibid.*

“amadoras” de viajantes, mercadores, missionários, dos quais não se exigia o rigor acadêmico. O etnógrafo não era necessariamente o antropólogo. Eram personagens distintos.

Naquele momento da história da disciplina, o campo era ainda envolto em “mistério”. O conhecimento sobre o “outro” inspirava-se no desafio de conhecer “cientificamente” o conteúdo do “segredo”, o qual, não poderia ser revelado à força, por confissão, de modo que o pesquisador deveria se tornar uma espécie de aluno, a fim de que, como iniciado, o segredo lhe fosse passado “livremente”, ou melhor, negociado³⁰. Assim é que o trabalho de campo, no período de sua profissionalização, começa a ganhar também, seus contornos míticos³¹.

Resultado dessa profissionalização e mistificação do trabalho de campo, especificamente durante a primeira metade do século XX, será que o trabalho de campo etnográfico ideal privilegiará o pesquisador com uma espécie de autoridade cientificamente validada, em virtude de sua singular experiência pessoal de “estar lá”. O observador participante se obriga a experimentar as “vicissitudes da tradução”, qual seja, aprender uma língua, envolvimento direto e conversão e excepcionalmente, desarranjos com suas próprias expectativas pessoais e culturais.

O método científico associado à experiência de campo no interior de uma malha teórica faz do antropólogo etnógrafo o técnico autorizado a falar de um “outro cultural”, distante e exótico. Nesse período, vê-se desenvolver na etnografia profissional o estilo de escrita capaz de dar conta da exposição dos resultados obtidos na experiência de campo.

Nesse sentido, Bronislaw Malinowski³² constitui o típico pesquisador de campo naquele momento da história da disciplina. Como Fred Murdock, ele oferece a imagem típica do ETNÓGRAFO, o novo antropólogo do século XX mergulhado na vida interior da aldeia investigando seus “segredos”.

³⁰ Cf. José Jorge de Carvalho: “*aquilo que não sem iniciação ou sem um período relativamente longo de intimidade e de confiança mútua com o grupo que se estuda*”. Um excelente exemplo contemporâneo é o artigo publicado pelo Departamento de Ciências Sociais – Instituto de Ciências Humanas – Universidade de Brasília, em “**A Racionalidade Antropológica em face do segredo**” por José Jorge de Carvalho; in Anuário Antropológico/84: Tempo Brasileiro.

³¹ Isto é, que o trabalho de campo se constituirá no método que caracterizará a disciplina antropológica na qual se idealiza a pessoa do etnógrafo.

³² Malinowski, ao lado de Margaret Mead e Marcel Griaule despontam no século XX, como personalidades do reconhecimento, tanto público quanto profissional da legitimidade do pesquisador de campo nesse contexto.

Analisando a gênese da construção da nova autoridade etnográfica decorrente da etnografia profissional, James Clifford chama atenção para algumas estratégias legitimadoras. O principal argumento do autor que desejo destacar aqui é a de que “o novo teórico-pesquisador de campo desenvolveu um novo e poderoso gênero científico e literário, “a etnografia”, uma descrição sintética baseada na observação participante”, como estratégia e fundamento. Além disso, o novo estilo dependia de inovações institucionais e metodológicas.

Estas estratégias legitimadoras foram abordadas também por Clifford Geertz em *Obras e Vidas – O antropólogo como autor*³³. A título de exemplo, na análise de “Os argonautas”, Geertz colocou em evidência os vários artifícios literários presentes nas construções narrativas envolventes em voz ativa, no que os teóricos chamam de “presente etnográfico”, qual seja: técnicas utilizadas pelo autor para que tanto a experiência do pesquisador, quanto a dos nativos bem como a do leitor possam ser simultaneamente compartilhadas. Combinam-se deste modo na etnografia, uma complexa narrativa sobre a vida trobriandesa bem como sua experiência no trabalho de campo etnográfico simultaneamente. Sob o efeito contrastivo de outra obra, da publicação do diário de Malinowski, em 1967, Geertz avalia que o livro tem muito mais a dizer sobre a experiência de “estar lá”.

[...] é que há muito mais em que mergulhar do que a vida nativa, quando se pretende tentar essa abordagem etnográfica pela imersão total. Existe a paisagem. Existe o isolamento. Existe a população europeia local. Existe a lembrança de casa e daquilo que se deixou. Existe o sentimento da vocação e de para onde se está indo. E, causando mais abalo do que tudo, existem o capricho das paixões do sujeito, a debilidade de sua constituição e as digressões de seu pensamento: essa obscura coisa chamada eu. A questão não é pensar e agir como nativos do lugar [...]. A questão é viver uma vida múltipla: navegar em vários mares ao mesmo tempo³⁴. (GEERTZ, 2002, p. 104)

Fica evidente que, para além do conhecimento produzido pela pesquisa realizada no campo, seus resultados são mediados por um “personagem” constituído na narrativa. O etnógrafo é autor e simultaneamente “personagem”.

“Para o etnógrafo, colocar o alcance de sua sensibilidade – em vez de digamos, de sua capacidade de análise ou de seu código social – no centro de sua etnografia é criar para si um tipo característico de problema de construção de texto: tornar seu relato fidedigno, tornando

³³ GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas – O antropólogo como autor*. Tradução de Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

³⁴ *Ibid.*

fidedigna a sua própria pessoa. A etnografia, enviesadamente nas décadas de 1920 e 1930 e cada vez mais abertamente hoje em dia, tomou um rumo bastante introspectivo. Para ser uma “testemunha ocular” convincente, ao que parece primeiro é preciso tornar-se um “eu” convincente. [...] A principal maneira de Malinowski lidar com essa portentosa tarefa foi projetar em seus escritos etnográficos duas imagens antitéticas [...]. Por um lado, existe o Cosmopolita Absoluto, um “personagem” com uma capacidade tão ampliada de adaptação e sensibilidade ao próximo, com tal poder de se imiscuir em praticamente qualquer situação, que é capaz de ver como os selvagens vêm pensar como os selvagens pensam, falar como eles falam e, vez por outra, até sentir o que eles sentem e acreditar no que acreditam. Por outro lado, existe o Investigador Completo, um “personagem” tão rigorosamente objetivo, desapaixonado, minucioso, exato e disciplinado [...]. O Alto Romance e a Alta Ciência, jungidos com certo embaraço, captando o imediato com ardor do poeta e fazendo abstrações a partir dele com zelo do anatomista.”³⁵ (GEERTZ, 2002:106, 107)

As polêmicas levantadas por estas observações servem a uma época bem datada e alicerçadas e seus contextos. Problematizar a questão sobre a autoria e autoridade do antropólogo já foi amplamente discutida por esses autores e seus sucessores. O que se pode aprofundar sobre a questão é justamente as implicações advindas em assumir radicalmente a proximidade da antropologia com o fazer literário, quase nunca admissível verdadeiramente, isto é, sempre cercada por uma muralha teórica que resguarda o autor de suas subjetividades.

O discurso ausente de Fred Murdock

No conto de Borges, o “personagem” Fred Murdock põe em destaque uma outra face do segredo da aventura etnográfica quando declara: *“naquelas lonjuras aprendi algo que não posso dizer”*. É evidente que Borges tem a licença poética para conceder a seu personagem o arbítrio para dizer ou não dizer, e realmente não nos diz nada sobre o segredo. Fred Murdock abdica da condição etnográfica para se engajar na condição poética. O que quero apontar com este destaque, com referência novamente a Geertz, é que *“a questão de negociar a transição do que se passou “estando lá” para o que se diz “estando cá”, não é de caráter psicológico. É literária”*. Ou seja, para além da criatividade, está condicionada também à *“economia do livro”*, e, a um “readership”.

³⁵ Ibid.

Complementando, o personagem ainda alude a outro aspecto deste processo. *“Durante os primeiros meses de aprendizado tomava notas sigilosas, que rasgaria depois, talvez para não despertar a suspicácia dos outros, talvez porque já não as precisasse”*. Nesse sentido, destaca que a experiência está intimamente relacionada com o processo de interpretação³⁶. E ainda, o processo de interpretação das culturas depreenderá, na antropologia contemporânea da consciência de que o mecanismo utilizado para transmitir tal experiência é a linguagem escrita, qual seja, a narrativa etnográfica.

“Esta tradução da experiência da pesquisa num corpus textual separado de suas ocasiões discursivas de produção tem importantes conseqüências para a autoridade etnográfica. Os dados assim reformulados não precisam mais ser entendidos como a comunicação de pessoas específicas. Uma explicação ou descrição de um costume por um informante não precisa ser constituída de uma forma que inclua a mensagem “fulano e fulano disseram isso”. Um ritual ou um evento textualizado não estão mais intimamente ligados à produção daquele evento por atores específicos. Em vez disso, estes textos se tornam evidências de um contexto englobante, uma realidade “cultural”. Além disso, como os autores e atores específicos são separados de suas produções, um “autor” generalizado de ser inventado, para dar conta do mundo ou contexto dentro do qual os textos são ficcionalmente realocados. Esse “autor generalizado” aparece sob uma variedade de nomes: o ponto de vista nativo, “os trobriandeses”, “os nuer”, “os dogon”, como estas e outras expressões similares aparecem nas etnografias. “Os balineses” funcionam como “autores” da briga de galos textualizada por Geertz”. (CLIFFORD, 1998:48)

O projeto de uma **ciência interpretativa** geral consiste principalmente em *“abandonar a tentativa de explicar fenômenos sociais através de uma metodologia que os tece em redes gigantescas de causas e efeitos, e, em vez disso, tentar explicá-los colocando-os em estruturas locais de saber”*³⁷. Tal projeto, nos próximos passos da disciplina, repercutirá num novo paradigma, implicando em mudanças radicais nas bases epistemológicas da Antropologia.

Por outro lado, é possível ampliar a dimensão presente no curso do desenvolvimento da ciência etnográfica que o conto de Jorge Luiz Borges ilustra. É aquela que ocorre na subjetividade do antropólogo, enquanto mediador e tradutor. Ela é o resultado do caminho percorrido no campo, ou seja, da experiência vivida em campo. Sua natureza é essencialmente subjetiva. No contexto do pesquisador, tal

³⁶ Como analisado por James Clifford.

³⁷ GEERTZ, Clifford. O saber local. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

subjetividade necessita de uma via de expressão a qual, em muitos aspectos é a principal característica da produção etnográfica.

O protagonista Fred Murdock, no conto de Borges, abdicou da monografia e da narrativa etnográfica. Preferiu guardar para si a experiência, argumentando que “*o segredo não vale o que valem os caminhos que a ele me conduziram. Esses caminhos devem ser trilhados*”. Revela dois momentos no campo de pesquisa: Num primeiro instante ele é o aluno e o pesquisador e no último é também aluno mas agora, é também um *iniciado*, portanto, assimilado como nativo e afetado pelo mundo nativo. Como já foi enfatizado, o texto literário soluciona o dilema colocando-o numa dimensão poética, uma lição de vida onde o pensamento não alcança, portanto, indizível vinculada à economia do conto. Evidencia, neste aspecto, uma linha fronteira entre literatura e ciência.

Uma tem a chancela para articular a experiência com as expectativas do autor e mesmo do leitor. A ciência intenta esvaziar o objeto destes conteúdos subjetivos. Como Fred Murdock, no empreendimento de uma etnografia, conseguiria produzir um “distanciamento” da lógica nativa? Talvez esta seja a implicação mais contundente para as Ciências Sociais. Por outro lado, ficamos todos esperando que Fred Murdock narrasse sua experiência e revelasse o segredo, se não, pelo menos um pouco de como se sente agora, o que supostamente diria, em breves palavras, que se tornara um ser humano mais atento as coisas do coração e do espírito.

É nessa instância afetiva que se desenrola o dilema da representação e interpretação da experiência. O pesquisador, afetado pelo mundo nativo e pela intensidade de sua experiência, pode perfeitamente, por suas convicções e valores, guardá-la para si. Ou então pode compartilhá-la com a comunidade acadêmica. Para este feito, traduzir a experiência vai requerer do pesquisador a capacidade de envolver o leitor em sua narrativa com uso de artifícios literários, um processo de interpretação, que articula a “lógica nativa” com outras lógicas, concedendo um espaço privilegiado, a voz “comum” que toma o lugar da voz da “autoridade” científica caracterizarão a “nova” antropologia do século XX.

A etnografia experimental neste novo século, tem pontuado uma nova direção que busca incorporar as necessidades do antropólogo como escritor, excursionando entre o real e o imaginado colocando de imediato esta questão: a presença da ficção literária, especialmente a alegórica, no *corpus* textual das análises antropológicas. Já

não são mais tomadas como ilustrações, parábolas, analogias ou metáforas. Tanto a imaginação do antropólogo e suas memórias, que narra com base em sua experiência subjetiva, quanto produções externas de outros escritores que “ficcionalizam” sobre o real, são incorporados como parte legítima do trabalho. É esta revisão epistemológica, que a nova geração de antropólogos tem almejado.

O que é indizível, muitas vezes não cabe na escrita. Alias, na literatura de testemunho, o relato se encontra exatamente no limite do dizível. Mas, o indizível nunca é aquilo que está escrito e sim, aquilo que desencadeou a escrita. A ficção aparece como recurso para concatenação lógica e racional de fatos e eventos, oferecendo-lhe coerência. Desse modo, o personagem da narrativa nunca é real, mesmo sendo o antropólogo. Entretanto, a experiência estética do contato do leitor com a escrita, esta sim é real. Quando lemos um conto de Borges o autor nos incita a pensar que nunca um texto será lido da mesma maneira. Lemos o que nossa subjetividade possibilita ler. Fred Murdock chama atenção, nem tanto pelo segredo que guarda para si, mas também para demonstrar que a narrativa literária pode suportar enigmas em vez de tentar esclarecer todos.

A atitude de Fred Murdock, incompreensível num primeiro instante, revela um grande valor que a antropologia deve preservar: Esta prática não é uma atividade de mera espionagem. Tampouco tem a necessidade de publicar a totalidade do que foi capaz de reunir, o que pode vir a profanar e perturbar um sistema completo de conhecimento e valores culturais. O que interessa à Antropologia é atingir e compreender a importância do “segredo” como parte do processo de organização social e histórica do grupo que estuda. Este “segredo” é natural e cotidiano para o nativo, por outro lado é estranho ao pesquisador. Entretanto, se a posse do “segredo” dá poder ao iniciado, nas mãos do pesquisador pode funcionar como legitimadora da autoridade etnográfica.

[...] a Antropologia exemplifica o mundo acadêmico moderno num estado já, extremamente, adiantado [...] com o desencantamento do mundo ocidental, perdeu-se a magia própria e o que resta então é conquistar a magia do outro, do “primitivo”, do grupo humano que se estuda [...] Nós, antropólogos, (devemos procurar) diminuir cada dia mais aquela distância humana, que era tão comum durante o período colonialista da disciplina, a qual levava os estudiosos a produzir obras para um círculo puramente acadêmico, deixando seus informantes num mundo separado, sem serem consultados. Hoje, interessa-nos recuperar, de algum modo, o elo entre esses dois mundos e a busca de um consenso entre o interesse acadêmico e o grupo estudado é

fundamental, no momento em que tenhamos que optar por escrever ou por calar a boca “³⁸ (CARVALHO, 1984:220 e 222).

Em resumo, a observação participante como método singular, consolida a imagem e a identidade do ETNÓGRAFO, um estranho em uma cultura diferente sofrendo uma espécie de iniciação, processo pelo qual emerge um *rapport*, qual seja, um conjunto de elementos intersubjetivos de um mundo experiencial aos quais se requer a tradução para formas objetivas de conhecimento.

James Clifford enfatiza que o pressuposto desta “nova” atitude é a de que, “os textos etnográficos são inescapavelmente alegóricos, e uma aceitação séria desse fato modifica as formas com que eles podem ser escritos” (CLIFFORD, 1998:65). Destaco neste aspecto, que a narração da experiência de pesquisa de campo, no interior de um *corpus* textual, ao longo de seu desenvolvimento receberá ênfases variadas sobre a autoridade do pesquisador no campo. Constituem, entretanto, os diferentes usos da experiência e da interpretação e suas inter-relações. Porém, o mesmo autor ainda ressalva:

“Os textos etnográficos não são apenas, ou não predominantemente alegorias. Na verdade [...] eles lutam para limitar o jogo de seus “extra”-significados, subordinando-os a funções miméticas e referenciais. Essa luta (que muitas vezes envolve disputas sobre o que será considerado como teoria “científica” e o que será considerado invenção literária ou projeção “ideológica) mantém convenções disciplinares e genéricas. Se a etnografia como instrumento para a ciência positiva deve ser preservada, tais convenções devem mascarar, ou direcionar, múltiplos processos alegóricos. Pois não pode cada descrição extensa, tendência estilística, história ou metáfora ser entendida como significando algo mais?” (CLIFFORD, 1998:80)

Desejo por o grifo no *corpus* textual, embora reconhecendo que o apelo à experiência funciona como validação da autoridade etnográfica, como argumenta James Clifford. No entanto, é na narrativa etnográfica e seus desdobramentos, que a questão da autoridade se constitui em peça fundamental. Ou seja, é na constituição do texto que seus autores encontrarão um modo de controlar a justificação da autoridade/superioridade advinda, incluindo o leitor como cúmplice, por assim dizer, de uma leitura da verdade construída em conjunto. Desse modo, junto com o

³⁸ José Jorge de Carvalho. “**A Racionalidade Antropológica em face do segredo**” in Anuário Antropológico/84: Tempo Brasileiro. Departamento de Ciências Sociais – Instituto de Ciências Humanas – Universidade de Brasília

ETNÓGRAFO, o novo antropólogo do século XX não demorará muito para surgir uma nova espécie de leitor, a marca da pós-modernidade.

A ruptura com a autoridade “monológica” constitui nesse aspecto uma presente marca na etnografia contemporânea, qual seja, uma etnografia que não mais se dirige a um único tipo geral de leitor. Emerge de uma “consciência etnográfica”, reflexiva, a qual sugere, na esteira da teoria literária recente, que a eficácia do sentido de um texto “depende menos das intenções pretendidas do autor do que da atividade criativa de um leitor”.

Analisando as novas propostas que giram em torno da ligação entre a pesquisa de campo e construção etnográfica Marisa PEIRANO conclui:

“...chama-se a atenção para o fato de que a maneira como se faz etnografia/pesquisa de campo está intimamente ligada à forma como se escreve, ou melhor, se **constrói** etnografias como textos. Assim, estão intimamente relacionados na construção etnográfica a pesquisa de campo (incluindo, naturalmente, a escolha do objeto), a construção do texto e o papel desempenhado pelo leitor. [...] neste contexto, a linguagem volta a merecer uma atenção especial. De novo, é preciso lembrar que a dimensão literária nunca esteve ausente da antropologia, como atestam os trabalhos de autores clássicos, de Malinowski e Bateson a Levi-Straus e Geertz. No entanto, a questão da “literalidade” da antropologia, e especialmente da etnografia, é hoje mais que uma questão de estilo. A dimensão literária diz respeito “à constituição dos objetos culturais, às maneiras com que fenômenos coletivos são configurados (desde as primeiras anotações até o resultado final) e às formas com que estas configurações “fazem sentido” em determinadas formas de leitura”.³⁹ (PEIRANO, 1992: 134,135)

A intenção de toda atividade intelectual, filosófica, científica e artística é fazer com que o leitor creia que o que se fala, pensa, escreve, pinta ou canta sobre a realidade é verdadeiro. Uma consciência etnográfica, reflexiva em essência, na esteira da teoria literária recente, baseada na atividade criativa do leitor, põe à mostra um outro lado da “verdade”, que não é necessariamente a “mentira”. É na realidade, uma outra possibilidade de leitura na qual o universo dos conceitos pode ser simultaneamente real e imaginado, avaliando de que maneira as mesmas substâncias culturais as alimentam na prática etnográfica.

Identidade narrativa

³⁹ PEIRANO, Mariza G. S.. Uma antropologia plural. Brasília, UNB, 1992. pg 134 e 135. Ênfase da autora.

Tratando-se de uma experiência de iniciação ou transição, outras dimensões da natureza humana são acessadas, como já foram apontadas. O pesquisador na condição de iniciado se confronta com sua experiência num campo de outra natureza, na dimensão do indizível, daquilo que não é passível de tradução. Em alguns casos, a experiência é de uma magnitude tão intensa, que a tarefa de elaborar uma narrativa sobre a experiência é quase nula. A pessoa se sente outro, um ser mudado, “forjado”, consciente de fatos que o alienam da vida comum.

A experiência, por assim dizer, se refere ao que se vive e se retém involuntariamente na memória e desta forma passa a fazer parte de nós. É por este mecanismo que o narrador de uma história transmite um acontecimento integrado à sua vida e passa aos seus ouvintes como experiência.

A narração⁴⁰ disponibiliza uma matriz organizacional da experiência humana. A narrativa é uma estrutura da linguagem pela qual se constitui um meio privilegiado para um sujeito compreender-se a si mesmo, pois tem a temporalidade como referência. Ao contar uma história sobre a sua própria vida, o sujeito dá sentido a sua identidade pessoal. É nesse contexto que se destaca na obra de Paul Ricoeur o conceito de “Identidade Narrativa” num ensaio que leva este título. O principal argumento é que o conhecimento de si próprio é uma interpretação, a que encontra na narrativa um meio privilegiado para a produção da história “fictícia” (efeito da narrativa) de uma vida, como as biografias, por exemplo.

“A noção de identidade narrativa supõe um processo formador do que Ricoeur denomina de *ipseidade* – compreendida como a identidade de um si mesmo relacional e, portanto, marcada pela abertura de um ser afetado pelo mundo, em contraste com uma identidade fixa do mesmo. Neste sentido, a articulação identitária no sentido da ipseidade se daria de modo privilegiado a partir de narrativas pessoais e/ou históricas, dando conta de processos de mútua constituição entre o sujeito e suas relações com o mundo. Esse modo de constituição de um si mesmo aplica-se tanto à identidade social de uma comunidade quanto a noção de subjetividade pensada no caso de um indivíduo.”⁴¹ (CARVALHO, 2003:292).

Nesse sentido vale condensar a idéia de que a identidade, enquanto *ipseidade*, isto é, integrada à “experiência vivida” é estruturada no tempo, o tempo de contar uma história de vida. Sua estrutura não é uma substância total e fixa e, por esse modo, é

⁴⁰ Os termos “narração”, “narrativa” e “história” em equivalência com o “ato de contar”. Recurso para configurar uma realidade através do encadeamento de ações.

⁴¹ Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003.

capaz de articular fatos objetivos e experiências interiores. Pode “poeticamente” integrar o diferente no igual, qual seja, alteridades temporais numa *ipseidade* dinâmica.

Tal argumentação é sustentada no conceito de *Erlebnis*, ou seja “Experiência Vivida”, conceito alemão amplamente utilizado por filósofos como Dilthey, Heidegger, e Benjamin, e indica o processo de apreensão dos fatos da vida pelo escritor. A condição inicial exige que estes fatos sejam vivenciados pelo autor. É nesse sentido que esta condição se opõe ao conceito de representação, ou seja, imagens desconectadas do mundo exterior. Assim, a vivência constitui o critério vivo que é responsável pela triagem dos fatos da consciência ao qual o pensamento, como que chegado ao limite do conhecimento, não tem acesso.

Neste conjunto de enunciados, a noção de identidade narrativa concentra a idéia de um “ser” afetado pelo mundo. Como afirma Ricoeur,

“...uma vida examinada é, em ampla medida uma vida depurada, explicada pelos efeitos catárticos das narrativas tanto históricas quanto fictícias veiculadas por nossa cultura. A ipseidade é assim, a de um si instruído pelas obras da cultura que ele aplicou a si mesmo” (RICOEUR, 1997:425).

A conclusão a que chego, recuperando estas referências a fim de justificar minha posição pessoal e “esquizofrênica” (entre o pesquisador e o “iniciado”), sobejada em referências, implica defender um ponto de vista que é empático ao que diz Roberto Da Matta⁴²: “o que surpreende quando se estuda sua própria sociedade, é a descoberta de práticas sociais, instituições e valores virtualmente sem texto. Vale dizer: em toda a sociedade, há coisas para serem faladas e para serem escondidas. O falado é textualizável, o escondido não é textualizável. É aquilo que é classificado como tabu ou interdito: o que não se pode dizer ou mesmo pensar. É o que se classifica como mistério, dogma ou segredo”⁴³. Argumenta ainda: “Pode um nativo da Nova Guiné “textualizar” sua iniciação secreta? Pode um padre revelar os segredos de uma confissão, transformando-a em excitante narrativa? Pode um Apinayé narrar abertamente um caso de bruxaria? Pode um iniciado no Candomblé contar livremente tudo o que lhe ocorreu no seu rito de passagem? Pode um brasileiro trair um amigo,

⁴² CORRÊA, Mariza e LARRAIA, Roque, organizadores. Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1992.

⁴³ In: Relativizando o Interpretacionismo. Roberto Da Matta.

contando a todo mundo os seus pecados e temores? (...) Pode tudo efetivamente virar um “texto”?” e isso implica, para além do estilo, discursos antropológicos transparentes do ponto de vista de suas implicações, como no caso de Gilberto Freyre, quando ao escrever *Casa grande e Senzala*, textualiza uma série de práticas da elite brasileira, práticas sexuais que jamais deveriam ser abertamente faladas. Citando Georg Lukács, Da Matta completa: “quando falamos de sociedades alheias *descrevemos*, mas quando falamos do nosso próprio sistema, temos que *narrar*”.

O discurso ausente de Fred Murdock apresenta um dilema que para a antropologia se apresenta como desafio humanístico, “o de testemunhar outras humanidades ao mesmo tempo em que se tem em mente as severas limitações de um ofício efetivamente impossível”. (Da Mata, 1992:69)

Capítulo Terceiro: o método “Três Porquinhos”⁴⁴”

"Foi com os surrealistas que eu aprendi a não temer as aproximações abruptas e imprevistas como as que Max Ernst usou nas suas colagens. A influência é perceptível em *O Pensamento selvagem*. Max Ernst construiu mitos particulares por meio de imagens tomadas de empréstimo a uma outra cultura (...) Em *Mitológicas*, eu também recortei uma imagem mítica e recompos seus fragmentos para fazer com que deles brotasse mais sentido". (LÉVI-STAUSS, 1990:50)

“Estão lembrados de que eu escrevi que os mitos despertam no Homem pensamentos que lhe são desconhecidos. Esta afirmação tem sido muito debatida e até criticada pelos meus colegas de língua inglesa, porque entendem que, dum ponto de vista empírico, é uma frase que, em última análise, não possui qualquer significado. Mas para mim ela descreve uma experiência vivida, porque exprime precisamente o modo como eu percebo a minha própria relação com a minha obra. Ou seja, a minha obra desperta-me pensamentos desconhecidos para mim. [...] Cada um de nós é uma espécie de encruzilhada onde acontecem as coisas. As encruzilhadas são puramente passivas; há algo que acontece neste lugar. Outras coisas igualmente válidas acontecem noutros pontos. Não há opção: é uma questão de probabilidades [...] Não pretendo de forma alguma estar habilitado a concluir, lá porque penso deste modo, que toda a Humanidade pensa também desta forma. Mas acho que o modo peculiar como cada investigador e escritor pensa e escreve abre uma nova perspectiva acerca da Humanidade. E o fato de eu, pessoalmente, ter esta idiosincrasia talvez me habilite a apontar alguma coisa de válido, enquanto o modo como pensam os meus colegas abre diferentes perspectivas, todas elas igualmente válidas.”⁴⁵ (LÉVI-STAUSS, 1978, p.13,14)

O método

Ao manipular duas centenas de cartas dos prisioneiros, diferentes tamanhos, cores, conteúdos, cheiros e aparência, imagino-me à imagem de Levi-Strauss com centenas de papелotes fichados e rabiscados de mitos perguntando: “O que vocês dizem? Falariam entre si? Fonemas, mitemas e bolinhas pretas numa partitura parecem ter algo em comum: lógica, ordem, estrutura, coerência em meio ao aparente caos. Faz sentido. Produz significado. E se não há aparente ordem, metodologicamente estruturamos uma. Para conhecer é importante organizar! Um bom ponto de partida busca coerência, e permite indicar inicialmente que os mitos servem a diferentes modos de pensar o mundo, servidos igualmente de racionalidade, ou, efetividade.

⁴⁴ Ou, três pontos de vista diferentes de se construir uma casa. Evidentemente, trata-se de uma brincadeira com relação aos três autores mencionados no texto.

⁴⁵ LÉVI-STAUSS, Claude. *Mito e significado*. Tradução de António Marques Bessa; Lisboa: Edições 70;1978. Grifado por mim.

Lévi-Strauss se refere aos mitos também em relação às práticas sociais, passando a definir o mito nos termos de um fenômeno lingüístico-cultural, “*um sistema, regido por um coesão, inacessível à observação de um sistema isolado, revela-se no estudo das transformações, graças às quais encontram-se propriedades similares em sistemas aparentemente diferentes*”⁴⁶.

Os arranjos estruturais referidos por Lévi-Strauss priorizam os princípios que presidem as instituições a que correspondem esses arranjos, ou seja, nos domínios do parentesco, as classificações primitivas e a mitologia. Desse modo, o foco de análise incide no que está referencialmente situado na estrutura das relações. Contudo, não são fatos observáveis empiricamente, o que não quer dizer que o contexto etnográfico seja desprezado.

Por exemplo, em “A lógica das classificações primitivas”⁴⁷, Lévi-Strauss faz uma incursão pelas sociedades “primitivas” buscando comprovar a lógica comum existente entre elas e as sociedades “civilizadas”⁴⁸. A lógica dessas classificações emerge justamente a partir das correspondências simbólicas efetuadas entre o homem e o mundo animal. Assim, ao tratar das classificações primitivas, Lévi-Strauss procura entendê-las como produto e produtoras do pensamento humano. Como fizeram Mauss e Durkheim ao tratarem das classificações primitivas relacionadas à magia e ao totemismo respectivamente, pode afirmar que a significação resulta do caráter relacional do pensamento humano, pois “*quando pensa sobre ele mesmo, pensa sempre num objeto*” (Levi-Strauss, 1974:32). Deste modo pode-se afirmar que o *mana*, conceito analisado por Mauss é uma evidência do caráter relacional do pensamento simbólico e se dá efetivamente na relação entre percepção e intelecção do mundo.

Nesse sentido, a Antropologia Social para Lévi-Strauss, aproxima-se do conceito de semiologia⁴⁹, ciência prenunciada pelo lingüista Ferdinand Saussure, que estuda a vida dos signos no interior da vida social. Operando assim a Antropologia seria capaz de apreender os diversos sistemas de signos presentes em todas as sociedades. Estuda o código de uma linguagem numa dada sociedade

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. “A lógica das classificações primitivas”. In: **O pensamento selvagem**. Campinas/SP: Papirus, 1989. Tradução de Tânia Pellegrini. p. 51-90.

⁴⁸ Evidentemente, aqui bastante sintética, pois exigiria uma grande “dose de contorcionismo cerebral” para este feito, como afirma Leach, (1970:84).

⁴⁹ Em que “significar” significa a possibilidade de qualquer tipo de informação ser traduzida numa linguagem diferente, uma tradução: Falar de regras e de significados é falar da mesma coisa.

reduzindo-o a um código mais geral e comum que rege as demais línguas em outras sociedades, passando em seguida a compará-lo com outros códigos sociais como as regras de casamento, direito e economia que em seguida podem ser sobrepostas, por exemplo, à estrutura espacial das disposições e construções habitacionais numa aldeia podendo denominar um código urbanístico mais geral e válido em outras sociedades. É assim que o antropólogo “estruturalista” procede em sua busca para identificar os padrões que ligam os seres e as coisas de modo homólogo. Desse ponto de vista existiria muita coisa em comum entre o código “urbano” de uma aldeia “primitiva” na forma de uma serpente em círculo e uma “moderna” cidade como Brasília na forma de um pássaro com asas abertas. Isso tudo está comunicando algo.

“Em toda sociedade, a comunicação se opera ao menos em três níveis: comunicação de mulheres, comunicação de bens e serviços, comunicação de mensagens. Por conseguinte, o estudo do sistema de parentesco, o do sistema econômico e o do sistema lingüístico oferecem certas analogias. Todos os três dependem do mesmo método; diferem somente pelo nível estratégico em que cada um escolhe se situar no seio de um universo comum. (...) A cultura não consiste, pois, exclusivamente, em formas de comunicação que lhe pertencem de modo específico (como a linguagem), mas também – e talvez, sobretudo – em regras aplicáveis a todas as espécies de “jogos de comunicação”, desenrolem-se estes no plano da natureza ou da cultura.” (Lévi-Strauss. 2003:336)

A proposta de analisar os mitos a partir da análise estrutural⁵⁰ está situada por Lévi-Strauss, sobretudo, na obra *Mitológicas*, publicadas em quatro volumes. A homologia inicial comparando a estrutura dos mitos à estrutura musical é radicalmente aplicada nestes volumes, como um desdobramento da relação entre o som e o significado na lingüística. Deste modo, a análise estrutural se revela pelas unidades de significação, ou seja, que os mitos, assim como a música, formam sistemas inteligíveis quando buscada na relação entre suas unidades.

Entretanto, pode-se argumentar que a Antropologia é bem mais que uma ciência destinada à redução da vida social em esquemas lógicos. Nesse contexto, observa-se que um mito, por exemplo, fornece ao “Homem” uma ilusão. Ela é extremamente importante, porque lhe dá a sensação de que ele pode entender o

⁵⁰ Lembrando: “Só é estruturado o arranjo que preencha essas condições: ser um sistema, regido por uma coesão interna; e esta coesão, inacessível à observação de um sistema isolado, revelar-se no estudo das transformações, graças aos quais encontram-se propriedades similares em sistemas aparentemente diferentes” (Lévi-Strauss, 1993:26).

universo e de que ele entende, de fato, o universo⁵¹. Na verdade o mito é comparável a uma “cápsula” em cujo interior está um “condensado” de símbolos. São eficientes por preencherem lacunas de significados. A tarefa então se amplia, tendo em vista que, identificando o sistema, cada qual tem suas particularidades que vão requerer interpretações segundo padrões locais.

Estes argumentos tecidos até agora evidenciam um ponto de convergência entre os mitos e as cartas dos prisioneiros ao qual desejo destacar com estas referências. Primeiro porque o conjunto de cartas constitui um sistema narrativo, melhor dizendo, um sistema de comunicação. Segundo porque é possível constituir uma analogia e pensar que, através das cartas os prisioneiros preenchem “vazios” ou “ausências” mutuamente. Na reciprocidade da troca de cartas em conjunto com outras obrigações é possível observar o caráter relacional do pensamento simbólico.

Não estou com isso querendo atribuir igual status aos mitos e às cartas. Seria melhor a modéstia da analogia. A analogia da “cápsula simbólica”. O que a razão não efetua, a ilusão completa. Por outro lado, os mitos e as cartas compartilham da semelhança de serem ambos sistemas de comunicação. Nesse sentido, têm na natureza narrativa, pontos de convergência. Assim, nos mitos as convenções sociais são comunicadas por meio de metáforas narrativas. Do mesmo modo, seria possível tomar as cartas como um sistema de comunicação capaz de produzir um discurso que “fale” ou narre algo que não está contido nas simples unidades. Vistas em conjunto e em contexto as cartas realmente “falam” entre si e de si. Um todo vivo e em dinâmico movimento: língua e fala, código e mensagem, comunicação e informação, como afirma Otávio Ianni⁵²: é o desafio de refletir sobre as condições e as possibilidades do contraponto entre linguagem e sociedade.

Como fenômeno sociolingüístico, a atenção se volta para o caráter interativo e intersubjetivo do uso da linguagem. Nesse sentido a investigação se volta para o uso da língua em seus diferentes registros, oral ou escrito. Os dados compreendem o conjunto destes registros. Por exemplo, oscilações gramaticais da fala dos indivíduos refletem a interação ou mesmo a interferência de fatores psicológicos, fisiológicos e sociais, caracterizando uma “agramaticalidade” que é decorrente de situações interacionais da comunicação diária.

⁵¹ Idem.

⁵² IANNI, Otávio. Enigmas da Modernidade-Mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

A conclusão a que se chega é que é possível organizar o estudo de modo a identificar uma “poética” social, ou mesmo uma “estética” na troca de cartas na prisão⁵³, bem como os seus significados no contexto da experiência da prisão. Esta possibilidade é viabilizada por meio da aplicação do método estruturalista, que possibilitou uma leitura diacrônica baseada em temas organizados sincrônicamente.

O modelo analítico de Steven Feld

Um modelo que articula necessidades metodológicas semelhantes pode ser apreciado num interessante estudo sobre a sociedade Kaluli⁵⁴ realizado por Steven Feld⁵⁵, no qual o autor demonstra pela análise estrutural (complementada por uma análise hermenêutica) como o mito “O menino que se transformou num pássaro muni” espelha relações sociais estabelecidas naquela comunidade. Metodologicamente, o autor advoga que a análise estrutural permite, num primeiro momento, formalizar a lógica simbólica existente no mito para em seguida construir a análise cultural, visto que, como já enfatizado, a etnografia é muito mais que a redução de cenários normativos para esquemas lógicos. Por esse motivo, tratando-se de um “evento de fala”, o autor constrói uma relação de complementaridade com uma etnografia da comunicação, conforme Dell Hymes⁵⁶. Antes de mais nada o autor esclarece:

“These two positions, the structural and hermeneutic, are considered by many to be clearly opposed: In one instance the anthropologist is thought of as decoder and translator and in the other as experiencer and interpreter. It appears to me, however, that it is necessary to integrate the study of how symbols are logically connected with the study of how they are formulated and performed in cultural experience. For such an integration, I turn to the views developed by Dell Hymes on the ethnography of communication.”⁵⁷(FELD, 1982:15)

⁵³ O estudo semiológico da comunicação de função estética. “A mensagem assume uma função estética quando se apresenta estruturada de modo ambíguo e surge como auto reflexiva, isto é, quando pretende atrair a atenção do destinatário primordialmente para a forma dela mesma, mensagem.” (Ver: Eco, 2005:52) e MERQUIOR, José Guilherme. *A Estética de Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

⁵⁴ Consultar: FELD, Steven. *Sound and Sentiment – Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1982.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ Autor que será apresentado mais adiante.

⁵⁷ “Essas duas posições, a estrutural e a hermenêutica são consideradas (por muitas pessoas) como claramente opostas: Em uma das instâncias (por um lado) o *antropologista* (antropólogo) é visto como decodificador e tradutor. Na outra (por outro lado) é visto como experimentador e interprete com o estudo de como são formulados e *performatizados* na (contexto/da) experiência cultural. Para tal integração, eu recorro à perspectiva (ponto de vista) desenvolvido por Dell Hymes sobre a Etnologia da Comunicação” (Tradução livre).

No estudo do mito em questão os sons dos pássaros metaforizam os sentimentos de tristeza. Durante um funeral, por exemplo, as mulheres combinam sons parecidos com o canto do pássaro muni, intercalado por frases poéticas melódicas, as quais têm a função de “fazer com que os homens chorem”. Esta performance estaria vinculada ao mito.

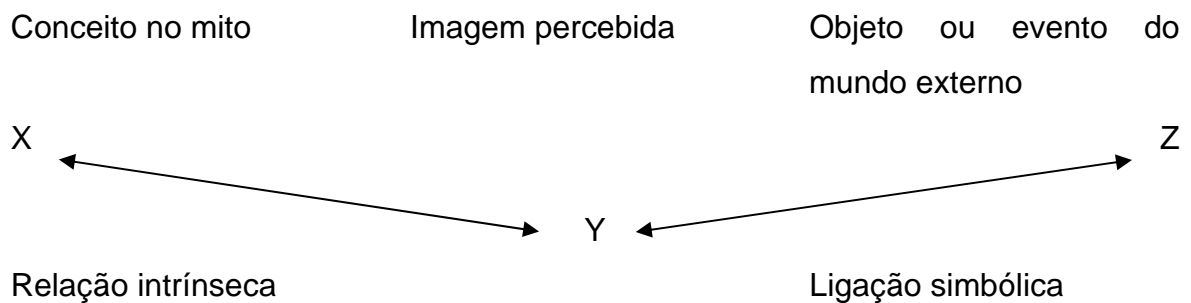
Conta o mito que o irmão mais novo e sua irmã mais velha estavam pescando pequenas lagostas em um riacho. O irmão mais novo, faminto, desejava alimentar-se dos crustáceos, no entanto a irmã mais velha argumentava, cada vez que o menino pescava que primeiro a mãe deveria alimentar-se, depois o pai e em seguida a irmã e por último o menino. Finalmente, ao chegar a sua vez de comer, o menino tomou um crustáceo e esmagou-o nas mãos, mas a irmã lhe disse que não o comesse, pois era para o irmão mais velho. Muito triste, e sentindo-se desamparado, o menino começou a transformar-se num pássaro. A palma da sua mão tornou-se vermelha e seu nariz tornou-se igualmente um bico vermelho. O menino olhou para suas mãos e elas tornaram-se asas. Finalmente o menino transformou-se em um pássaro muni. Caindo em si, sua irmã exclamou: “não voe!”, no entanto o pássaro cantava como um choro. A irmã dizia: “volte, tome um crustáceo!” Mas era em vão, pois, o menino pássaro continuava a chorar e cantar: “Seu crustáceo você não quis me dar. Eu não tenho irmã mais velha. Eu estou com fome!”.

Aplicando os procedimentos da análise estrutural dos mitos, Feld separa partes do mito em sete temas etnográficos: (1) relacionamento entre homens, mulheres, e irmãos mais velhos; (2) comida, fome e reciprocidade; (3) perda, abandono e aflição; (4) pássaros; (5) choro; (6) poesia; (7) canção. Estes sete temas correspondem a sete episódios representados linearmente. Lévis-Strauss, afirma o autor, diz que as histórias possuem correntes sintagmáticas compostas de conexões metonímicas. Deste modo o trabalho da análise estrutural num primeiro momento é ordenar estes episódios em um eixo. Este processo clareia a corrente sintagmática para uma associação paradigmática. Em outras palavras, a análise estrutural é uma demonstração metonímica porque, metaforizando com o contexto da história torna aparente a intrínseca relação simbólica entre eles. Deste modo, os sete primeiros temas podem ser relacionados com sete episódios adicionais: (1) negação do relacionamento com a irmã mais velha; (2) negação da comida; (3) estado de abandono do menino; (4) o menino tornando-se pássaro mini; (5) “voz” do pássaro=

voz de choro; (6) textos adicionais=poesia; (7) melodia do choro = canção. Assim o autor conclui estes sete episódios correspondem a três grandes seqüências: (A) Provocação (episódios 1,2 e 3): marcado pela ruptura da ordem social – abandono; (B) Mediação (episódio 4): menino tornando-se um pássaro muni; (C) Metaforização (episódios 5,6 e 7): choro e poesia na canção. Assim o autor compõe o seguinte esquema:

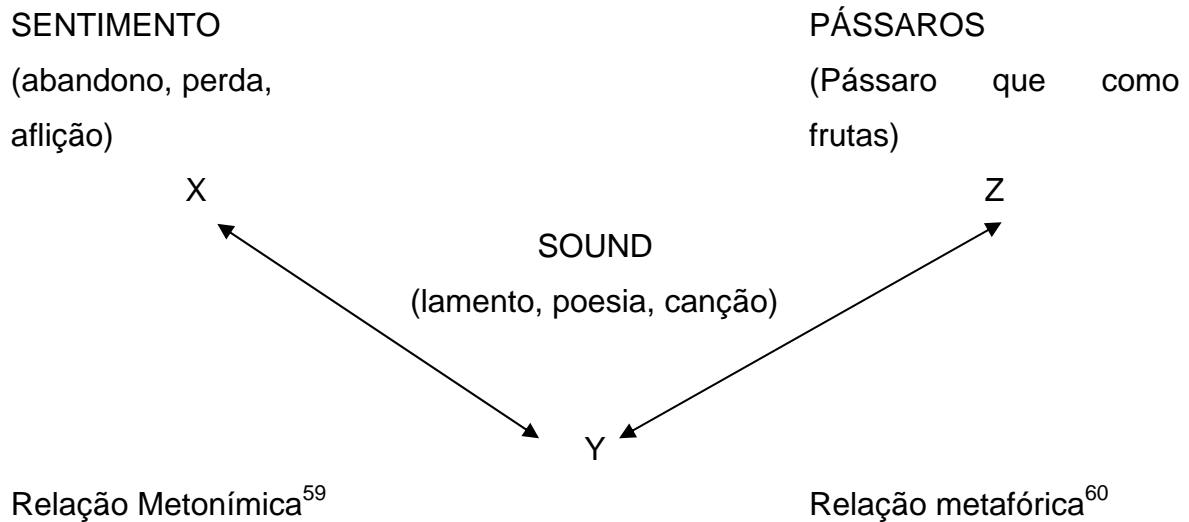
A	B	C
Provocação	Mediação	Metaforização
SENTIMENTO	PÁSSAROS	SONS

Evocando o que Leach⁵⁸ chama “a lógica de como os símbolos são conectados” o autor apresenta o seguinte diagrama:



Aplicado ao exemplo da análise do mito “O menino que tornou-se pássaro muni”, obtém-se o diagrama:

⁵⁸ Citado pelo autor: Leach, Edmund. *Culture and communication*. New York: Cambridge University Press. 1976. Uma reflexão associada ao tema diz respeito a fronteiras e liminares sobre os quais Leach argumenta: “O cruzamento de fronteiras e liminares é sempre cercado de rituais, como também a transição de um status social para outro”. Deste modo os ritos de transição, analisados enquanto processos de comunicação, são compostos de três fases rituais: (X) Rito de Separação, onde o iniciado é submetido a uma mudança de status, no qual deve ser separado do seu papel inicial, ou seja, retirado da sua existência normal, tornando-se temporariamente uma pessoa anormal que existe num tempo anormal;(Y) Rito de Marginalidade: intervalo de ausência de marcação de tempo social onde o iniciado é mantido à parte das pessoas comuns podendo sujeitar-se a tipos diversos de permissões ou proibições especiais geralmente referidos a comida, roupas e movimentos, onde seu status é verificado como sujo, contaminado, tendo de ser lavado, descontaminado; (Z) Rito de Agregação: onde o iniciado é trazido de volta para a sociedade normal e agregado ao seu novo papel. (LEACH, Edmund. *Cultura e comunicação: a lógica pela quais os símbolos estão ligados: uma introdução ao uso da análise estruturalista em Antropologia Social*. Trad Carlos Roberto Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. (Biblioteca de Ciências Sociais).



O autor conclui que este último diagrama demonstra o ponto que Lévi-Strauss entende por *bricolage*. Ele está falando sobre o intrínseco relacionamento e reconfiguração em comparação a contextos inteiramente diferentes, o mito, enquanto narrativa, pode realizar o trabalho de estabelecer homologias e analogias entre a ordem social e o mundo externo, desta maneira, natureza e cultura são espelhados nele.

Sobre a Etnografia da Comunicação

Com o objetivo de conceber os elementos fundamentais para o projeto de uma ciência da comunicação social, Lévi Strauss⁶¹ considera preliminarmente que a matéria prima de uma sociedade é feita de indivíduos e grupos que se comunicam entre si. No contexto do propósito geral da Antropologia Estrutural, é preciso ter sempre em mente que a comunicação é tomada e entendida como troca de “objetos simbólicos”, melhor dizendo, de “signos”, e que as reflexões e exemplos do autor têm como ponto de convergência a análise estrutural aplicada à antropologia.

⁵⁹ A metonímia, é um procedimento retórico, de palavra, capaz de operar um deslocamento ou uma transferência de sentido de um significante para outro significante (Benveniste, 1966; Saussure, 1968; Colin, 1975; Kaufman, 1996).

⁶⁰ A metáfora define-se como um procedimento retórico que, operando por contigüidade no plano da língua, é capaz de condensar em uma única e mesma expressão duas ou mais idéias ou representações diferentes.

⁶¹ Estática Social, ou Estruturas de Comunicação in; LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural, Tempo Brasileiro, RJ:2003, p.336.

Esta comunicação assinalada pelo autor, de modo geral e por analogia, opera ao menos em três níveis: comunicação de mulheres⁶², aludindo à sociologia do parentesco (regras do casamento e a linguagem do parentesco); comunicação de bens e serviços, aludindo à ciência econômica; comunicação de mensagens aludindo à lingüística. Aliando-se ao grupo, um quarto tipo, quando se refere às regras de parentesco e de casamento: a comunicação dos genes e dos fenótipos, este com clara alusão à biologia.

Afirma ainda que todas as ciências incluídas no exemplo – sociologia do parentesco, economia e lingüística - dependem do mesmo método, somente diferindo pelo nível estratégico em que cada um se situa no conjunto de um universo comum. No entanto, entre os três modos de comunicação correspondente subsiste a diferença: “*eles não estão na mesma escala*”.

A *Etnografia da Comunicação*, por sua vez, é metodologia de caráter multidisciplinar que se ocupa principalmente da natureza interativa e intersubjetiva do uso da linguagem. Desse seu início nos anos setenta, sua marca interdisciplinar recebeu contribuições de diversas áreas de conhecimento como a Lingüística, Filosofia, Psicologia e das Ciências Sociais como a Sociologia e Antropologia. Para cada utilização particularidades aproximam ou afastam pontos de vista. O lingüista e antropólogo norte americano Dell Hymes⁶³ (1971), cunhou o termo *competência comunicativa*⁶⁴, cuja proposta é investigar as regras de uso da linguagem nos próprios contextos e situações sociais em que a comunicação verbal se realiza em uma *comunidade de fala*.⁶⁵

⁶² O autor diz sobre este ponto em outra parte que, em Estruturas elementares do parentesco, foi tachado de livro anti feminista, pela razão de que, neste livro, as mulheres são tratadas como objetos. Diz o autor: “Pode-se ficar legitimamente surpreso de ver assinalar às mulheres o papel de elementos num sistema de signos. Tenhamos cautela, contudo, pois se as palavras e os fonemas perderam (...) seu caráter de valores e se tornaram simples signos, a mesma evolução não poderia se reproduzir integralmente no que concerne às mulheres. Ao mesmo tempo em que signos, estas são produtoras de signos, como tais, elas não podem se reduzir ao estado de símbolos ou ocorrências de símbolos” Linguagem e sociedade, Cap. III in; Levi-Straus, Claude. Antropologia Estrutural, Tempo Brasileiro, RJ:2003, p. 78.

⁶³ Hymes, D. *Language in Culture and Society. A Reader in Linguistics and Anthropology*. New York: Haper & Row, 1964.

Hymes, D. Models of Interaction of Language and Social Life. In Gumperz, J. & Hymes, D. (eds.) *Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication*. Oxford, New York: Basil Blackwell, 1986[1972].

⁶⁴ Engloba o conjunto de conhecimentos relacionados a fenômenos lingüísticos, psicolingüísticos e sociolingüísticos.

⁶⁵ Esta proposta se diferencia de outros pontos de vista como os de Saussure e principalmente de Chomsky, neste aspecto, em que a teoria lingüística diz respeito a um falante-ouvinte ideal, em uma comunidade de falantes homogênea, que conhece perfeitamente sua língua e não está afetada por condições gramaticalmente irrelevantes das limitações da memória, distrações, falta de atenção e de interesse, erros fortuitos, etc., ao aplicar seu conhecimento da língua numa performance atualizada. Os termos *competência*, *conhecimento da língua* e *performance* para Chomsky não são equivalentes aos de Hymes, pois se refere precisamente ao conhecimento da gramática da língua e a aplicação deste conhecimento.

A *competência verbal* ou *comunicativa* deve ser compreendida como um conjunto de habilidades e conhecimentos que nos dá competência e capacidade para interpretar os significados sociais das variedades lingüísticas e utilizá-los de maneira eficiente segundo as circunstâncias⁶⁶. Deste ponto de vista, trata-se de uma competência sociolingüística.

Uma Etnografia da Comunicação, no contexto da Competência Sociolingüística, como denominou Hymes⁶⁷ é operacionalizada pela descrição em termos culturais dos usos da língua e da fala em seus contextos⁶⁸. O objetivo é identificar as regras de interação social, de um grupo ou mesmo de uma instituição ou comunidades. Desse modo, um indivíduo fala diretamente vinculado a propósitos e necessidades engajadas em ações sociais. Nesse sentido, deve-se atentar para quatro questões⁶⁹:

- Primeiro, que os recursos sociolingüísticos compreendem recursos gramaticais e também potenciais lingüísticos para o uso e significados sociais;
- Segundo, atentar para as inter-relações e organizações contextualizadas dos diversos tipos de discurso e interação social na comunidade;
- Terceiro, dos contextos da fala com outros aspectos culturais e sua correlação com a organização social, como posições ideológicas, religião e política⁷⁰;

⁶⁶ A enunciação é o produto da interação de indivíduos socialmente organizados. Bakhtin (1995[1929]:112-113: *“A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social, se estiver ligada ao locutor por laços mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. [...] Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. [...] A palavra é uma espécie de ponte entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.”*

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Todas as formas de linguagem, incluindo a escrita. “Speech is taken here as surrogate for all manifestations and derivations of language, including writing, song, speech-linked whistling, drumming, horn-calling, etc. (Hymes, 1989:45)

⁶⁹ Vide: Competência Comunicativa: Um paradigma para a análise do discurso. Paulo Henrique Duque. Grupo de estudos lingüísticos de Valença.

⁷⁰ Um cientista, por exemplo, pode pertencer ao mesmo tempo a diferentes *comunidades de fala*: acadêmica, religiosa, étnica, política etc.

- Quarto, *situações*⁷¹, *eventos*⁷² e *atos*⁷³ de fala, relacionados ao uso e exploração de recursos no discurso. Neste contexto, Hymes propõe o modelo que denomina SPEAKING, indicando nele os itens que compõem a situação social: a) situação de fala (onde e quando?); b) participantes (quem e a quem?); c) finalidades (para quê?); d) atos de fala (o quê?); e) tom (como?); f) instrumentos (de que maneira?); g) normas (acredita?); h) gênero (que tipo de discurso ?).

O Quarto item merece uma atenção mais detalhada. Hymes postula que uma comunidade de fala é “[...] *uma comunidade que compartilha regras de conduta e de interpretação da fala, e regras de interpretação de, pelo menos, uma variedade lingüística*”.⁷⁴

Este modelo proposto pelo antropólogo Dell Hymes⁷⁵ desenvolve a análise como uma série simultânea de *eventos do fala* e de *atos de fala* dentro de um contexto cultural, sobre todas as formas de linguagem, incluindo a escrita. Hymes (1972) propôs um modelo de **etnografia da comunicação** que reúne, sob o acrônimo SPEAKING – os componentes necessários para a avaliação de um evento comunicativo, quais sejam o cenário, os participantes, o propósito, o conteúdo ou atos de fala, o tom, o canal, as normas interacionais e o gênero.

Deste ponto de vista metodológico, as categorias são assim produtivas e poderosas na análise que se pode operar sobre os muitos tipos diferentes do discurso tanto oral como escrito:

- **Setting and Scene – SITUAÇÃO:** ambiente e cena; situação de fala. O *Setting* (ato ou situação) diz respeito à época e ao lugar de um “ato de discurso” e, no geral, às “circunstâncias físicas”. Engloba as circunstâncias físicas e psicológicas do evento. A sala de estar na casa dos avós pode ser um ambiente para uma história da família. O cenário é “o ambiente psicológico”

⁷¹ Uma *situação de fala* se associam ao uso da linguagem ou a sua ausência, como por exemplo, num jantar.

⁷² Um **evento de fala** é uma atividade regida por regras, como por exemplo uma conversação. [...] os eventos de fala têm propriedades que não podem ser reduzidas à competência individual. Tal competência, entretanto, subjaz à conduta comunicativa, não somente dentro das comunidades, mas também entre comunidades. A competência individual pode ser vista como algo que entra em uma série de sistemas de diferentes esferas.

⁷³ Os *atos de fala* são segmentos de discurso menores que compõem os eventos de fala, e pode ser, por exemplo, uma pergunta ou uma censura durante uma discussão.

⁷⁴ Hymes, Dell. *Foundations of Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. Philadelphia: U of Pennsylvania P, 1974. – No capítulo “Fundamental Notions” Hymes detalha todos os termos envolvidos no presente método (p. 45 a 65).

⁷⁵ Ibid.

ou “definição cultural” de uma cena, incluindo características tais como a escala de formalidade e o sentido do jogo ou de seriedade. A história da família pode ser contada em uma reunião na qual se comemora o aniversário dos avós. Às vezes, a família seria festiva e brincalhona; em outras vezes, séria e formal.

- **Participants; speaker and audience** (Participantes: falante e audiência ou remetente e destinatário). Os lingüistas em geral farão distinções dentro destas categorias: O “falante” é o remetente e, as audiências podem ser distinguidas como destinatários. Na hipotética reunião da família, uma tia pode contar uma história para as mulheres relativamente mais jovens, no entanto os rapazes igualmente puderam ouvir, embora esta não tenha sido originalmente a eles dirigida.
- **Ends** (Finalidades) Diz respeito à finalidades, objetivos individuais e resultados. Por exemplo, a tia pode contar uma história sobre a avó para divertimento das audiências; para ensinar as mulheres jovens ou para honrar a avó.
- **Act Sequence** (Atos de Fala): Diz respeito a seqüência do ato, forma como é dito ou a ordem do evento. A história da tia pode começar como uma resposta a um brinde à avó. A pauta e o desenvolvimento da história teriam uma seqüência estruturada pela tia. Possivelmente haveriam interrupções colaborativas durante a sua fala. Finalmente, o grupo pôde aplaudir a tia falante e mover-se em um outro assunto ou atividade.
- **Key** (Tom): Sugestões que estabelecem o “tom, a maneira de expressar, ou o espírito” do ato de discurso. A tia pode imitar a voz e gestos da avó em uma maneira divertida, ou pode dirigir-se ao grupo em uma voz séria que expressa a seriedade e o respeito do elogio que a história expressa.
- **Instrumentalities** (Instrumentos): Formas e estilos do discurso. Seleção do canal (oral, escrito, visual) bem como o uso de códigos. A tia pôde falar de um estilo casual com muitas características do sotaque ou pôde usar um estilo mais formal com muitas formas “padrões” gramaticais cuidadosos.

- **Norms (Normas):** Regras sociais que governam a interação, as ações e reação dos participantes. Em uma história divertida contada pela tia, as normas puderam permitir muitas interrupções e colaboração da audiência, ou possivelmente aquelas interrupções podem ser limitadas à participação das mulheres mais velhas. Uma história séria, formal pela contada pela tia pode chamar atenção para ela e as interrupções para as normas.
- **Genre (Gênero):** O tipo do ato ou do evento de discurso. Envolve a categoria dos temas (poesia, epístola, sermão, oração, entrevista, conversa, etc). A tia pode contar um anedota sobre a avó para o divertir, mas destacar o exemplo como a instrução moral. As diferentes disciplinas desenvolvem termos para tipos de atos de discurso, e as comunidades do discurso têm às vezes seus próprios termos para tipos.

No contexto etnográfico, a linguagem corporal de uma piscadela de olho⁷⁶ por exemplo, indica a capacidade, ou a *competência interacional*, para negociar significados com outras pessoas. Essa interação é regida por regras reguladoras culturalmente determinadas, variando entre as diferentes culturas. Nesse sentido, é possível descrever qual é o comportamento sociolinguístico utilizado, identificando suas maneiras do uso. Por outro lado, está estreitamente vinculada com a *competência cultural*, isto é, a capacidade de compreensão de aspectos da cultura, da estrutura social, os valores e as crenças das pessoas, bem como o modo de fazer determinadas coisas. Deste modo, todos os *atos de fala* podem ser considerados o reflexo de diferentes sistemas de valores.

Em suma, o modelo proposto é uma metodologia que ajuda a compreender os propósitos, necessidades e satisfações humanas e compreender o sentido que Dell Hymes dá ao conceito de Competência Comunicativa. Implica percebê-la como um conjunto de habilidades que viabilizam a comunicação fazendo uso da língua em *situações de fala (texto)*, *eventos de fala (contexto)* e *atos de fala(forma)* no interior de um ambiente de conhecimento cultural que lhe dá significado. O sentido que damos a esta experiência está atrelado a uma sociocognição⁷⁷ coletiva. Portanto, o

⁷⁶ Referindo-se a Clifford Geertz.

⁷⁷ Ou seja, elementos contextuais que marcam um evento de fala: o espaço social, o momento, o contexto institucional, as normas de interação que devem se aplicar a interpretação.

entendimento se alarga para os efeitos de uma comunidade de discursos e práticas, refletidas em maneiras de agir e de falar, além de crenças, valores, relações de poder, etc⁷⁸.

Efetivamente, para tornar a interpretação dos sentidos culturais revelados pela análise do mito “o menino que tornou-se um pássaro *muni*”, Steven Feld organizou material etnográfico, primeiramente nos termos estruturalistas (Leach e Lévi-Strauss), para em seguida realizar uma antropologia da comunicação como proposto por Dell Hymes. Operando assim, um funeral é um ritual e também um evento comunicativo. O modo como as mulheres *muni* cantam para fazer com que os homens chorem são “densamente” descritos, com referência em Geertz, harmonizado segundo o modelo proposto por Hymes, quais sejam o cenário, os participantes, o propósito, o conteúdo ou atos de fala, o tom, o canal, as normas interacionais e o gênero (melhor dizer ‘tema’).

A intertextualidade etnográfica

Relembrando o que foi dito em outra parte deste trabalho, o ETNOGRAFO, num sentido lato, originou-se da idéia de que, como participante/observador, deveria aprender a viver na sociedade do nativo e tentar descobrir como as coisas realmente funcionam. Em contrapartida, Clifford Geertz e a corrente de pesquisadores que se segue, propõem um novo modo de fazer etnografia. Para eles, “*Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de interpretar uma leitura de) um manuscrito – estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, correções suspeitas e comentários tendenciosos, porém escrito não os sinais convencionais de som, mas com exemplos transitórios de comportamento comum*”⁷⁹. O enunciado parece complicado, mas na verdade a proposta é bastante objetiva: interpretar um texto por meio de outro texto. Falar sobre cultura⁸⁰ é referi-la a um sistema simbólico no qual os processos culturais devem ser lidos, traduzidos e interpretados.

⁷⁸ Esta proposição identifica-se com o modelo de Max Weber para o qual a sociologia é “uma ciência que pretende entender pela interpretação a ação social para desta maneira explicá-la causalmente no seu desenvolvimento e nos seus efeitos. Por “ação” deve entender-se um comportamento humano, tanto faz que se trate de um comportar-se externo ou interno ou de permitir ou omitir, sempre quando o sujeito ou os sujeitos da ação ligam a ele um sentido subjetivo. A “ação social”, portanto, é uma ação na qual o sentido sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento dos outros e se orienta nela no que diz respeito ao seu desenvolvimento.” In Conceito Sociológicos Fundamentais – 1921. (WEBER, 2001:400)

⁷⁹ Id. Interpretação das culturas.

⁸⁰ Geertz define: “Cultura é um sistema ordenado de significados e símbolos[...] em cujos termos os indivíduos definem seu mundo, revelam seus achados e fazem seus julgamentos” [...] “um padrão de significados, transmitidos historicamente, incorporados em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam-se,

“ A grande virtude de ampliar a noção de texto para abranger outras coisas além das que são escritas em papel, ou gravadas na pedra, é que este processo orienta nossa atenção justamente para o fenômeno[a fixação do significado]: o processo de elaboração da inscrição da ação, seus instrumentos e como estes funcionam, e as implicações que a fixação do sentido que emana de um fluir de eventos – eventos que, para a história, são o que aconteceu, para o pensamento, o que foi pensado, para a cultura, o comportamento – tem para a interpretação sociológica.” (GEERTEZ, 1997:51)

Em termos mais simples ainda, as culturas possuem um caráter dual, (principalmente quando as concepções e práticas religiosas agem sobre determinados processos políticos, sociais e econômicos): como as duas faces de uma moeda, elas informam por um lado, o que é o mundo, e por outro, como se deve agir nele. Tal é o núcleo das idéias que influenciaram teóricos da segunda metade do século XX.

Dissertar sobre questões metodológicas e de como a cultura deve ser estudada de maneira mais sofisticada na obra de Geertz é uma tarefa de garimpo. O que se pode obter de mais consistente sobre o método, está no conteúdo de um ensaio: “Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura”, publicado em 1970⁸¹. A diretriz principal de seu método tem raízes profundamente weberianas, a qual postula que as ações das pessoas, são sinais com o propósito de transmitir significados. A ação deve ser considerada e processada através do filtro da interpretação. Esta interpretação tem como contraponto entre o dito e o feito.

Um exemplo da aplicação desse método pode ser encontrado na famosa descrição da briga de galos balinesa e a linguagem corporal de um piscar de olhos⁸². Geertz inicia com a descrição enfatizando que o antropólogo deve estar atento para as estruturas superpostas de inferências e implicação, qual seja, as várias camadas de significado que podem ser transmitidos. Ele conclui, em suma, que a briga de galos expõe de maneira contundente as relações de status em Bali, as quais são questões de vida ou morte. Por outro lado, nessa conjuntura, o que interessa ao antropólogo é a interpretação que a platéia dá à competição: é uma história que contam sobre si mesmos, qual seja, uma leitura balinesa da experiência balinesa. Outro exemplo da aplicação deste método pode ser encontrado em “Negara: O

perpetuam-se, desenvolvem seu conhecimento sobre a vida e definem sua atitude em relação a ela” [...] “ um conjunto de dispositivos simbólicos para o controle do comportamento, fontes extra-somáticas de informações”.
Id., A Interpretação das culturas.

⁸¹ Id. Interpretação das culturas.

⁸² As descrições podem ser lidas integralmente em: Interpretação das culturas p. 8-10.

Estado-teatro do século XIX”⁸³, publicado em 1980. Para este texto, o que importa é destacar metodologicamente que, a tarefa etnográfica implica, não só na leitura sobre os ombros dos informantes, mas inclusive, na tarefa de construir a interpretação por meio de outros textos: mitos, lendas, registros históricos, narrativas locais etc.

Em certo sentido, os textos etnográficos funcionam por meio de um processo alegórico, e a tarefa do autor é encontrar as alegorias adequadas para formatar um novo texto. Radicalizando esta idéia, pode-se concluir que em essência, as etnografias ensaiadas por Geertz bem como as descrições e histórias dos balinesas são, em suma, relações de intertextualidade. Dessa cumplicidade entre metáforas nativas e metáforas do antropólogo, surge uma poética cultural, uma alegoria, tanto como interpretação do antropólogo, como do nativo sobre si mesmo.

Compondo uma Análise Narrativa

Nestes termos compus referências para uma Análise Narrativa dos repertórios contidos nas cartas dos prisioneiros. O conteúdo desse repertório das cartas pode ser comparado a uma conversa textualizada⁸⁴, a qual segue regras do uso lingüístico que se dá no contexto, até mesmo, criando contextos, o que aproxima o estudo lingüístico de uma perspectiva social e vinculada às relações humanas. Na verdade, vivemos no mundo do mesmo modo que nos relacionamos com as questões lingüísticas deste mundo, ou seja, a linguagem necessita interagir com o contexto. Valores e crenças que são manifestados pelo uso da língua têm um papel fundamental em nossas vidas. As cartas, por esta ótica oferecem dados empíricos para compor um *corpus* de interação, requisito essencial para a operacionalização da análise.

Para consolidar a composição da análise narrativa como discurso, das cartas dos prisioneiros, dissertei até aqui sobre estes três pontos de vista analíticos. Uma

⁸³ Geroge E. **MARCUS** y Dick E. **CUSHMAN**. Las etnografías como textos. In El surgimento de Lá Antropologia Posmodernas, por G. Geertz, J. Clifford y otros. Editora Gedisa: México, 1991.

⁸⁴ Muito utilizada em MSN, E-Mail, etc. Penso na carta como similar destes modos de interação verbal textualizada.

conclusão *a priori*, evidenciou que o fenômeno envolve a análise de uma questão simultaneamente sociológica e comunicacional.

Entendo o repertório das cartas, quando visto do ponto de vista narrativo, dotado de um *sistema de símbolos*, e, a exemplo de Steven Feld, proponho um tripé teórico sobre o qual formalizo metodologicamente a análise: o estruturalismo de Lévi-Strauss, a descrição densa de Clifford Geertz e a etnografia da comunicação tal como proposta por Dell Hymes. Sustento, como Feld, uma relação de complementaridade entre estas três correntes teóricas, ciente de que, com muita frequência são entendidas como concorrentes. Sob a perspectiva proposta, o estruturalismo que inspirou Levis Strauss na análise formal de mitos e outros fatos culturais, nos permite vislumbrar um sistema simbólico. Já o Paradigma Hermenêutico nos permite explorar os modos pelos quais os símbolos operam o sentido na vida quotidiana dos “prisioneiros”. E a Etnografia da Comunicação faz a ponte entre estes dois aspectos: o da relação lógica entre os símbolos e o de como eles são produzidos e atuam na vida concreta.

Especificamente, primeiro vou realizar uma etnografia do contexto de produção das cartas, isto é, uma Etnografia da Comunicação organizada segundo o modelo SPEAKING proposto por Dell Hymes. O objetivo deste modelo não é a compreensão em si, mas proporcionar uma certa ordem na diversidade dos eventos para possibilitar o entendimento sobre o papel da linguagem na vida social apreendida na forma de discurso. Numa relação de complementaridade, assimilo a atividade etnográfica nos termos que Clifford Geertz a explicita, em que, falar sobre uma cultura é referi-la a um sistema simbólico no qual os processos culturais devem ser lidos, traduzidos e interpretados. Em seguida, vou encaminhar o conteúdo para o interior de um Sistema de Classificação da ordem de Comunicação, nos termos de uma estrutura aplicada por Lévi-Strauss para a análise dos mitos. Na conclusão discutirei o caráter “discursivo” do conjunto de cartas.

Ao organizar as cartas deste ponto de vista, intento revelar nas formas residuais de discurso, blocos narrativos, ou seja *scripts*, que resultam da redução desta grande e diversa quantidade de textos a uma classificação preliminar. Melhor dizer de outra forma, ou seja, para que as cartas tenham efetivamente um valor discursivo, elas precisam, assim como o mito, subsidiar um enredo coerente. Elas necessitam “falar” de algo “em comum”, qual seja, dar origem a um discurso formado

por textos interconectados obtendo o que Hymes denomina de “evento comunicativo” com a moldura de uma comunidade de falantes, neste caso, presos ou vinculadas à prisão. É possível conciliar, desta forma, com exercício crítico, o texto enquanto entidade formal e discurso, enquanto entidade funcional, integrados no evento comunicativo empírico. É importante ressaltar que um evento comunicativo não é somente consequência de palavras ditas ou escritas, é também um discurso para onde convergem ações lingüísticas, cognitiva e sociais.

Organizando as cartas para a análise

Para efetivar a análise, tabulei um banco de dados no programa Microsoft Access 2003 ao qual denominei DATA HYMES. Num eixo estão os pontos do modelo SPEAKING e no outro os elementos para uma etnografia da comunicação recolhidos das cartas. O resultado preliminar são fichas e as que foram utilizadas representativamente no corpo do trabalho, podem ser consultadas no anexo I. A versatilidade do Banco de Dados Hymes é que permiti fazer o cruzamento das narrativas e realizar arranjos múltiplos conforme o interesse da etnografia. A Tabela 1 (anexo II) sintetiza a classificação das cartas por temas etnográficos que por sua vez se conjugam aos diversos tipos de discurso.

Como já foi enfatizado, o desafio inicial se apresentava na forma de um conjunto de cartas cujos REMETENTES, estão presos. O ponto de partida que os congrega é o fato de estarem na condição de presos. Entretanto, os DESTINATÁRIOS são de origens diversas e podem estar tanto do “*lado de dentro*” quanto “*do lado de fora*”.

Além disso, os remetentes, que estão na condição de presos, qualificam a si mesmos, ou seja por identificação que são (ser) “presos ou presas”. Ser e estar preso. Outro dado é que estão na “cadeia”, e são descritos por eles mesmos como os do “lado de dentro” dos muros ou das modernas grades em telas galvanizadas eletrocutáveis do sistema penitenciário contemporâneo.

Quanto aos DESTINATÁRIOS, que obvia e potencialmente se constituirão remetentes no ato da resposta, podem ser caracterizados como: destinatários “presos(as)” do “lado de dentro” ou seja, “na prisão”, ou destinatários “livres”, isto é, parentes, amigos, namoradas, pessoas que estão do “lado de fora”, ou seja, estão “na liberdade”. Derivado destas observações iniciais, o conjunto das cartas pode ser organizado preliminarmente em dois grupos, segundo o remetente, da seguinte forma:

- a) [D:D] // [D:D] do “lado de dentro” para o “lado de dentro”, *vice-versa*, entre os “presos(as) e/ou presos(as)”;
- b) [D:F] // [F:D] do “lado de dentro” para o “lado de fora”, *vice-versa*, ou seja, entre os “presos(as)” e os “livres”.

Deste modo, distinguiram-se dois percursos de destinatários operando nos dois sentidos recíprocos⁸⁵:

- dentro ↔ DENTRO e dentro ↔ FORA

Pode-se dizer ainda dizer, sobre os remetentes primários das cartas, que não se constituem enquanto um grupo homogêneo. É o estereótipo de “preso” que ao mesmo tempo constrói uma pseudo-unidade e mantém a fronteira identitária. Este dado implica em que, a própria categoria “preso” ou “prisioneiro”, tomada puramente do campo, por si, já está impregnada de significados *a priori*. Pode muito bem significar uma situação social, mas emocionalmente, na relação entre as personagens, ela também evoca afetos e desafetos. Ao mesmo tempo em que a categoria reúne e classifica, ela simultaneamente exala valor sobre o seu conteúdo. Mas por isso mesmo ela é eficiente, pois carrega em si as contradições que a originam, além de preservar o sentido “nativo”.

Tal é, no conjunto deste capítulo, o panorama teórico metodológico que reúne para compor uma narrativa comum a partir do conteúdo das cartas. Tem o objetivo de contribuir para constituir a caracterização do prisioneiro como “personagem” na condição de “preso”. Evidentemente que este quadro teórico por si só não é suficiente, e está estreitamente vinculado aos demais elementos conjuntivos. Portanto, somente faz sentido quando associado a experiência do antropólogo, associado ao trabalho de campo, o qual consistiu de uma experiência pessoal e em visitas periódicas aos presos. Além deste conjunto, em caráter complementar, inclui também o acompanhamento do percurso realizado por parentes ao presídio, conversas com outros atores como policiais e agentes penitenciários, que constituem, por assim dizer, um quadro de referências contrastivo, que no conjunto irá repercutir numa narrativa etnografada a qual terá como premissa, como recomenda Clifford Geertz, a finalidade de *“analisar a estrutura significativa da experiência (aqui, a experiência das pessoas) conforme ela é apreendida por*

⁸⁵ Assim: DENTRO – dentro ; dentro-DENTRO;dentro- FORA; FORA-dentro.

*membros representativos de uma sociedade particular, num ponto do tempo particular [...]*⁸⁶ (GEERTZ, 1989:229).

A partir deste ponto, pretendo mudar o “tom” desta dissertação. De um discurso “monográfico”, extremamente necessário para o entendimento das implicações na análise, para um “tom literalizado”, visando subsidiar a narrativa com um discurso que lhe é ausente, capturado pela experiência vivida na prisão. Seria a aplicação dos dois primeiros itens do método de Dell Hymes, entretanto, não seguirei a formalidade do autor. A intenção é descrever o cenário e dimensionar as condições psicológicas onde concretamente se estabelece o sistema de comunicação. Como uma testemunha ocular, a densidade da descrição é articulada com a densidade da experiência, incorporando, deste modo, o leitor como cúmplice de uma leitura reflexiva. Equivale dizer que a subjetividade é bem vinda e é acolhida como elemento signifiante, melhor dizer, “referência”, essencial de um saber construído pela reflexão. Neste sentido, bastante experimental. O procedimento consiste em compor arranjos de repertórios aparentemente desconectados e sem ligação, em uma narrativa rearranjada, ou reorganizada na narrativa. Portanto, pode a narrativa ser apreendida como ficção. É diferente da inversão pura. Também é diferente da representação. A busca aqui é de encontrar na narrativa um modo de dizer coisas que não viram texto livremente, mas que necessitam da imaginação para se fazer entendida.

⁸⁶ GEERTZ, Clifford. Pessoa, Tempo e Conduta em Bali, Capítulo 8, in *A Interpretação das Culturas*, 1989 [1973], Rj:Guanabara

Capítulo 4: “Tirando cadeia”: Conexões.

“ O homem é nostalgia e busca de comunhão.
Por isso, cada vez que sente a si mesmo, sente-
se como carência do outro, como solidão”

Otávio Paz

Episódio Primeiro: “conexão X”

Quando eu estava preso no Centro de Triagem, uma espécie de Delegacia, conheci um preso chamado Pedro. Ele foi uma referência para mim, pois me ajudou “gratuitamente” a sobreviver na cadeia. Por meio dele pude me “ligar” no significado de “tirar cadeia”. Quando se “cai” na cadeia, não há um meio tempo de transição ou integração à realidade carcerária, ela simplesmente te fagocita vivo, como um elemento impuro no corpo social. Daí por diante você tem que “se virar”, pois o Estado é incapaz de oferecer qualquer garantia. Significa criar laços de lealdade e mútua proteção que garante em parte que você não sofra violência física ou psicológica. Hoje posso avaliar o quanto foi importante para mim ter me tornado amigo de uma pessoa “influente” e “respeitada”. Quero neste capítulo compartilhar de algumas cenas ou episódios sobre o cotidiano da experiência da prisão que evocam o drama do significado de “cair em cana”.

Na primeira noite na cadeia vêm mil coisas na sua cabeça. As algemas, os ferros, cadeados. Você vê um preso apanhando, outro sendo violentado, outro seco de feridas como uma múmia, outro pagando propina para dar uma caminhada de 10 minutos no pátio. Logo vem à sua mente: “você é o próximo”. Você olha para todos os lados buscando alguma referência e o que vê são paredes rabiscadas com “eu estive aqui”, pornografias desgastadas, calendários, vários calendários com dias contados aos riscos, imundície por todo lado. A primeira pergunta que me fizeram ao entrar na sela: “Daí ladrão, conta ai por que caiu...”. Para alguns é difícil falar, principalmente para homicidas. Geralmente quando o preso fala “homicídio” as perguntas cessam. Lembro que para mim, os presos fizeram muitas perguntas para certificar se eu era realmente “culpado de verdade” ou se eu era só um “laranja”. Eles têm esta especialidade. É como avaliar o currículo de um candidato para constatar o potencial que ele tem a oferecer. “Laranja” e o tipo “otário” que caiu por

pouca coisa, não têm muita expressão. Esse era o meu caso. Viver um dia de cada vez seria um bom conselho neste momento. Depois de uma semana fui me virando e graças a Pedro eu arrumei o ofício de escrever e ler cartas para alguns presos. A rotina foi se estabelecendo.

Quinta feira era dia de audiência no Fórum. Neste dia especialmente, Pedro acordou mais cedo que todos no X5. Não como era de costume, mas antes mesmo que a costureira e barulhenta caneca de ferro esfregada com sarcasmo nas grades pelo “correria”. A movimentação dele nos acordou também. “Vamo acordá ladrãozada!” Essa era a maneira de anunciar a hora de acordar e receber o chá preto e o pão com geléia de alguma coisa. O motivo da ansiedade dele era a mesma que a minha. Pedro também tinha a sua audiência no fórum. Vestido com o melhor que pôde, barba feita e bastante desodorante, procurava a forma ideal de deixar o seu teimoso e comprido cabelo de índio atrás da orelha, era o costume dele, tanto que seu apelido era “Cabelo”.

Eu não havia sido ouvido ainda no processo, e esta seria a primeira vez que ia sair “de bonde”, ou melhor, de camburão. Como eu era novato, procurei ficar o mais próximo possível de Pedro, pra ver como as coisas funcionavam. Ele parecia tranqüilo, já eu, estava uma pilha. Ele tomava seu chá e entre um gole e uma mordida no pão, amarrava cuidadosamente uma pequena pedra em um barbante. Aproximou-se da grade e chamou o companheiro da cela em frente dizendo: “Ei mano, liga o Tiago do 22”. Em seguida jogou para ele a “tereza”, como era chamada a guia feita a pouco com a pedra e o barbante. Geralmente ela era utilizada em distâncias pequenas, para receber encomendas, mas desta vez o caminho seria relativamente longo.

O pavilhão no qual nós nos encontrávamos presos era pequeno em relação a outras casas de detenção. Ali funciona o Centro de Triagem, onde o paciente preso é recolhido e permanece sob custódia até que o processo seja julgado e a pena definida. Só então o preso é mandado para a penitenciária. Idealmente seria desta forma. Entretanto, a superlotação nas penitenciárias resulta em que mais da metade dos pacientes presos cumpre pena ali mesmo na triagem. Outra verdade, é que os presos deveriam ficar separados pela qualificação dos seus crimes, mas pelos mesmos motivos, todos ficavam juntos.

O pavilhão era composto de 24 celas de aproximadamente 6 metros quadrados onde em cada uma ficavam cerca de 7 a 12 aprisionados. 12 celas eram alinhadas em pares, uma em frente à outra formando um corredor no meio delas e logo acima, outras 12 celas formavam a galeria, espécie de mezanino, dispostas da mesma forma. Nas celas, somente o X2, X3, X5, X22 onde estava Tiago e o X9 o “seguro” onde eu estava, tinham beliches. Nas restantes, velhos colchões e até mesmo papelões e jornais eram espalhados no piso de cimento cru e serviam de cama. Este era o motivo do grande movimento e arrumação naquela hora.

No X1 ficavam os viciados, estupradores, travestis e homossexuais. No X2 ficavam os “cagüetas” e delatores. No X3 ao X5 os “normais”. No X6 os “correias”. No X7 e X8 do tráfico. No X9 o seguro para doentes ou com curso superior. O restante até o X24 era genérico, geralmente habitado por presos mais antigos.

Em algumas celas, devido à superlotação, os presos fazem rodízio para dormir, e quando há uma cama ela é ocupada pelo preso mais antigo ou mais “ladrão”, o qual acaba sendo um líder que organiza e decide sobre a organização, higiene, alimentação, e ainda aplica as penalidades nos “vacilões”. Com sorte dá para esticar uma rede, mas o espaço em algumas não permite. Banheiro não há. Somente uma “bacia turca” e uma bica de água fria para o banho. Em algumas celas há chuveiros instalados em “gatos”, ligações clandestinas com fios improvisados os quais muitas vezes causavam queda no disjuntor. Via de regra o banho é frio mesmo. Naquela época cerca de 300 presos se amontoavam nas apertadas celas.

A “tereza” foi sendo arremessada de cela em cela, e por onde passava, era recebida com entusiasmo e arremessada novamente à cela mais próxima, assim sucessivamente, acompanhada de um vocal de uma nota só em que pulsava “oh, oh, oh, oh...”.

O gigantesco barbante, algumas vezes enroscado na grade que lhe servia de roldana, assinalava com a ênfase de uma linha o percurso de seu caminho. Um único fiapo de luz que entrava pela pequena vidraça no alto da parede do corredor realçava o percurso pela poeira que levantava do movimento dos colchões e papelões quando o barbante era iluminado. Finalmente a “tereza” chegou ao seu destino, às mãos de Tiago no X22 ligando Pedro que estava no X5.

Tiago recebeu a guia. Também fiz amizade com ele. Seu talento de artesanato movimentava a cela em que transformou numa oficina de fazer redes com fio. Não era de muitas palavras, rude com os companheiros, mas bastante “responsável”. Amarrou na ponta do barbante uma sacola plástica, cujo conteúdo de volume pequeno já estava previamente preparado. Selou-o com um forte nó. Esticou então o barbante e deu três puxões e disse: “liga o cinco!”. A sacola seguiu pelo mesmo trajeto, sendo auxiliada por diversas mãos até chegar a Pedro, que a aguardava no X5.

Ao receber a encomenda, abriu a sacola e seu conteúdo era um maço de cigarros que foi recebido com satisfação e também uma carta. O envelope era bonito, pintado com lápis de cor e pelo traço e pela mesma e conhecida açucena, certamente foi comprado do seu Nico por dois cigarros. Ele juntou a carta de Tiago à outras duas cartas. Uma das cartas era do próprio Pedro. Me contou que era para sua ex-mulher com quem vivera amasiado. Outra, selada e com endereço completo, era de André, um jovem que mal sabia escrever o próprio nome, endereçada para sua mãe, companheiro de “pátio” a quem eu ajudei na escrita. Já a carta de Tiago era para Marta, “namorada” que estava presa na Triagem Feminina, no 9º. Distrito, os dois se conheciam apenas por carta. Guardou-as dobradas no bolso de trás de sua calça. Sentou numa banquetta próxima às grades e acendeu um cigarro oferecendo um a Tomé, que se arrumava para a função de “correria”, prontamente aceitou e outro para Felipe, nem ofereceu para André que era evangélico e não tinha vício, ambos companheiros de penitência na mesma sela.

Da minha cela eu podia ver o movimento geral. Comigo estavam presos um senhor já de idade chamado Dirceu, assassino. Um jovem chamado Rico, traficante e latrocida. Um turco, apelidado de “Turco”, obvio, esse, estelenionatário e especialista em clonar telefones celulares. Rico me ofereceu um copo de nescafé falando “vai de bonde hoje?”. Só acenei afirmativamente com a cabeça. Depois ele completou: “pede pra sua advogada botar esta carta no correio pra mim, já tá com selo, só larga numa caixa”. Guardei a carta no bolso.

Tomé, o “correria” saiu apressado. Esta função é ocupada por presos de bom comportamento que realizam tarefas de limpeza e manutenção. Ele também escrevia cartas, mas eram sempre entregues a sua advogada quando remetidas para a família, mas quando era para as namoradas presas, entrava no esquema. Ele

sempre pedia ajuda a mim para escrever suas cartas. Não tinha muito estudo, como a maioria alegava. Tomé também estava ansioso, mas por outro motivo. Como era quinta, dia de audiência, o “bonde” ia trazer as meninas presas para o fórum. Dali a alguns instantes, ia sair para a “correria” e deste modo, podia conversar com “as presas” que viriam de Piraquara.

O jogo do dominó e das cartas de baralho se iniciara em todas as celas. Os que não dormiram a noite se ajustavam pelos cantos. Esta era a rotina diária do ócio imposto: o sono, o vício e o jogo. Pedro esperou em silêncio, demorando prazerosamente cada tragada, até que o “bonde” o camburão que o levaria ao fórum chegasse. Eu fiquei olhando o relógio com uma imagem do Cristo Redentor. O tempo na prisão, não é o do “tic” nem do “tac”. Demora mais para passar. A mente se perde neste tempo. Pedro certificou-se que as três cartas estavam bem escondidas no seu bolso. Ele e eu somos os portadores de quatro mensagens. Cumpre a nós fazê-las chegar ao seu destino.

Segundo Episódio: obedece quem tem juízo

*Há espaço no coração humano para mais de um sentimento...
Émile Durkheim⁸⁷*

Pedro quase fumou o maço todo de cigarros durante a espera. O agente penitenciário finalmente gritou: “hora do bonde”. Seis presos algemados três a três. Pedro, mais experiente, se posiciona de modo a não ficar no meio. Na extremidade é uma algema a menos, explicava. Um novato do X8, visivelmente em pânico, é quem leva a pior, junto comigo. Seis pessoas. Quatro algemas. Seis silêncios. No camburão sentam-se em trio, frente a frente. Os olhos do novato examinavam tudo, sem piscar, secos de horror. Pensei se os meus estariam na mesma situação. Na noite passada eu me lembrei que ele dormiu sentado no cimento puro. Até ele conseguir lugar será assim.

A porta do camburão se fecha – bam! – e a escuridão triunfa. Nenhum fiapo de luz, somente a escuridão. Os sons parecem ficar mais altos, os olhos quase não piscam buscando algo para ver. O calor aumenta instantaneamente. A solidão se

⁸⁷ DURKHEIM, Emile. Ética e sociologia da moral. Editora Landy. São Paulo:2003.p 72.

transforma em claustrofobia, e o ar parece faltar entre um suspiro e outro. A adrenalina alerta todos os sentidos, ao mesmo tempo em que uma enorme onda de submissão e rendição nos arrebatava. As veias do pescoço dilatam a ponto de sentir o sangue pulsar. O camburão anda, pára, acelera, anda, pára, acelera... E a seqüência se repete incontavelmente jogando aqueles seis corpos no ritmo do trajeto. A chegada demora o tempo de uma eternidade. A sensação de estrangulamento no pulso, causada pelas apertadas algemas indica que algo no corpo e na alma está acontecendo: mãos inchadas e coração apertado.

Ao chegarmos no fórum todos em fila foram postos não numa cela, mas numa inacreditável jaula, um cubo formado de grades pelos seis lados. Ali estão, alinhados em fileiras, cerca de trinta presos aguardando em silêncio, rompido raras vezes. Chega mais um “bonde”, mais seis, e assim a gaiola gradativamente vai enchendo. Enfileirados, agora o policial militar armado com uma “12” e escoltado por mais três policiais igualmente armados berra: “revista!”

Os presos “cadeieiros” mais antigos e experientes iniciam a “coreografia”. Vão tirando lentamente as roupas. Todos acompanham no mesmo “embalo”. Eu tirei primeiro a camisa, depois os sapatos, as meias, a calça, a cueca. Qualquer outro objeto como correntes, brincos, relógios, óculos, são depositados numa caixa de papelão. A demora parece favorecer a idéia de que um fio de dignidade ainda pode ser prolongado por mais tempo. Nudez absoluta. O mesmo policial militar berra: “agacha!” e todos agacham. Depois outra vez berra: “vira!” e finalmente: “senta!” e assim a “matilha” monstruosa e feroz se torna “rebanho” manso. Ninguém se olha e nem fala palavra alguma para “não dar vacilo”. Todos de frente, Corpos brancos e pálidos com as mãos em concha escondendo a nudez. Cabeças para baixo. O policial militar vira para os colegas e sorri com fatura, “tá dominado”, diz ele. Mais espera eterna. A jaula se torna espetáculo. Totalmente expostos, minha constatação: de que é atingido o estado mínimo de humanidade. Inútil tentar esconder a nudez. Inútil também a vergonha e a raiva. Melhor é se preocupar em “não ser vacilão” e ter que “pagar pau” depois.

Algumas palavras começam a escapar e os conhecidos, trocam “salves” espécie de saudação. Duas “bichas travecas” com seio e tudo parecem causar um mal estar no grupo. O policial diz: “as duas meninas aí, sai, pro seguro”. Depois o policial berra novamente: “veste!”. Todos são conduzidos para outra jaula. Cada um

pega suas roupas e se vestem e depois se espalham pelos cantos. Os mais apertados pedem o “balde”. Saíram provavelmente às 8 da manhã e agora eram 14 da tarde, horário que as audiências começam. O policial traz uma embalagem tipo galão recortada na abertura. O preso diz: “licença prá mijá”, em respeito aos demais companheiros alguns incluem “licença pra peidá” e a fila se forma. Cada um que pega o galão repete a mesma frase: “licença pra mijá”. O galão sai cheio, com umas 12 ou 13 “mijadas”. O mesmo policial libera um “correria” para levar e esvaziar o galão. Ele imediatamente diz: “posso fumar senhor?”. Ele abriu o precedente e como os presos estavam colaborando, uma policial liberou os cigarros e a tensão diminui. Gradativamente vão se formando rodas de conversas, mas a grande maioria permanece tensa e discreta e vigorosamente concentrada. Pedro me aconselha na não ficar no fundo, mas ficar perto das grades da frente que é mais seguro.

Todas as espécies *lombrosas* de criminosos, estelionatários, traficantes, usuários de drogas, assaltantes, latrocidistas, homicidas, inocentes e culpados estão ajuntados. Alguns fazem questão de enfatizarem o artigo pelo qual “caiu”, ou melhor, em que estão enquadrados, constituindo uma espécie de identificação “pessoa-artigo”. O uso do artigo do código penal se dá quando esta nova identidade de “preso” tem algum “peso”. Deste modo, uma pessoa que roubou munida de arma tem um status maior do que o preso que é traficante e menos ainda o preso que foi pego por ser usuário de drogas, e a ralé é qualificada pelos que cometeram crimes de cunho sexual. Os “laranjas” como eu gozam de uma certa neutralidade, até que a condição de “otário” se modifique. Um a um são chamados pelo oficial de justiça para comparecer à audiência.

Pedro aproveita a aliviada na “marcação” e chama uma jovem policial do plantão e solicita se ela pode chamar o Bartolomeu, agente penitenciário motorista do “bonde”. Ela faz este favor e Bartolomeu se apresenta a Pedro. Eles já se conhecem. Pedro oferece um cigarro a ele, que recusa de imediato por estar entre seus pares. Conversam um pouco e no final Pedro pede que entregue a carta de Tiago para a Madalena que “veio de bonde” do presídio feminino para a audiência. Bartolomeu pega as cartas e, como estava de saída, aceita o cigarro e se dirige ao pavimento onde estão as “presas” esperando audiência. Lá ele solicita para que uma colega agente penitenciária entregue a carta para Madalena. A agente grita “Madalena!”, e ela se aproxima da grade, “Encomenda” completa a agente.

Madalena recebe a carta de Tiago e guarda escondida no sutiã. Não estava endereçada para ela, mas sim, para sua companheira de prisão chamada Marta. Ela a entregaria quando retornasse. Pela mesma agente, pede que entregue algumas cartas para o mesmo “cara”. A agente faz um tipo, “tá achando que eu sô garota de recado!”. Mas mesmo assim conduz as cartas ao seu destino. Fazem isso para as presas “colaborarem”. Menos “agito”, menos “stress”.

Pedro recebe a encomenda e guarda no bolso de traz da calça. Na audiência, encontrou seu advogado e a sua irmã, que lhe entregou um maço de cigarros com 12 embalagens e alguns remédios tarja-preta para aliviar a depressão e uma carta de seu sobrinho Josiel que estava preso na Delegacia do Adolescente. Ele solicitou à irmã que entregasse sua carta à ex-amásia e colocasse a carta de André na caixa de correios, pois estava selada. Pedro nesta audiência somente deveria permanecer e não seria ouvido, somente as testemunhas, o que foi tomado como um alívio.

Quando me chamaram para audiência senti o sangue gelar. Atravessar o corredor e pegar um elevador público, escoltado por dois guardas. Olhares curiosos. O policial me avisou ao colocar as algemas “se colaborar eu deixo frouxa, mas se pisar na bola já sabe...”. Responder perguntas do Juiz, da Promotora, dos Advogados. Foi uma longa audiência. Eu não queria esquecer a carta de Rico, que ao término entreguei solicitando que minha advogada colocasse na caixa de correio.

Ao término, descemos novamente à “jaula” para aguardar o “bonde”. Agora estávamos algemados em seis. Como fomos os últimos, tivemos que aguardar os policiais jantarem. Enquanto isso fomos todos conduzidos, aproximadamente 12 presos, para um “X” no centro de triagem mais próximo. Ficamos aguardando num “chiqueirinho” o “corô”, e permanecemos algemados ainda. O lugar era lúgubre e imundo. No canto havia uma “bacia turca” que recendia um fedor de fossa. A esta hora da noite as ratazanas, comparáveis em tamanho a um sapato número 42, que vinham procurar restos de comida, nem se importavam com a nossa presença. Vez ou outra eram enxotadas.

Pedro, assim como eu, não podíamos deixar de notar a aflição silenciosa do novato. Pedro conhecia bem como era uma crise de abstinência alcoólica. Percebi logo que tal aflição tinha dois motivos: além da de falta de álcool no sangue, a descoberta, lenta e gradual, da condição e obrigações de preso. Corria a notícia que ele era “cagüeta”. A regra essencial era esta, de que “ladrão não cagüeta ladrão!”.

Numa audiência é uma tarefa sobre-humana cumprir o pacto que pode custar a própria vida. Um senhor de aparência bastante velha, algemado na terceira posição disse: “filho, infelizmente eu vou ter que mijar...”. Como estávamos todos algemados, a solidariedade ao velho falou mais alto. Eu bem que queria também, mas preferi segurar do que dar “vacilo”.

Finalmente, depois de uma longa espera, os policiais terminaram de comer a sua janta e poderiam voltar. “Bonde”, escuridão, anda, pára, acelera, anda, pára, acelera... até que chegamos na detenção. Eu entrei em silêncio. Pedro entrou na cela, olhou para os companheiros dizendo: “hoje foi pesado...”. O companheiro Felipe, solidário, com uma marmitta na mão, não teve coragem de perguntar sobre a remessa, apenas disse: “Aí ladrão, guardei uma “blindada” pra você”. Dirceu também havia guardado uma “blindada” para mim. Agradei. Pedro, depois de aliviar-se, sentou-se na cabeceira da cama do beliche para comer. Passou os dedos por entre os cabelos como era de costume e suspirou. Acrescentou mais um risco no calendário quase todo preenchido - menos um dia. Tomé chegou da “correria” de chinelo de dedo e banho tomado. Cumprimentou e foi logo dizendo: “vi as meninas hoje e você ladrão, tudo certo?” Pedro respondeu com um “beleza”, pois observava o novato que estava numa cela a frente, que ao entrar, sentou-se no chão de puro concreto, e com a cabeça entre as pernas, soluçava e sussurrava palavras que pareciam uma oração. Entretanto, outros começavam a “zoação”: “Ai cagüeta, é bom começa a encomendar a alma pro diabo” diziam em tom de chacota ao pobre coitado. Eu tomava uma caneca de café apoiado na grade. Pedro terminou a “blindada”, tomou seu remédio e só queria dormir. Acendeu um cigarro e chamou o novato: “pega ai mano”. Mal acreditando, o rapaz aceitou o cigarro. Até que o remédio fizesse efeito Pedro tomou a carta de seu sobrinho que estava em seu bolso para ler.

“Tiu sai hoje e resolvi te escrever porque o senhor sempre foi um pai pra mim. Começou tudo assim quando eu estava lá do Pia II pra mim não tava tudo bem mas como eu sou um iguorante e não subi aproveitar as coisas boas que tinham lá mas conforme o tempo eu fui acostumando mas quando vi já era tarde por quando abri os meus olhos eu estava na solidão, tristeza, algustia e sozinho. Mas quando eu fui para a rua eu aprendi muitas coisas ruins que não agrada á Jesus, eu estava completamente endemônioado DESCUPE pela a palavra Tiu, fazia coisa que eu nem sabia quando eu ia ver já tava feito mas fazer o que né tio o senhor sabe como é um menino de rua. Eu fica roubando, prostituando, cheirando menos CRAQUE mas o resto era tudo, mas quando Jesus olhou e DISSE chega filho meu ta na hora de eu agir em sua VIDA e falou bem assim para o seu pai o todo Poderoso que é o nosso DEUS pai estavendo o sofrimento de seu filho e DEUS “Rr” (respondeu). estou sim. A inda age uma FÉ nele olha lá pai, E foi assim que eu senti o toque de Jesus em meu coração e falei pra mim mesmo chega dessa VIDA do Diabo e falei tús es comigo Jesus tira eu Dessa VIDA aí pensei comigo mas quantas chance ele me deu mas jesus falou no meu coração eu ti perdou meu filho amado e te dou mais uma chance e daí um dia Deus permitiu eu ir preso, eu e mais dois meninos e daí a policia que é os Porco, pegarão nós e bateram tanto em nós que parece que eles estão endemônioados, e daí

levanrão nós para a Deligacia do Adolescente e deicharam nós lá e quando nós coulocarãm nós para dentro aquele carcereiro abriu o cadiado e colocou nós para dentro e bateu com custo (gosto) aquela porta e o cadiado eu fali tou em tuas mão Jesus, mas o meu coranção parecia que não batia minha alma parecia que não avia mas, ai que eu perci o porque que Jesus permitiu eu ir preso e Jesus ia falando comigo eu fazia cada horação no meu X que é a cela e conheci muitos meninos lá mais do que 100 Dias e daí tinham uns bem fougados queriam comandar a galeria mas nos que erão mais velhos que tinham mais tenpo não deichavam eles se fugar, tiu eu passei VENENO ATRAZ DE VENENO porque eu recebi só uma visita que é da Tia que um amor de pessoas e sem palavras pra ela mesmo tio porque ela foi a única á lá me ver quando ela foi lá me ver eu tinha 13 dias faltavam 32 dias mas graça a DEUS mais depois não recebi nem uma visita os meus amigos voltavão dá visita falando assim ora cara a minha mãe venha ai e aquilo pessava a minha mente mas tinha que suportar né tiu.

E ai que Jesus me usou lá Dentro outos preso pedia horação para mim, pedião assim o Alef faz uma horação pela a minha Audiência por que não sei o que vai acontecer no outro dia ele resebia a vitória por que eu fazia horação pra mais de 100 Preso e todos respeitavam a minha cara. Daí eu tava com muito medo porque eu tava com um mandato de busca e por que eu fugi da casa 2 pensei agora a juíza fai medar mais 90 dias por que eu tinha pegado 45 dias e eu ia ficar mais 90 mas DEUS foi muito bom comigo é um paísão, e daí minhã mãe ficou sabendo que eu tava lá e foi me busca e não fique 90 gracias a DEUS e agora voutei para igreja mas tou um pouco fraco mas Jesus tem muita coisa para fazer comigo.

Um dia todos que estávamos lá fiquemos muito nervozo com os educadores por que elés estão trazendo comida azeda e um ser dia nós comecemos a bater a grade dos X áis 6 galerias fiquemos mais do que 1 hora batendo depois nós paremos porque nós não via mais educador em parte nem uma ficou tudo quieto derrepente quando vi a COPE entrando entrou ná nossa galeria e mandou todos nós ficarmos só com a coeca e mandou nós sairmós más quando nós sairmos do X nós já ia até o solar apanhando com um casetete jegando lá eles manda nós sentar com a cabéca abachada e falou bem assim: vocês costum de bater a crade seus vagabundos agora vocês vão ver e pegava cada 2 pia para bater e manda para o X devonta quando chegou a minha vez o cara da cope me bateu um monte que nem conseguia em costar as costa na parede e gando terminou isso eles deixarão nós pelados dentro X até o outro dia e nunca mais nós fisemos baterias por nós sabia que quando a cope entre é pra repiar nós na pancada e mesmo assim vinha comida azeda depois começou um tempo que não vinha mais porque a juíza reclamou e depois não venho mais.

Foi ficando por aqui, por que a vô já tá indo.

Um abraço.

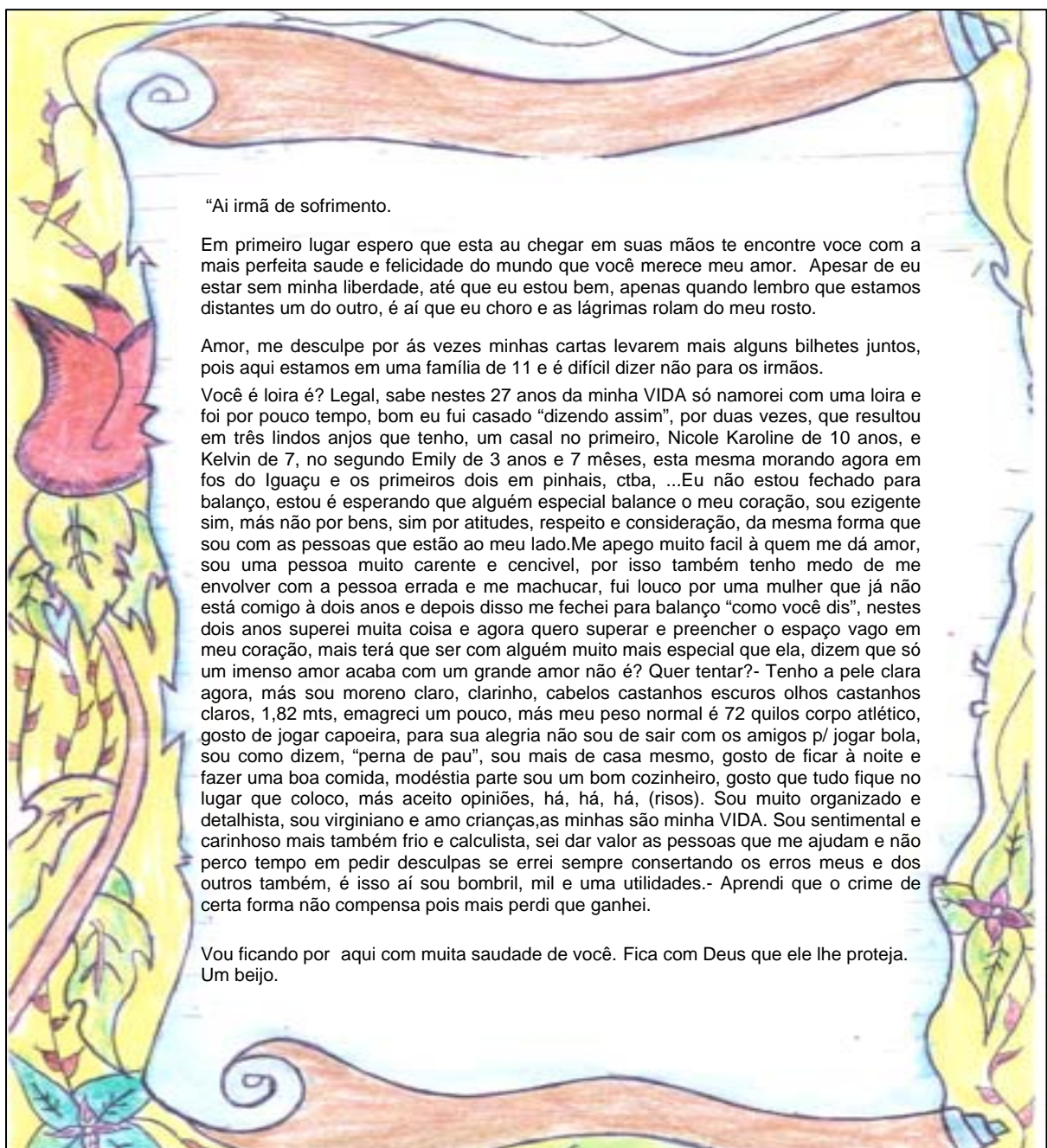
Se finho Jô.”

Se a cadeia estava “pesada”, depois da leitura da carta ficou ainda pior. Me contou que seu sobrinho Josiel, com 16 anos, estava preso na “D.A.” a Delegacia do Adolescente. Socializado na carreira criminosa, o jovem, ao mesmo tempo em que “passava” por todos os programas de “resocialização”, reincidia nos mesmos erros: drogas, tráfico e furto. Neste estágio da dependência do uso de drogas, para conseguir dinheiro se prostituía, e usava da boa aparência que tinha para fazer programas com pedófilos. Sua vida oscilava entre momentos de profunda consciência e responsabilidade, voltando-se à religião e momentos de “recaída” cada vez mais comprometida com crime. A história de Josiel “e cada vez mais parecida com a minha” concluiu Pedro. Depois tomou mais dois comprimidos. Não somente porque estava cansado, mas porque, como sempre dizia aos companheiros, quando dormia, “era o mais próximo da morte que conseguia chegar”.

Do outro lado da cidade, no 9º. Distrito Policial, onde ficavam as “presas”, Madalena também acabara de chegar da sua audiência. Depois de desalgemada e devidamente trancada, tirou do sutiã a encomenda. Olhou para a carta, cheirando e admirando o acabamento, aproximou-se das grades, disse para a presa “correria”

que estava no corredor: “liga o 9 e entrega pra Marta...”. Marta estava fazendo as unhas de uma das suas companheiras de cela e recebeu a carta com um sorriso dizendo apenas “é do Tiago”. Guardou para ler depois, na privacidade de sua cama, e continuou a tarefa, visto o alvoroço causado pela chegada da encomenda.

Ao terminar a tarefa de manicuro, Marta sentou-se na cama de cimento forrada com um colchonete e um edredon para ler a carta de Tiago. Abriu com cuidado para não estragar o envelope e não borrar as unhas pintadas na cor laranja. Era uma das mais bonitas cartas que recebera, com um desenho caprichado e uma flor vermelha para inspirar paixão. A carta dizia o seguinte:



“Ai irmã de sofrimento.

Em primeiro lugar espero que esta au chegar em suas mãos te encontre voce com a mais perfeita saude e felicidade do mundo que você merece meu amor. Apesar de eu estar sem minha liberdade, até que eu estou bem, apenas quando lembro que estamos distantes um do outro, é aí que eu choro e as lágrimas rolam do meu rosto.

Amor, me desculpe por ás vezes minhas cartas levarem mais alguns bilhetes juntos, pois aqui estamos em uma família de 11 e é difícil dizer não para os irmãos.

Você é loira é? Legal, sabe nestes 27 anos da minha VIDA só namorei com uma loira e foi por pouco tempo, bom eu fui casado “dizendo assim”, por duas vezes, que resultou em três lindos anjos que tenho, um casal no primeiro, Nicole Karoline de 10 anos, e Kelvin de 7, no segundo Emily de 3 anos e 7 meses, esta mesma morando agora em fos do Iguauçu e os primeiros dois em pinhais, ctba, ...Eu não estou fechado para balanço, estou é esperando que alguém especial balance o meu coração, sou ezigente sim, más não por bens, sim por atitudes, respeito e consideração, da mesma forma que sou com as pessoas que estão ao meu lado.Me apego muito facil à quem me dá amor, sou uma pessoa muito carente e cencivel, por isso também tenho medo de me envolver com a pessoa errada e me machucar, fui louco por uma mulher que já não está comigo à dois anos e depois disso me fechei para balanço “como você dis”, nestes dois anos superei muita coisa e agora quero superar e preencher o espaço vago em meu coração, mais terá que ser com alguém muito mais especial que ela, dizem que só um imenso amor acaba com um grande amor não é? Quer tentar?- Tenho a pele clara agora, más sou moreno claro, clarinho, cabelos castanhos escuros olhos castanhos claros, 1,82 mts, emagreci um pouco, más meu peso normal é 72 quilos corpo atlético, gosto de jogar capoeira, para sua alegria não sou de sair com os amigos p/ jogar bola, sou como dizem, “perna de pau”, sou mais de casa mesmo, gosto de ficar à noite e fazer uma boa comida, modéstia parte sou um bom cozinheiro, gosto que tudo fique no lugar que coloco, más aceito opiniões, há, há, há, (risos). Sou muito organizado e detalhista, sou virginiano e amo crianças,as minhas são minha VIDA. Sou sentimental e carinhoso mais também frio e calculista, sei dar valor as pessoas que me ajudam e não perco tempo em pedir desculpas se erreí sempre consertando os erros meus e dos outros também, é isso aí sou bombril, mil e uma utilidades.- Aprendi que o crime de certa forma não compensa pois mais perdi que ganhei.

Vou ficando por aqui com muita saudade de você. Fica com Deus que ele lhe proteja. Um beijo.

Depois de ler a carta de Tiago duas vezes, dobrou-a com carinho e a guardou no interior da sua Bíblia. Eles não se conheciam pessoalmente, apenas por carta. Isso é mais comum na cadeia do que se imagina. Uma “presa” torna-se uma espécie de correspondente do “preso”. Mais que isso, a continuidade do relacionamento extrapola a unidade da carta, passando ao compromisso do preso garantir o “adianto” da companheira. Supre a companheira de cigarros e outras necessidades, às vezes até pagando advogado. Também não é raro o casamento, no sentido literal da palavra, quando um dos dois sai para a “liberdade”, continuam como companheiros de prisão.

Marta tomou o bilhete que veio junto e pensou para quem de suas companheiras entregaria ou estaria interessada em se corresponder. Depois falou para as companheiras de cela: “Hoje a minha “cadeia” está leve”. As meninas sorriram, enquanto comentavam sobre as unhas umas das outras pintadas com esmalta de uma cor tipo laranja marca texto. Acabou entregando a pequena carta para Isabel, que estava no “x” ao lado. Antes de entregar ela verificou o conteúdo do bilhete:

E aí meninas do 9º D.P.
Eu Tadeu Luiz quero me corresponder com alguém que esteja sem compromisso, prescindindo de alguém como eu estou, sozinho prescindindo de alguém, para levar uma idéia sadia. OK.
Desde já agradeço, sem palavras.
Idade: 35 A
Sou moreno: 1:68: de altura. 62: kilos
ART: 299: Estelionato: F.I.G.C.A.
Moro: na rua Vila N. Senhora da luz: Praça 12:

[Bilhete DD]

É desta forma que se dá o início da relação. Um preso solicita uma companheira. Trocam informações sobre si, suas histórias de vida seus sofrimentos. As cartas evoluem de um pequeno bilhete, passando a compartilhar a experiência da vida, chegando inclusive a relacionamentos eróticos, tudo por escrito. Não é raro ambos não se conhecerem e a imagem que têm um do outro é construída a partir da carta, do relato de outras pessoas, ou um única fotografia.

Terceiro Episódio: mais um dia a riscar no calendário.

Pedro literalmente apagou. Eu mal consegui dormir revivendo aquela experiência do Bonde. Eram dez horas da noite quando o agente me chamou. Tinha uma ordem para me “trancar” na Civil, visto minha condição de “curso superior”. Explicou-me que alguns presos perigosos estavam tramando uma rebelião, e que “eu era a moeda da vez”. Quando cheguei na cela fui recebido por um preso que foi logo dizendo “aqui quem não fuma maconha morre!” Pela maneira dele falar percebi que podia ser universitário, daí brinquei com ele “então pode começar que eu nunca fumei maconha e nunca li Paulo Coelho”. Ele riu e eu fiquei aliviado. Como se diz na cadeia, aquela noite foi “pesada” pra mim, apesar das condições físicas ali fossem melhores, com cama, banheiro e televisão. Para minha surpresa, Dirceu foi trazido também, isso depois de ter pagado pelo novo quarto.

Na manhã seguinte quando acordei até o chá com pão já havia passado. Os companheiros guardaram para mim. Tomé, o correria me contou a notícia. Quando acordaram perceberam que o novato não estava mais ali na cela da frente. “Já levaram ele” disse Tomé que estava do lado de fora com um rodo e balde pronto para limpar um rastro enorme de sangue. André esquentava uma caneca de água com um “rabo-quente” para fazer um “nescafé” e completou a história: “cortaram a garganta do coitado... Tomé ajudou a arrastar o corpo até o pátio”. A cadeia estava pesada aquele naquela. Ninguém ousava iniciar um jogo de baralho ou dominó. Só se via a fumaça dos cigarros. André terminou de fazer o “nescafé” e oferecendo uma caneca aos companheiros completou: “esse lugar é um inferno...”

O dia permaneceu “pesado” e o ritmo ficou ainda mais lento. Eu perdi parcialmente o contato com os companheiros visto que estava separado na Prisão Civil. Mas as notícias corriam.

Antes da “blindada” do almoço chegar, um grupo de crentes veio fazer um culto. Muitos iam ao pátio só pela oportunidade de sair do “X”. No pátio alguns hinos eram cantados e a pregação do pastor, um ex-presos, acentuava o peso do erro e do

pecado ao mesmo tempo que oferecia a misericórdia divina para quem aceitasse Jesus. Apesar da monótona cantoria, a maioria participava e o hino que mais se cantava dizia a letra:

“Quero que valorize o que você tem, você é um ser, você é alguém, tão importante para Deus. Chega de ficar sofrendo angústia e dor, neste seu complexo interior, dizendo as vezes que não é ninguém. Eu venho falar, do valor que você têm, Eu venho falar, do valor que você tem. Ele está em você, o Espírito Santo se move em você até com gemidos inexprimíveis. Ai você pode então perceber que pra Ele há algo importante em você, por isso levante e cante exalte ao Senhor. Você tem um valor”.

O canto era tão expressivo, que até aqueles que ficaram nas celas cantavam em voz alta. O inferno, por um instante apenas, cedia em sua tarefa de atormentar nossas almas purgadas. No final do culto podíamos ficar no pátio até a hora do almoço e alguns presos, incluindo Tomé, solicitaram aos crentes que levassem as cartas consigo e depositassem na caixa do correio. “Estão com selo de cinco centavos e aqui diz `carta social´ pro Correio entender”, dizia Tomé justificando o pedido. Algumas cartas eram dos companheiros presos na solitária e que não podiam sair.

Existe também uma “ralé que não vale a comida que come”, como diziam os presos. Eles aproveitavam o esquema das cartas para fazer “sujeira”. Eram muito poucos. A grande maioria só queria mesmo pagar a cadeia “no sossego” sem “treta”. Mas a “ralé” aproveitava e mandava cartas que comprometiam a todos. Os “crentes” não eram burros. Quando percebiam que uma carta era suspeita, abriam a carta e liam antes de entregar. O pastor suspeitou de uma carta que vinha do ala mais perigosa. Ao ler a carta ela dizia:

“O negócio é o seguinte ele pediu para que eu desse essa idéia ne você.
Se tem condições de você bancar uma maconha pra ele no dia da visita dele, que é terça feira dia 28 que aliaz é o aniversário dele.
O bem bolado para ser feito é esse:
1º pegar um pacote de café, abrir o fundo dele bem certinho, dechavar a maconha e lançar demtro do pacote, depois que você fizer isto cole o fundo do pacote bem ilejiveu, é tiro e queda certoiro.
2º plano.
Pegar uma caixa de chá daquelas grande que o chá vêm dechado, descolar em cima sem rasgar, dechavar a maconha bem dechavada, e lance no meio do chá, em seguida cole bem lejiveumente com superbonder e é aquilo tiro e queda certoiro. “

Esse tipo de carta era reprovada pela maioria. Se o pastor “cagüetasse” os próprios presos dariam um jeito. Mas ele mesmo tratava de devolver a carta pro dono. Principalmente os viciados pedem para comparsas trazerem drogas. Eles

trazem mesmo, mas é pouco. A droga pesada entra na cadeia “pela porta da frente”. Fácil é por a culpa nas “visitas.

Do lado de fora da prisão, duas cartas seguiram para a “liberdade”. A carta de Pedro era endereçada para a sua ex-mulher, mas quem leu foi sua irmã, visto que o paradeiro da cunhada há muito tempo era desconhecido. Dizia o seguinte:

“Oi Ju espero que esteja tudo bem e que esteja gozando bastante quer dizer aproveitando a VIDA igual você fala. Julia vou te falar um pouco de mim.
 Julia você sempre me falou que eu nunca sofri na VIDA pois você não imagina o quanto já sofri na VIDA. Julia nos meus 3 anos de idade minha mãe morreu. Eu fui morar com minha avó e avó eles eram alcolatras e nunca tinha comida para comer porque eles queriam dinheiro para beber nosso alimento era sempre polenta, café, no almoço e janta o nosso café era erva de chimarrão feito cha. Com 5 anos eu e o Valmir andávamos nas ruas pedindo para comer vivendo de pequeno furtos quando se mora na rua é triste a lei da sobrevivência.
 Julia poderia te contar cada historia que vivi eu e o Valmir vivemos.
 Minha VIDA comesou aos 10 anos quando minha vô me levou para União me educou me deu estudo e aprendi que a VIDA da uma segunda chance e que tudo na VIDA é duradouro.
 A dor nunca dura para sempre que tudo na VIDA é passageiro não há ferida que não cura.
 Você se vingou de mim da pior forma possível, agora sei que te perdi e que nunca mais vou ter você comigo
 Eu não acredito que uma pessoa que eu aconpanhei até as águas do batismo eu vi com meus próprios olhos você se batizar
 Que tipo de crente que você é eu acho que so para colocar uma mascara e dizer que serve a Deus, quem serve a Deus não aja desse jeito eu aprendi diferente do que você fez levando um macho para dentro de casa.
 Você acha que uma transa e que por acaso você engravidou e você acha que o cara é o homem da sua VIDA
 Os 5 anos em que vivemos juntos não valeu pois para mim foi os melhores anos de toda a minha VIDA.
 Você vera Julia quando acordar do lado dele vai ver o tamanho da burada que você fez quero ver se ele vai te dar um bom dia meu amor, dormiu bem.
 Vai ser assim: que bosta tenho que trabalhar isso se ele não se encostar em você so para não pagar a pensão e você ter que dar de comer a ele.
 E quando o cara comesar chegar de madrugada bêbado gritando com você talvez chegando até agredir você e vera que é tarde demais e que não tem mais volta.
 Daí você saberá que tem erros que não tem como voltar atraz
 Eu Julia desde que você me falou que esta com esta pessoa o dia e a noite para mim são iguais.
 Conversando com alguns amigos não sou o único que aconteceu isso.
 E me dão força e dizem que mulheres são assim mesmo.
 Quando a ama não importa o que fez ou deixou de fazer se ama ela fica até acabar a pena lado a lado.
 Julia se você queria me matar você conseguiu; você arrancou meu coração fora e ficou olhando se morri bem devagar.
 Julia na dor é que a pessoa cresce se levanta para vencer a batalha, eu espero que você seja feliz.
 Espero que você não se encha de filhos e se torne uma pessoa sem perspectiva de VIDA. Quero lembrar de uma mulher guerreira cheia de VIDA e de sonho.
 Quanto a mim o meu amor se tornou um ódio raiva de você.
 Eu espero nunca mais olhar na sua cara se possível nem falar mais com você quem age assim merece desprezo total, porque me enganou durante 5 anos. Talvez daqui alguns anos nos nos veremos num tribunal para que marque os dias em que eu possa ver a Gabi.
 O seu nome deveria mudar em vez de ser Julia deveria ser Judas.
 Quando você estiver triste lembre nos momentos felizes que vivemos e que você não quis se dar mais chance para ser feliz.
 Eu estou tranqüilo porque o nosso objetivo era você não perde as meninas eu não envolvi ninguém.
 Porque você me disse que se mataria eu não suportaria tamanha culpa.
 Vou ficar um bom tempo enjaulado.
 Um dia eu sairei porque não nasci aqui e vou trabalhar para que eu possa ver a Gabi. Só pesso a você que não deixe a Gabi chamar o sujeito de pai.
 Eu sou o pai dela e quando acabar a minha pena ela vai saber quem sou eu.
 Um abraço tchau

ADEUS”

[Vida Familiar DF]

Nas cartas familiares, os erros do passado ou as esperanças do futuro brotam conteúdos. A maioria delas faz um balanço da vida, cobra posicionamentos e reclama do desprezo.

A carta de André era para sua mãe em Foz do Iguaçu. A velha senhora abriu o envelope e pediu para o neto ler. Dizia o seguinte:

Olá Mãe espero que esta ao chegar te encontre na mais pura paz, é que deus ilumine os seus caminhos, Mãe e os neguinhos como que eles estão eu estou com saudades deles, dá uns beijos neles ta e a querina manda lembrança manda também pra Dona Izabel, ta e para todos também.

Eu venho por meio desta te pedir alguns favores se estiver ao seu alcance, o grande caso é o seguinte fala pro Kitinho ver pra mim o que que o escada resolveu, sobre o carro se não resolveu pede pra ele ver pra mim que aqui onde eu estou é cruel, e não sei quando eu vou sair daqui, espero que mais breve possível mais não sei, Ah! Se ele pegar o carro deixa na sua ressonça que em você eu posso confiar ta Mãe, mais uma coisa ver se você consegue nas minhas coisas o fone, do Thiago é fala pra ele o que aconteceu comigo é faz chegar na Socorro, por favor há ver se vai ver o Saímo ta, tô com saudade dele é quanto a mim ver se o menino pode fazer alguma coisa você sabe do que eu estou falando, Mãe se você conseguir falar com a Michelle fala pra ela o que aconteceu ta, é do resto ta normal nada que eu não tenha visto ta o que preciso é sair daqui o resto conversa ta, mas com fé em deus logo estarei conquistando o meu objetivo que é a liberdade.

Vou refrizar mais uma vez pede pro Vitinho dar essa força pra mim que eu vou ficar muito grato e que deus abençoe todos voceis ta Mãe, nego maloqueiro

Ah! Tem uma ressonça que eu gostaria que você, fizesse pra mim na minha bolsa tem, uma carta da (Roberta) Procura e pega o endereço pra mim ou seja nesta carta que eu estou te mandando vai chegar uma folha que é pra (Roberta), eu te peço que você ponha no envelope e encaminhe pra ela com o endereço de onde eu estou ta, faz esse favor pra mim nega ta, há eu quero saber também se você viu por aí o pilantra do Danilo se viu dá um choque nele, se não quando eu sair eu resolvo ta, mais por favor ver com o menino se ele resolveu alguma coisa ta, e de resto eu vou ficando por aqui trancado e com muita fé em deus que um dia vou embora só deus sabe o dia e a hora né, então ta.

Fica com deus é não esqueça de falar com o Vitinho é manda um abraço pra ele ta nego, do seu filho, André. Bença.

[Vida Familiar DF]

Como continuação da vida, muitas cartas familiares, principalmente daqueles que sabem que passarão um longo período fora, parecem incluir no fluxo cotidiano a sua “cadeia”. A vida segue em frente e os parentes são motivados a seguir ao lado, naturalizando a situação.

Depois da “blindada” do almoço, era hora da preguiça, de assistir televisão ou escrever cartas. A maioria ainda estava sob o efeito do culto evangélico. Grande parte dos presos ajuda outros a escrever cartas. André ajudava Tomé. Eu que ganhei o apelido de “dotô” ajudava os companheiros a escreverem suas cartas.

Eles naturalmente me procuravam, principalmente quando a carta merecia um “trato”. Silas era um preso analfabeto e precisava desse serviço. A carta era para as filhas que há cinco anos não as via. Ele tinha vergonha de ser um preso, porém, uma parente contou que as meninas sofriam muito com a ausência do pai.

A carta escrita com um papel especial comprado do seu Nico, com envelope personalizado incluído:



Começou ditando seguinte:

“Minhas queridas princesas.

Espero que esta carta encontre vocês bem e com saúde na graça de Deus.

Eu na medida do possível vou bem, mas com muitas saudades.

O pai está aqui mas sempre lembra do rostinho de anjo de vocês. Quem sabe um dia vocês vem visitar o pai e a gente mata essa saudade.

Queria ape...”

A carta ainda estava incompleta quando ouvi delegado entrando no pavilhão Criminal esbravejando: “seus filhos da p.! Quê que tão pensando! Acham que aqui na casa não tem dono! Quero o filha da p. que esfaqueou o cagüeta!”. Nisso os policiais da R.O.N.E. entraram, e batiam com os cassetetes nas grades. A cada dois ou três metros um policial foi plantado com uma “12” enquanto o comandante berrava: Quero todo mundo pelado e indo pro pátio com a mão na nuca! Vamo! Vamo!”.

Nós que estávamos na Civil fomos poupados. A luz foi cortada. O pátio e o estacionamento ficaram lotados. Sentados no chão todos os presos aguardavam

enquanto os policiais faziam a revista à procura de celulares, drogas e principalmente armas artesanais feitas com pedaços de ferro. A operação durou a tarde toda e só acabou a noite sem “licença” para nada. Nove presos foram transferidos para o “COTI” no presídio do Ahú, que pela informação dos agentes penitenciários seriam os responsáveis pelo crime além de estarem articulando uma rebelião. Descobriram também um túnel que estava sendo cavado a noite.

Um verdadeiro furacão passou pelas celas. Tudo foi revirado. Roupas e objetos pessoais foram jogados no corredor. Os presos foram reconduzidos às celas e os “correrias” passaram a noite separando e entregando objetos aos seu companheiros, mas não dava para reconhecer os donos. Naquele fim de semana as visitas foram proibidas em represália. A cadeia “pesou” ainda mais.

Silas perdeu a calça na qual havia guardado a carta especial para as filhas. Vez ou outra perguntava insistentemente para Tomé: “E ai, achou?”. Tomé acenava com a cabeça e dizia: “Por que você não escreve outra?” e Silas decepcionado respondia: “Aquela era especial...”.

As vezes “milagres” acontecem, Durante o banho de sol Silas viu um companheiro vestido com a sua calça. Ele perguntou a ele se por acaso não havia encontrado uma carta no bolso. Ele respondeu que sim e a guardou. “Você pode ficar com a calça mas você poderia me devolver a carta?”. Mais tarde estávamos nós para a tarefa de completar a carta:

“... apenas dizer que o pai ama vocês e um dia nós vamos estar juntos na liberdade. Fala para sua mãe traze vocês pra visitar o pai.
Um beijo do Pai.
Deus abençoe vocês.
Silas”

[carta sem o original]

Ele selou a carta com selos de “um centavo”, indicando ser uma “carta social” e acrescentou um recado no envelope: “Que Deus o abençoe carteiro amigo”. Isso era um hábito de quase todos os presos. Um mês depois as meninas vieram visitá-lo. Os presos o tinham em grande estima e fizeram um mutirão. Deram-lhe uma roupa “nova”, juntaram bolachas e bolo para ele oferecer às visitas e as “meninas do nono” fizeram duas balsas de crochê na cor rosa para ele dar para as filhas. Foi um encontro marcante. Depois que elas foram embora, Silas, embora feliz, apenas disse aos companheiros: “agora minha cadeia ficou mais pesada”. Passou dias em silêncio

e sozinho. A partir deste episódio, percebi o valor que as cartas tinham e seu significado ultrapassava o conteúdo das palavras.

Rotina

Os dias passavam, e eram exatamente iguais. O chá preto, o pão murcho dom geléia, a “blindada”, o baralho, o dominó, os filmes da sessão da tarde sempre com crianças, cachorros e gatos falantes. Vez ou outra acontecia alguma coisa que movimentava a cadeia, um rato que aparecia de dia, geralmente eles apareciam à noite, alguém que fugia, alguém que era esfaqueado. Mas via de regra, era o tédio do ócio que regia nossas vidas. Pedro foi condenado por latrocínio e pegou 15 anos e em seguida foi transferido para a Penitenciária Central e eu perdi o contato com ele.

À medida que o isolamento comprimia as vias de comunicação com o mundo “de fora” a solidão ia tomando a forma de coisas: mensagens nas paredes, esculturas em palitos, flores numa carta, um aviõzinho de isopor. Nem todo o isolamento produz solidão, entretanto, o isolamento impermeável da cadeia sim. Num ambiente repleto de pessoas que não fazem sentido, não têm referência alguma na sua vida, muitas pessoas, entretanto você se sente a única alma no purgatório a ponto de se tornar amigo de uma lagartixa.

Uma lagartixa saía das frestas toda noite. Para mim era uma distração esperá-la. Cada um com a sua “loucura”.

Depois de um tempo o preso já está escolado. Eu era requisitado por alguns presos para conversar e escrever ou ler cartas. Procurei me manter “limpo”, recusando drogas e álcool, mas fui um excelente traficante de miojo, que vale ouro na cadeia, visto que comer a mesma “blindada” todos os dias, é insuportável. Foi deste modo que eu me “arrumei” na cadeia.

Evidentemente que esta foi a minha experiência, que de modo algum é generalizável. Aconteceram muitas coisas no período que eu estive preso e os três episódios desta experiência que eu narrei com um pouco de imaginação, servem ao escopo deste trabalho. Os personagens que “animei” emergiram da minha memória e são todos reais. Os nexos que faltavam para dar coerência eu “ficcinei”, como o *bricoller* de Levi-Strauss. Tudo pode ser útil. Cabe portanto um esclarecimento. Os

olhos treinados de um antropólogo é a vocação literária contribuíram neste ponto. Mas, “ficcionar” não significa inventar, e sim, colar uma peça, guardada e recuperada com a intenção de dar sentido a obra. Por exemplo, eu não vi Madalena receber a cata e guardá-la no sutiã, entretanto, quando levei uma carta de para uma moça na prisão feminina ela o fez assim. Vi o seu olhar, senti a emoção de sua expectativa. Como reconstruir um mito a partir de fragmentos recuperados, construir uma narrativa, nestes termos, recorri aos mesmos procedimentos.

Não pretendo dar conta de todas as questões e implicações epistemológicas sobre este capítulo, melhor visualizá-lo em relação ao todo. Porém, a questão epistemológica mais contundente que este capítulo suscita diz respeito ao estatuto da memória do narrador. Embora não tenham a mesma estatura, a questão é semelhante àquela suscitada na novela de Mario Vargas Llosa em *El Hablador*⁸⁸. Na novela há dois narradores, e eles alternam suas narrativas. O primeiro é o narrador que conta a crônica da sua própria história, a história da sua vivência em função de um segundo narrador um *hablador* da tribo amazônica machiguenga que por sua vez conta as histórias de seus mitos, costumes e crenças as quais contemplam a luta entre Tasurinchy um deus maior e pequenas divindades e gênios que habitavam uma selva amazônica ainda incontaminada pelo homem branco.

A questão é colocada nos termos em que a pessoa do novelista se identifica com um dos narradores dirigindo um olhar sobre o próprio exercício narrativo e o processo de escrita da sua novela, uma metáfora da autocontemplação. Deste ponto de vista, destaca uma reflexividade, uma consciência sobre o texto e o artifício literário.

O efeito pode ser evocado para este trabalho como analogia evidenciando assim, que o primeiro narrador fala a partir de um mundo que produz um discurso racional marcado por uma fronteira intelectual bem definida e controlada, o mundo do antropólogo etnógrafo. Já o segundo narrador fala a partir de um mundo que contempla o discurso nativo, comum e fantástico, o mundo do iniciado, o do prisioneiro. Do encontro destes mundos, quando o primeiro é tocado pelo segundo,

⁸⁸ Vargas Llosa, Mario. *O Falador*. Ed. Francisco Alves 1988 :: Traduzido do original *El hablador*/1987 por Remy Gorga, filho.

uma nova realidade surpreende a perspectiva racional e um novo saber é produzido. É assim que em *El Hablador*, da imbricação dos mundos dos dois narradores surge a metáfora, que no caso da obra de Vargas Lhosa, é a metáfora da América.

Capítulo Cinco: Etnografia das Cartas

“... Não sabem que a mão assinalada
Do Jogador governa seu destino,
Não sabem que um rigor adamantino
Sujeita seu arbítrio e sua jornada.

Também o jogador é um prisioneiro (...) de um tabuleiro
De negras noites e de brancos dias.

Deus move o jogador, e este a peça.
Que deus detrás de Deus o ardil começa
De pó e tempo e sonho e agonias?”

Jorge Luiz Borges – “Xadrez” em “O fazedor”

Experiência e expressão

Estima-se, com base no relato impreciso dos presos e dos agentes penitenciários, que por mês, mais de três mil cartas circulem oficialmente pelo sistema penitenciário da capital do Paraná. Se somado às cartas clandestinas este número triplica.

Quando o personagem Pedro no X 5 faz uma guia de barbante para ligar-se com Tiago no X22 a imagem que ela produz parece insinuar a existência de um circuito que liga estes personagens, uma “malha” de “fios” que se entrelaçam, que ora se atam, ora se desfazem, ilustrando uma estrutura que se liga, se conecta, fundamentada na comunicação e reciprocidade.

Implica em afirmar que as cartas neste contexto, significam, não apenas pelo teor do que está escrito. A carta é um objeto por meio do qual se constrói relações, é um objeto de natureza relacional, não importa a distância. Por este motivo, conteúdo e forma se fundem numa linguagem-objeto, um objeto que não é arte, mas detém uma poética em si. É deste modo, que as cartas significam, também, pelo fato de circularem.

O trajeto que a carta faz, passando de mão em mão até chegar ao seu destino denota este último aspecto. Há também outros percursos como o claustro caminho do preso percorrido até o Fórum. Os cenários se aderem às mensagens. Ele não é tão somente um trajeto, mas comunica regras de sociabilidade, relações

de poder, estratégias de vigilância e coerção. É assim que a carta, ultrapassando o nível de comunicação da mensagem entre remetente e destinatário, passa a mediar também em outro nível, não só ligando remetente e destinatário, mas ao nível de comunicação em sistemas. Pessoas são ligadas pelo conteúdo das mensagens das cartas. Sistemas de valores, crenças e regras são igualmente ligados pela carta, enquanto objeto.

Paradoxalmente, neste contexto de vai-e-vem, de entradas e saídas oportunas, de quem chega e de quem sai, novas mãos vão se juntar para fazer a carta ir mais longe, até mesmo, sair dos muros da prisão e passar por outros muros tão vigiados e inexpugnáveis quanto os primeiros. Se por algum dom extraordinário tivéssemos a oportunidade de visualizar, como a linha de um barbante, o rastro de seu caminho, teríamos diante dos olhos um gigantesco sistema de comunicação.

As cartas enviadas dos presídios contêm, antes de mais nada, expressões de realidades vividas e sentidas pelos “presos” e “presas”. Quando o prisioneiro é formatado de maneira genérica o homogênea, como um *criminoso hediondo*, à maneira do senso comum, a imagem não permite especificidades.

Entretanto, por meio da etnografia, este personagem pode ser “desdobrado” em múltiplos personagens em relação ao tema das cartas.

Em algumas cartas, especialmente aquelas que são dirigidas a familiares e amigos, é possível ler a expressão de uma vivência de ter sido arrancado da vida, do lugar de pertença e ter sido transferido ao movediço acaso, mercê do destino. A prisão que dói e que faz morrer. Estão associadas a uma pessoa cuja existência foi “normal” e comum na vida, e por uma “bobagem”, por amor, por loucura do momento, por irresponsabilidade, por correr um risco, principalmente por aqueles cometeram um lapso moral ou tem convicção de sua inocência.

Em outras cartas, a expressão remete a uma continuidade, que parece fazer sentido a uma forma específica de estar no mundo, uma forma que aparentemente pode parecer irracional aos olhos da sociedade “normal”, mas diz respeito a carreira criminosa, à delinqüência, ao crime, à loucura, ao lado hediondo da vida. Fronteiras entre “normal e o patológico”, a “ilusão e o assombro”, o “bem e o mal”, o “amor e o ódio”. Para estes “a prisão não dá nada”. É a subjetividade destas fronteiras, sussurradas pelas cartas que instiga a análise.

Para tomar as cartas em conjunto, como uma grande narrativa constituída por fragmentos de textos, e delas extrair inicialmente um princípio de classificação, a tarefa analítica é semelhante ao procedimento do *bricoleur*, como ilustrado por Lévi-Strauss. *Procedendo deste modo “os elementos são recolhidos ou conservados em função do princípio de que “isso sempre pode servir”. Tais elementos são portanto, semiparticularizados: suficientemente para que o bricoleur não tenha necessidade do equipamento e do saber de todos os elementos do corpus, mas não o bastante para que cada elemento se restrinja a um emprego exato e determinado. Cada elemento represente um conjunto de relações ao mesmo tempo concretas e virtuais; são operações, porém, utilizáveis em função de quaisquer operações de um tipo.”*(LÉVI-STRAUSS, 2004:33). Como ensina o autor, um princípio de classificação nunca se postula, é somente por meio da pesquisa etnográfica, (ou seja, pela descrição e interpretação da experiência), que pode-se apreendê-lo a posteriori.⁸⁹

O personagem do jogo e o jogo do personagem

Nesta grande narrativa formada pela integração das partes pela etnografia, o preso aparece como personagem. Em primeiro lugar, o personagem pode ser apreendido pelo ponto de vista dinâmico das cartas, da reciprocidade que envolve a sua circulação. Como ilustra Borges, “cada jogador é um prisioneiro em um tabuleiro de negras noites e brancos dias” e, se a recíproca for verdadeira, por analogia, cada prisioneiro é também um jogador. Pode, assim, ser tomado como personagem de um jogo cujo objetivo é fazer circular a mensagem dos “de dentro”, o “mundo do cárcere” para os “de fora”, outros mundos incluindo o da “liberdade”.

A regra geral do jogo é que o jogador pode recorrer a duas vias para o envio das cartas. O prisioneiro, melhor neste momento dizer “jogador”, escolhe uma estratégia para fazer chegar ou receber suas cartas. As estratégias dependem de duas opções a clandestina e a do sistema. Ao escolher uma delas, ele deve então se submeter simultaneamente às regras do jogo, bem como as de uma tática. Isso quer dizer que, embora as regras do jogo sejam anteriores ao jogador, ele não age

⁸⁹ Ibidem.

mecanicamente, pois cada jogador realizará diferentes jogadas com as mesmas peças dependendo das táticas que ele adotar.

“... o homem é semelhante ao jogador que, quando se senta à mesa, toma nas mão cartas (de baralho) que não inventou, pois o jogo de cartas é um dado da história e da civilização. Em segundo lugar, cada repetição das cartas resulta de uma distribuição contingente entre os jogadores e se faz sem que eles percebam. Há mãos aceitas passivamente mas que cada sociedade, assim como cada jogador, interpreta nos termos de vários sistemas, que podem ser comuns ou particulares: regras de um jogo ou regras de uma tática. E se sabe muito bem que com a mesma mão jogadores diferentes não farão a mesma partida, se bem que não possam, coagidos também pelas regras, jogar qualquer partida com qualquer mão.”
(LÉVI-STRAUSS. 2004: 111)

As regras do jogo são aquelas referentes ao sistema, às quais não há como não submeter-se. As regras de uma tática, estas sim, são aquelas particularizadas e estão apoiadas na estratégia adotada. Deste modo, a primeira opção é pela via clandestina a do sistema “de dentro”, a mais utilizada. Dela participam vários personagens e envolve os presos articulados com agentes penitenciários, policiais, religiosos, amigos e parentes, visitantes etc.

Ao se incluir nesta via, na verdade, o “jogador” está participando de um circuito gigantesco de obrigações e favores. Esta via engloba praticamente a vida inteira do preso, ou seja, serve não só para o contrabando de cartas. Inescapável, participam todos os que sobrevivem na prisão, independentemente se enviam cartas ou não. Para se dar bem, o preso deve articular-se nesta rede, “ter bala na agulha”. Isso quer dizer que primeiro tem de “ser alguém” ou ser um “cara resposta”. Depois, deve ter o que oferecer. Se uma carta trafega nesta via de reciprocidades, pode-se concluir que muitas outras coisas também.

Quando não se tem pressa nem muitos problemas, o que é difícil de ocorrer, existe a segunda opção, a via oficial, a do sistema “de fora”, que pela lógica deveria ser a primeira, mas não é. Constitui em escrever, envelopar e selar a carta depositando-a aos cuidados do Correio que a fará chegar ao seu destino. Esta segunda via, é igualmente útil, entretanto, o conteúdo da carta pode ser censurado e vai direto para o lixo. As cartas que passam pela leitura e o julgamento do censor recebem um carimbo redondo bem burocrático escrito “CENSURADA”, denotando que ela já foi lida por um estranho, e deste modo interpretada como violação da intimidade. Para alguns presos “condenados”, suas cartas são rigorosamente

censuradas, o que indica que suas cartas nunca são postadas. Por isso, praticamente só recorrem à via clandestina, para fugir da censura.

Um relato que ilustra densamente, tanto a atividade da escrita da carta quanto a do envio, e que inclui o contexto da situação, pode ser lido numa carta depoimento de um preso chamado Milton Marques Viana⁹⁰, sobrevivente da chacina no Carandiru:

“Minha esposa vem sempre me visitar aos domingos. Na Detenção sou considerado um cara de sorte, porque não perdi a mulher – como acontece com a maioria, cujas esposas os abandonam, envergonhadas ou cansadas de carregar sacolinhas. Noto que um dos efeitos mais drásticos da prisão é a desintegração da família, a destruição do espírito familiar do indivíduo e a anulação do seu círculo de amizades. Sem dúvida, a pena da prisão é um remédio opressivo e violento, de conseqüências devastadoras sobre a personalidade humana e sobre a família. Lembro-me o quanto fui sacaneado quando cheguei à Detenção. Logo raspam meu cabelo e me obrigaram a usar um uniforme: calça bege e camiseta branca. A falta de sol tornou minha pele amarelada, como a de um convalescente. Por mais que tomasse banho, recendia sempre um cheiro de encarcerado – característico das pessoas que habitam ambientes pouco ventilados. Despojado de tudo, perdi minhas roupas, meus acessórios, meu gosto pelas coisas e o refinamento que havia adquirido durante a vida. (...) O tédio maior vem à noite, quando o silêncio chega com o apito. Os portões são fechados, deixando cada vez menores os sons e a barulheira do dia. A liberdade vira lembrança e eu fico rolando no catre, “maginando” o mundo lá fora. Os pensamentos me transportam à vida no lar e, por um instante, me sinto gente. Depois, durmo e me apago, para no dia seguinte recomeçar tudo de novo. A mesma vida de Sísifo, de esvaziar um tanque sem fundo com um balde. Preocupar-me para não pegar uma doença. Engolir uma comida sempre igual, sem cor nem sabor. Humilhar-me cotidianamente diante de indivíduos maldosos, chamando-os de senhor ou chefão. Andar com as mãos para trás e manter a cabeça baixa. Andar sempre pedindo, humilhado: pedir uma audiência com o diretor, pedir para ir à igreja. Tudo através de carteirinhas. Depender da vontade de funcionários, que na maioria das vezes negam solicitações. (...) Após o café, faço castelos infundáveis. Depois, apanho um papel e escrevo uma carta para minha mulher. Tenho que controlar as palavras, pois sei que a carta será lida pela censura; e, se não passar, eles simplesmente jogam no lixo sem avisar. É mais um selo que eu perco. Faço uma pausa e reflito enquanto escrevo: além da liberdade, perdi também a condição de cidadão. (...) Sento sobre o catre e redijo a carta. Quero palavras simples, curtas e objetivas. Escrevo que o amor é paciente, é benigno, não arde em ciúmes e não se exaspera. Tudo sofre, tudo crê e tudo suporta. O amor é a melhor coisa do mundo. (...) Desenho uma flor caprichada no alto do papel e leio o que escrevi, inúmeras vezes, corrigindo cada parágrafo. Termino com a frase de Dostoievski, na recordação da Casa dos Mortos: “Por mais que desejasse, não podia pensar noutra coisa que não fosse liberdade.. Todo preso sente que não está em casa, está como se fosse visita...” (...) Ponho selo na carta e ando até a caixa de censura, para colocá-la. Antes examino frente e verso para ver se está tudo certinho. Volto pelo mesmo corredor, em linha reta, sendo olhado por olhos atentos nas jaulas-de-judas. Vejo sempre as mesmas pessoas. (...) Volto ao xadrez e, sem nada para fazer, recomeço a fazer castelos. Fazer castelos é uma maneira de passar o tempo.” (in RAMOS, 2003:236-238)

Deste depoimento, é possível decantar a experiência da prisão, os contingentes temáticos relacionados com a carta: a liberdade no passado; o tédio; a humilhação; o controle das palavras; os argumentos religiosos e filosóficos que

⁹⁰ Incluída na reportagem de Hosmany RAMOS. *Pavilhão 9 – Paixão e morte no Carandiru*. São Paulo: Geração Editorial, 2003. p. 237, 238.

parecem favorecer a aceitação da carta; a mesma flor que enfeita a saudade e a causa maior; a esperança da liberdade no futuro. Por isso, os personagens das cartas são construídos muito mais em função de fazê-las “sair”, utilizando-se de “módulos” previamente testados para expressar-se.

Fazer uma carta “sair” ou “chegar” é tão somente uma face deste jogo. O contexto da situação, o *setting and scene*⁹¹, se entrelaça ao jogo gerando *scripts* segundo as regras do mesmo jogo. Por exemplo, o cenário bem como as representações psicológicas sobre a prisão, também atuam na constituição deste “personagem”. Outro aspecto diz respeito à constituição do personagem em relação ao conteúdo das cartas.

Recorrendo novamente a outra analogia para a constituição deste cenário, a prisão é assimilada culturalmente, por todos, principalmente pelos “de fora”, à semelhança do labirinto, lugar preparado para a habitação do Minotauro, representação da “monstruosidade”. O “labirinto”, enquanto lugar cultural, bem ilustrado em um poema de Borges:

“Zeus não poderia desatar as redes de pedra que me cercam. Olvidado dos homens que antes fui; sigo pelo odiado caminho de monótonas paredes que é o meu destino. Retas galerias que se curvam em círculos secretos depois de anos. Parapeitos que gretou a usura de dias. No pálido pó tenho decifrado rastros que temo. Chega-me pelo ar trazido nas côncavas tardes um bramido desolado. Sei que na sombra há Outro, cuja sorte é fatigar as longas soledades que tecem e destecem estes Hades e ansiar meu sangue e devorar minha morte. Quem dera fosse este o último dia de espera”.
(BORGES, 1999:389)

A figura assombrosa do Minotauro, habitante no labirinto, atesta os dois graus da condição humana neste contexto: o homem ou a mulher são seres sociais duplos. Habita neles, simultaneamente, de um lado, a humanidade, que é fruto do pacto social, e assim a monstruosidade é banida pelo pacto para o outro extremo, permanece latente, entretanto, vigiada. Na vida pode-se ser mais humano ou mais monstro, os dois convivem como habitantes de um único corpo. O corpo que é mais “monstro” é visto como a “besta”. No corpo social teríamos de um lado a civilização e do outro a barbárie.

O corpo é o mesmo, porém percebido como a figura do touro-fera, indomável a não ser pela violência, em seus múltiplos usos e instrumentos: física, psicológica

⁹¹ Ver Dell Hymes.

ou simbólica. O ambiente, as ferramentas, as ações, o alimento, a subsistência e tudo o mais é provido ou interdito sob o ponto de vista da monstruosidade. A cadeia, as algemas, o camburão, a “blindada”, a “jega”, o “balde”, a “masmorra”, a “jaula”, etc. E não poderia ser diferente.

É assim que o corpo, constituído como fundamento e condição para participar do mundo social, no prisioneiro, enquanto “realidade biopolítica”⁹² torna-se objeto de intervenção, de poder e de saber como bem destaca Foucault. Desta perspectiva, o corpo aparece como alicerce para experiência da prisão. A manipulação do corpo do prisioneiro, seja pela coerção ou performance, se expressa, por exemplo, pela nudez que remete à submissão da “fera” e no uniforme a sua domesticação. Labirinto e Minotauro são indissociáveis, assim como a Prisão e os Prisioneiros. Lugar e corpo se fundem em um sentido único. Misteriosamente, estas forças atuam na alma do prisioneiro.

Do ponto de vista dos “de dentro”, o “Minotauro” é o seu companheiro de cela. As regras de convivência têm as mesmas funções, mas ganham o adjetivo da sobrevivência. Neste sentido é importante nunca deixar de ser um “Minotauro”, ou se por um lapso moral o indivíduo que sempre cumpriu o pacto social “caiu” no labirinto, deve aprender rapidamente a ser “Minotauro”, agora, segundo as regras, pelo pacto do “labirinto”. Entretanto, é quase inescapável que em algum momento, sua integridade física, psicológica ou moral seja violada. Neste ambiente, nenhuma Lei é capaz de produzir “humanidade”.

E o que atesta o testemunho de uma agente penitenciária a este respeito:

“A população flutuante na Prisão Provisória de Curitiba é de 790 presos, sua capacidade 584 presos, encontramos celas com dois beliches ou dois triliches, desta forma são acomodados de seis a onze presos por cela, sem proteção climática nas janelas. Ressaltemos que as celas não tem mais do que 10m². Há inclusive presos provisórios junto com presos condenados. No “Manual de Treinamento para Pessoal Penitenciário”, na seção PRESERVAR A DIGNIDADE HUMANA, Seção 2, pg. 21, está escrito “a pessoa sujeita a qualquer forma de detenção ou prisão deve ser tratada com humanidade e com respeito da dignidade inerente ao ser humano”. Nesta Unidade Prisional existem duas celas especiais, também de 10m² de área, cada uma com aproximadamente dez presos. Todos os ocupantes destas celas tem medo de possíveis represálias de outros presos, cada um com seu motivo pessoal. Não existe para eles lugar para tomar sol, nem trabalho digno, somente alguns possuem atividades laborerápicas⁸, desenvolvidas nesse espaço. Ficam trancados 24 horas por dia, durante meses, anos. Apelidaram estas celas de “Bateau Mouche” (o nome do barco que afundou no Reveillon de 1988, na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro), porque além de estarem em condições sub-humanas, receberam ameaça de morte de outros presos e são

⁹² Ver FOUCAULT (1996, p. 80).

conscientes do risco que estão correndo com a saída desse local. Caso haja uma rebelião ou motim, eles possivelmente serão procurados para serem torturados ou sacrificados. Até hoje não houveram medidas nem predisposição dos dirigentes do DEPEN para que estas pessoas, que estão cumprindo sua sanção penal, tenham um lugar digno para viver sem esta pena sobre sua própria pena. Nos referimos neste exemplo apenas a parte física do ambiente no qual estão sobrevivendo e não mencionamos o que estes fatores influenciam para a despersonalização dessas pessoas. Não percebemos por parte de quem detém o poder, interesse em preservar a dignidade desses detentos.⁹³

Deste ponto de vista, parece inexistir no interior do sistema penitenciário “informal”, uma gradação da “monstruosidade”. Embora todo o processo tramite e seja julgado na particularidade de cada caso, sendo sentenciado segundo a previsão da Lei parece haver a interpretação, no interior da cadeia, que o preso é um *criminoso*, um *bandido* genericamente hediondo. A cadeia neste sentido aparece como vitrine de um sistema penal que, ao final do processo, em que pese o princípio da individualização da pena, na prática, a classificação de crimes se torna apenas demagógica, ou seja, internamente, não há distinção das condutas. Um território em que as pessoas buscam regras próprias para tornar viável o convívio.

Na verdade a pena é aplicada ao réu conforme a gravidade das condutas anti-sociais. Entretanto, o preso chega na cadeia com um “rótulo” do estigma preconcebido hediondamente. Acrescenta-se um rol de preconceitos, estigmas que torna a “sociedade” praticamente tão temível quanto o condenado e tão generalizada quanto o prisioneiro.

Por exemplo, num popular programa de televisão, que lograva em apresentar os presos na base destes rótulos, o apresentador se indignava performaticamente, esbravejando, babando, socando a mesa, inconformado com uma reportagem sobre a alimentação oferecida diariamente aos apenados. Em resumo, dizia o apresentador que aos presos deveria ser servido um prato de fezes e urina, dito com sinônimos chulos. Os presos em protesto ficaram um dia sem comer e doaram as marmitas a uma instituição de menores e acionaram uma entidade de defesa dos direitos humanos. A Justiça Federal tirou do ar o programa e condenou o apresentador a pagar multa, justificando que: “Ao condenado cabe cumprir somente a pena, aplicada com rigor e nada a mais além disso”.

⁹³ Depoimento presente no trabalho de Jucélia Maria dos Santos. *Poder Paralelo. Monografia apresentada como exigência do curso de Especialização “Modalidades de Tratamento Penal e Gestão Prisional”, para obter o título de Especialista em Gestão Prisional, pela Universidade Federal do Paraná. Orientador: Prof. Dr. Fábio Thá*

Neste sentido, neste ambiente, a pena jamais será educativa. A bem da verdade refletem as expectativas da sociedade voltada tão somente à justiça criminal e à prisão, em grande parte com a opinião moldada pela mídia de massa e sensacionalista.

Este parêntese informa sobre o diagnóstico que, sem sombra de dúvida, desafia o sistema penal brasileiro, cuja demanda por vagas nas cadeias cresce assustadoramente. Paulo Roberto Saraiva da Costa Leite, enquanto Presidente do Conselho da Justiça Federal e do Superior Tribunal de Justiça (2001), assinala:

“Sentenciados primários e autores de delitos de menor gravidade são amontoados em cubículos superlotados, com instalações sanitárias deficientes, padrão alimentar de baixa qualidade e, quase sempre, sem ter mesmo um leito para dormir. Se isso não basta para configurar o que se considera a condição subumana, sobrevém a constatação de que são trancafiados com criminosos de alta periculosidade. Quando dali saem, estão pós-graduados na escola do crime. Na maioria das vezes, infectados pela aids ou pela tuberculose, homossexuais por coação, sem lembrança da dignidade perdida, com o próprio inferno dentro da alma, só lhes resta o submundo do crime. Escolados, tentam vingar-se das injustiças sofridas, uma vez que jamais recuperarão os bens que lhes foram subtraídos: a integridade física, a honra, a paz de espírito.”⁹⁴

Ganhar o jogo, neste contexto, significa muito mais do que fazer a carta chegar ao seu destino. Exige superar os obstáculos que estas situações limites se interpõem a sua própria existência. Este empreendimento reflete a imagem de um personagem intensamente afetado pelas contingências do “labirinto”. Tudo nele exala a “feiura” do estigma: a pele ressecada e amarela, o cheiro de gente mofada, a fisiologia controlada e reprimida, os fantasmas que a mente acumula. Ganhar o jogo não é só fazer a carta “passar” barreiras físicas. Outras barreiras simbólicas reformam de grossas pedras o labirinto. Ultrapassar, de um certo modo, é lutar para que seu significado se realize.

Seu significado, no entanto, só se realiza, com a resposta do remetente. Mas um outro obstáculo também há de ser considerado, visto que, se para quem é “de dentro” a situação já é caótica, para quem é “de fora” adentrar no “labirinto” significa expor-se à situações de constrangimento, medo e desorientação. Para que o visitante se iguale ao preso, ele também é submetida a “situações-limites” similares, para “passar” para o “lado de dentro”.

⁹⁴ R. CEJ, Brasília, n. 15, p 5-7, set/dez. 2001.

Ajustada ao seu sentido, a lógica do jogo está diretamente relacionado com a lógica da sobrevivência no “labirinto”. A estratégia do jogo demonstra que o jogador se posiciona “virtualmente” a meio caminho, entre “o dentro” (a prisão) e o “fora” (a liberdade). Isso só é possível por meio da estratégia narrativa, ou seja, quando tudo converge para um sujeito metafórico, o prisioneiro como personagem cuja identidade é constituída pela experiência da prisão. Tal personagem funciona em alguns momentos, como o “fio de ariadne”, a guia que liga “o dentro” com “o fora” através de sua narrativa. Esta é a “situação limite”, o momento liminar. Ou seja, é como se o ponto de vista, o “olhar” do personagem estivesse dentro e fora simultaneamente.

Dois caminhos

As cartas, no contexto da análise que considera a “situação limite” no pleno conjunto da simbolização, tematizam a experiência da prisão em relação às características dos grupos de prisioneiros. Como as partes de uma “dobradiça”, o prisioneiro em relação ao conteúdo e seus relacionamentos se desdobre em dois grupos:

A) cartas cujo conteúdo biografam suas vidas bem como as cartas familiares levando em conta a condição humana expressada em solidão, doença, lealdade, amizade, amor, estratégias de sobrevivência, injustiças, isolamento e a prisão propriamente dita. Dizem respeito, ou, estão ligadas principalmente ao grupo de prisioneiros com vínculo social mais comprometido com a família, amigos, vida social constituída. Para este grupo, as cartas são dirigidas principalmente “de dentro para fora” especialmente para figuras femininas, como a esposa no caso dos homens, à irmã, à mãe e depois a filhos, amigos, sobrinhos etc.

A carta neste sentido faz parte da circulação de outros referentes que atualizam a memória e a presença do preso na “vida”. A prisão é representada como um sofrimento e como uma lacuna temporal, um tempo da vida que se perde. Semelhante ao paciente doente que tem de vencer a doença, o preso deve vencer a adversidade da prisão.

B) cartas que tematizam a busca da companhia do outro, o convite ao relacionamento, as cartas de amor, são redigidas principalmente por aqueles prisioneiros cujos vínculos sociais externos são precários ou não existem. Ao que tudo indica, são indivíduos cujos vínculos sociais externos, que, de um extremo são solitários e de outro extremo levam em conta a socialização na carreira criminosa. Nelas o artigo pelo qual o preso ou a presa “caiu” é, via de regra evocado, um valor que produz identidade. Para este grupo, as cartas são dirigidas principalmente “de dentro para dentro”, e buscam companheiros(as) na mesma condição de prisioneiros. Por outro lado, as cartas deste grupo quando destinadas “de dentro para fora” tematizam logicamente as contingências da experiência da prisão, porém, em relação ao “adianto” de cigarros, alimentos, roupas etc, podendo inclusive solicitar drogas, bebidas, celulares e outros contrabandos.

Exemplo desses dois temas na dinâmica das cartas é a história que ouvi de um preso chamado Dirceu, um homem bastante culto cujas palavras, combinadas à sua história de vida, produz um contraste esclarecedor. Dirceu é o mesmo prisioneiro que tentou suicidar-se cortando os pulsos. Dele ouvi uma história, uma parábola que ele leu em um livro cujo título não se lembrava, mas que era bastante pertinente, pois ele a utilizou para falar de si:

“Um jovem preso estava prestes a ganhar a sua liberdade. Profundamente marcado pela experiência que teve na prisão, passou sua vida a limpo. Ele então escreveu uma carta para sua velha mãe e esposa, admitindo seus erros e lhes pedindo perdão pelos erros do passado. Junto à carta ele mandou uma fita branca. Disse-lhes que se a família estivesse disposta a lhe perdoar e lhe dar uma segunda chance, que amarrassem a fita em um pé de laranjeira que havia na frente da casa dos parentes, como sinal. E assim a carta foi enviada. No dia da saída para a liberdade, o jovem tomou o ônibus. Desorientado ainda pela perda de suas referências, era impossível se controlar, a ponto de uma velha senhora ao seu lado lhe interrogar sobre a razão de tamanha ansiedade. Ele lhe contou sua história e sua mensagem. Pediu a ela que verificasse por ele se a fita estaria na árvore, do contrário, nem desceria do ônibus e seguiria sua vida sozinho. Quando o ônibus passou em frente a casa, a senhora lhe disse para ele ver com os próprios olhos: a árvore estava toda enfeitada, repleta de fitas. Ele desceu pois entendeu a mensagem: o importante é ir para a liberdade, mais importante, é ter pra onde voltar, ter alguém na liberdade...”.

Dirceu tinha dezenas de cartas que escreveu contando a sua história, autobiografando momentos de sua vida, tentando convencer o destinatário, que havia matado a mulher por circunstâncias que mesclavam acidente e amor. Eu mesmo o ajudei a escrever uma carta que ele enviaria junto ao pedido de *habeas corpus*. Na carta ele relatava as circunstâncias, o ângulo da primeira bala, a trajetória da segunda bala, a fuga do amante, o alcoolismo e detalhes minuciosos

que mais confundiam que explicavam. Na verdade as cartas que ele escrevia não eram postadas porque ele não tinha mais ninguém, nem mesmo seu filho. Entretanto, ele repetia a mesma narrativa, na tentativa de expurgar de sua mente o fato de der matado a mulher. Neste caso, quando um indivíduo é esquecido é como se estivesse morto. Por conta disso ele tentou suicidar-se. A primeira vez foi cortando os pulsos e mais uma vez tomando uma dose elevada de remédios antidepressivos. Novamente ele não morreu, mas ficou com a coordenação motora comprometida e uma parte do corpo paralisado. Certa vez ele me deu uma carta dessas para ler. O conteúdo era o mesmo de sempre. Então perguntei a ele: “você matou mesmo a sua esposa com dois tiros?”. A regra geral é que se faça vista grossa para tudo o que seu companheiro diz sobre seu crime. A regra é acreditar. Neste caso, como ficamos amigos, eu tinha uma chancela para quebrar a regra e diretamente falar com ele sobre o assunto, levando-o assumir de uma vez o crime e seguir em frente. A verdade é que ele criava um personagem, meio culpado, meio vítima.

Não me interessam os motivos que Dirceu tinha para matar a esposa. Me interessava naquele momento, e muito mais agora, entender a integração deste “personagem” com a experiência da prisão e a expectativa de vida. “Do lado de fora” ele tinha uma vida social bastante intensa, e o estigma de “assassino” bem como o rompimento social lhe eram insuportáveis. Tornou-se um dos muitos esquecidos, não recebendo visitas de mais ninguém. Entretanto, surpreendentemente, por meio de uma carta, ele arrumou uma “companheira de solidão”, uma moça que estivera presa e que agora, “na liberdade” lhe faz visitas freqüentes. Eles escreviam cerca de duas a três cartas semanais. Desde então Dirceu, embora ainda preso parou de tentar morrer. A moça lhe traz de tudo, incluindo os remédios dos quais ficou dependente. A história que ele contava sempre, para cada preso que conhecia, na verdade sintetiza a expectativa que é comum na carceragem: O que fazer com a liberdade quando ela deixar de ser uma ilusão e realmente chegar, voltar para casa ou voltar para o crime? E a pergunta que fiz a Dirceu era esta: “Mas enquanto ela não chega, o que fazer?” Dirceu que inicialmente pertencia ao grupo A recorreu a uma estratégia comum ao grupo B, visto que, na “sua árvore” provavelmente não esperava fita alguma.

Por outro lado, este fato me faz pensar que parece ocorrer um alinhamento ao longo do tempo no que se refere a “pagar cadeia”. Neste sentido, os dois grupos mencionados aparecem como tempos distintos de um mesmo processo de significação.

Cartas sociais e familiares

Através destes dois pontos de vista, o grupo A, que geralmente escreve no circuito das cartas “de dentro para fora” e vice-versa, via de regra, procura manter vivos os vínculos sociais, atualizando reciprocamente os sentimentos que nutrem esses laços, por exemplo, como pode ser lido nas cartas de Bibiane para os amigos presos Fábio e André:

“Fábio

Dae irmão tudo bem ai na rua espero que esteja, comigo você sabe o que ta rolando, eu te escrevi esta carta pois o que eu quero dizer não consigo falar pessoalmente, não sei porque.

É Fábio fico muito contente cada vez que você vem me visitar, cada vez que vem me visitar fico muito feliz pois sei que você é um dos caras que eu posso contar pra sempre, Fábio peço desculpas das vezes em que nós brigamos, só hoje eu vejo que você é muito importante pra mim, quero dizer desde quando você ia lá no SAS me ver.

Fábio te considero muito e não quero que você fique de cara comigo, por nada neste mundo, Fábio eu vejo como é difícil você vir me visitar aos domingos pois você tem namorada uma VIDA maravilhosa pela frente e as vezes é embaçado deixar de sair com a namorada para vir ver eu aqui neste lugar. É irmão quando você não quiser vir você pode ficar sucecado eu entendo, só não quero que você esqueça que eu te amo muito.

Sempre quis escrever uma carta pra você dizendo o que estou sentindo, mas eu nunca consegui só que hoje foi diferente pela manhã comecei pensar em você e pensei, como é difícil essa situação pra você, me desculpe mesmo por isso.

Fábio vou terminando esta carta pois tô quase chorando fique com Deus que ele te ajude e te abençoe.

Tchau!

Eu te amo muito

Nunca esqueça que gosto muito de você.”

DF63

“André: Quero que saiba que não se esqueçamos de vc, é que não temos o que fazer e eu não posso ir aí te ver pelo fato de sermos apenas amigos, mas gosto muitissimo de vc e vc faz uma imensa falta principalmente nos finais de semana. tudo na VIDA acontece por consequência de nossos atos mas jamais poderemos se esquecer de que Deus sempre está com nós, seja nos momentos bons ou ruins, nós é que não se importamos com a sua presença. Estou torcendo e rezando muito por vc. Se vc puder me escrever estou morando com minha mãe (...)

Ou peça para sua mãe me entregar.

Adoro muito vc!!!

Bibiliane!

Fique com Deus”

A experiência da prisão é sentida pelos parentes, amigos e amantes do preso de maneira diversa. Este sentimento pode, em parte, ser capturado durante as viagens de ônibus até o presídio. É um percurso de dura cerca de três horas incluindo a espera na fila do ônibus.

Não é difícil identificar na fila do ônibus Curitiba-Piraquara, na praça Santos Andrade, quem vai fazer uma visita na cadeia. Senhoras de todas as idades, com sacolas repletas de comida, refrigerantes baratos ou sucos em garrafas pet, acompanhadas de um ou dois netos. Elas parecem se conhecer e conversam abertamente sobre os filhos que estão presos, como é difícil conviver com a falta do “meu minino”, ou como é difícil acertar um advogado que realmente resolva o caso e não se aproveite do despreparo e desespero da família. Do outro lado, moças bem produzidas, com calça jeans e camisa discreta, com algumas sacolas com o mesmo conteúdo. São namoradas, às vezes esposas, vestidas conforme as normas de vestimenta para as visitas íntimas.

Conheci no ônibus uma senhora mãe de um prisioneiro chamado Diego. Ela estava sentada junto a uma moça e lhe perguntava em qual lado do envelope deveria escrever o nome do filho. A moça parecia em dúvida e aproveitei a situação para oferecer ajuda. Expliquei a ela o básico, que quem escreve a carta é o remetente que deve ser identificado no verso do envelope e quem vai receber a carta é o destinatário que é identificado na frente. Mesmo assim ela não entendeu e me pediu para que eu preenchesse o envelope. Enquanto escrevia, ela iniciou um longo falatório contando como Diego, “menino bom” se envolveu no tráfico e acabou preso, relatório que só acabou quando chegamos em Piraquara.

Depois que descemos do ônibus, ainda havia um percurso de quase dois quilômetros a pé até o Centro de Triagem. Quando chegamos a fila já era grande, com muitas mulheres e suas sacolinhas e apenas dois rapazes. A mãe do Diego não pode entrar, pois o filho havia se envolvido em uma briga feia, que resultou em um policial ferido e estava no castigo. Como era esperado, ela pediu para o guarda se ele poderia entregar as coisas que ela trouxera para Diego. A moça também não pode entrar, pois “amante não é parente” respondeu o guarda, ela deveria fazer

primeiro a carteirinha de visita durante a semana. Ela me pediu se eu poderia obter notícias do “Jorjão” que havia sido preso recentemente. Os demais visitantes foram encaminhados para a revista e depois ao pátio. A revista, apesar de constrangedora é simples e consiste em ser apalpado pelo policial e passar por detectores de metal e se surgir alguma suspeita o visitante é convidado a se despir para uma revista mais minuciosa. Cada família com seu preso. Cada amante com seu preso. Cada amigo com seu preso.

O policial que estava na sala de espera revirou as sacolas que eram para Diego pegou a carta, leu, amassou e jogou no lixo, depositando o material junto às outras sacolas que se acumulavam no armário.

Meu amigo Marcos explicou que naquele “plantão” eles endureciam e era comum isso acontecer. Perguntei a ele se conhecia o Diego e o “Jorjão” e ele me explicou que o contato com os presos no castigo estava restrito aos agentes. Aproveitei a “aliviada” do guarda e peguei a carta na lixeira (isso só foi possível por que eu já tinha um pouco de prática e vivência na prisão). Para minha surpresa havia mais cartas ali. Marcos também explicou que isso era comum e parte da censura. Fiquei pensando no esforço daquela senhora, enfrentar a viagem, em trazer todas aquelas coisas e escrever aquela carta, para nada. Guardei a carta comigo. Numa outra oportunidade encontrei Diego com a mãe durante uma vista e lhe entreguei a carta. Ele ficou surpreso, depois de tanto tempo receber aquela carta, explicando que havia “tirado um castigo” por causa de brigas com os companheiros. Entretanto, a carta enfatizava também que muitas coisas nem chegavam às mãos do presos. Mais importante é que este fato colaborou para que eu me aproximasse de Diego e sua mãe.

Dezenas de mulheres, como a mãe de Diego, enfileiradas na entrada da cadeia, com sacolas e mais sacolas, passam por situações semelhantes. A carta para Diego dizia o seguinte:

“Oi Diego quem escreve é a sua mãe, filho estou com muita saudades e preocupada porque está demorando muito pra sua saída troquei de advogado e agora esse vai tirar você daí tenha calma que tudo vai dar certo para nós, filho hoje fiquei muito contente porque a Empresa depositou Dinheiro na sua conta e eu peguei para, pagar suas continhas - Eu estou levando comidas – bolachas, docês e salgados, salame cigarros 5 carteiras, café – leite em pó, miojo 4, etc. o W. pegou esse advogado porque ele muito bom, e vai ajudar você a sair daí filho eu Esqueci a suas roupas em casa

Diego estamos todos com saudades de você meu filho. Hoje eu vim aqui trazer as coisas pra você trouxe 6 carteiras de cigarros fique com Deus aí, que ele vai te ajudar

que deus ilumina a todos que estão ai com você meu filho
Tial mil abraços para você até a tua saída . Deus abençoe a tua VIDA ai.”

FD01

Esta carta, anexada ao seu contexto, exemplifica de modo bem generalizado os obstáculos que um visitante enfrenta para realizar uma visita. A viagem, a própria escrita, os significados da prisão, o estigma de mãe, amante ou amigo de preso, a revista, o constrangimento, a intolerância, enfim, nada favorece, pelo contrário, tudo é obstáculo. Talvez este obstáculo seja necessário e útil à vigilância, visando a prevenção do tráfico e contrabando. Não é raro que algumas mulheres de presos perigosos tragam drogas escondidas nos enchimentos do sutiã, aparelhos celulares introduzidos no ânus e vagina ou facas no vão das nádegas em fim, a criatividade não tem limites. Abusos também surgem e não é raro mulheres serem submetidas a toques vaginais e anais, por agentes inescrupulosos. Constrangidas, muitas aprendem formas de escapar das revistas, oferecendo propina e presentes aos agentes. Da mesma forma que “o preso” é tratado genericamente, o visitante também é visto como um *criminoso* em potencial. Não é a toa que, no início da viagem no ônibus os visitantes vão conversando sobre seus dilemas e histórias de vida, mas na volta, é um silêncio só, e o que se vê são rostos cansados refletindo no que deixaram para trás. É o significado de ser mãe, amante ou amigo de preso.

No entanto, ser mãe ou mulher de preso ultrapassa a relação de um afeto, um encontro, ou solidariedade. Grande parte das mães sacrifica a vida e vivenciam junto a prisão de seus filhos. São elas que em grande medida lutam para tirar os filhos da cadeia. Incapazes de enxergar um delinqüente, infantilizam eternamente seus filhos, como pode ser lido nesta outra carta da mãe de Diego:

“Saudações

Eu (...) estou te escrevendo para te avizar que você meu filho não se preocupar que você vai sair logo daí já era prá ter saído daí, mais o advogado que eu peguei não está resolvendo muita coisa mais o Vilmar e Cida vai mandar um advogado do Bamerindos criminalista que vai resolver logo, amanhã ele já começa a trabalhar para sua defeza. Diego a sua mãezinha não come mais não durmo á noite, não estou nem conseguindo trabalhar mais, eu estou tentando ganhar á conta para pegar o Dinheiro do acerto pra mim pagar ás nossas Dividas que está vencendo, eu estou muito triste e preocupada por você estar ai nesse lugar. meu filho você sempre trabalhou nunca procurou coisas erradas sempre foi Honesto com á sua pessoa não merecia estar nesce lugar ai. Diego até á semana que vem você sai, agora peguamos o advogado do Banco que é muito quente e garantiu se tudo correr bem você sai ainda está semana meu filho como eu estou sofrendo por você e o teu sofrimento ai

Diego você sabe que seu irmãozinho morreu ressentimento e á mãe sofre muito por ele que já se foi e agora aconteceu isso com você meu único filho homen de quem á ama demais você meu filho querido é um pedaço do meu coração

Diego á mãe tentou fazer teu acerto na firma mais eles não aceitaram mesmo porque disseram que você é um ótimo funcionário.

filho a Tia Cida está vindo a aqui em casa hoje pegar os seus documentos para levar pro Wilmar resolver o seu problema confie em Deus e o Senhor Jesus Cristo que você vai sair logo dai Diego a mãe já deu 500 reais para esse advogado e não adiantou nada, agora o Wilmar seu tio tomou a frente e vai resolver tudo pra você e ele vai conseguir tudo logo os honorários vai ser tudo por conta dele. Depois nois dois pagamos quando nós pudermos.

Diego confie eu vou te tirar você daí logo se Deus quiser

Diego você é um bom filho pra mim.

Tia um monte de saudades

Continue”

FD05

O “irmãozinho” de Diego, aos 19 anos morreu cravejado de balas em uma boca de fumo, por conta de dívidas com traficantes. Usuário crônico de crack como Diego, o primeiro morreu e o segundo, foi enquadrado no “12”, por porte de drogas. Grande parte dos presos jovens na cadeia estão no “12”, “14” ou “16” e desta constatação, é possível deduzir que outros crimes praticados pela maioria dos presos, como furtos, estão integrados ao tráfico e ao consumo de drogas. A violência urbana parece obedecer a integração: juventude; desigualdade social e intelectual, dependência tanto das drogas como de traficantes; assaltos, furtos e seqüestros como modo de subsistência nesta carreira.

No entanto, Diego se converteu em um culto realizado com frequência na prisão. Desde este episódio, Diego declara ser outra pessoa e quando “sair”, enfatiza que levará uma “nova vida”.

Cartas de amor

Por outro lado, o conjunto de cartas trocadas entre Marcos e Giovanda, Natanael e Telma ou as de Leandro e Celsa, ilustram em grande medida o segundo grupo “de dentro para dentro”, cujo conteúdo se caracteriza pela “busca do outro”, ou seja, uma busca pelo complemento que está ausente, um companheiro ou companheira para dividir a solidão. Suspeito que “buscar o outro”, muito mais que uma conquista, é encontrar-se consigo mesmo. Este tipo de carta representa a grande maioria, visto que, a realidade das cadeias brasileiras está repleta de pessoas que perderam seus vínculos sociais externos e ficam a mercê do acaso e do destino, dependendo de advogados, defensores públicos e das benesses de religiosos.

Evidentemente que a maioria das cartas deste gênero circula pela via clandestina. O início do relacionamento entre eles se deu na forma habitual que

consiste em enviar um bilhete na carta de um companheiro de cadeia, como ilustra estas cartas:

“Rafaela salve salve.

Estou te escrevendo porque a Polliana somos só amigo e ela deichou claro que não me quer. Tenho quarenta anos e preciso de uma mina firmeza se você quiser me corresponder mande carta p/ mim. Meu nome: Marco Aurélio.”

DD31

“Natanael sou a Jaqueline amiga da Telma estamos na mesma cela, no x1.

Estou escrevendo pois gostaria de saber se você tem algum amigo que gostaria de se corresponder comigo, sou morena, olhos castanhos cabelos compridos pretos, 23 anos, um metro e sessenta, 60 quilos morro no centro e sou do corre.

Se possível gostaria de um ladrão firmeza para trocar uma idéia.

Eu estou presa a sete meses no artg – 12 e 14, mas graças a Deus foi desclasificada para 16, só estou esperando balção e daí sentir o ar da Liberdade. Mais da tempo de, me corresponder com alguém.

Espero uma resposta urgente Natanael fico agradecida se fazer a frente, para mim.

Obrigado.

Ass: Jaqueline

X1 – 9º DP

Obs: Preciso de uma pessoa para conhecer, e quem sabe o que possa acontecer.

Tchau fique com Deus! “

DD20

“Amor, me desculpe por ás vezes minhas cartas levarem mais alguns bilhetes juntos, pois aqui estamos em uma família de 11 e é difícil dizer não para os irmãos. Peço que isto não interrompa minhas cartas de chegar até você. Gostaria de ter você do meu lado e não ter que passar por isso. Tenho fé que com o nosso sofrimento já estamos prontos para sairmos e voltarmos para a sociedade juntos e fazer tudo diferente, tudo certo de acordo com a vontade de Deus! Amorzinho, estou orando bastante por nós.”

DD24

Note-se nesta última carta que o preso refere-se aos companheiros presos na mesma cela como a “uma família”. Isso significa que tudo que entra no “X” é de todos. Além das regras e distribuição de tarefas, têm alimentos, materiais de higiene, tudo em comum, como se um “ajudasse” o outro “irmão”. Também significa que entre a “família” dá para relaxar um pouco na vigilância e conviver se torna viável. Algumas coisas são mais toleradas principalmente as que dizem respeito às necessidades fisiológicas e sexuais. Por exemplo, um preso que fosse flagrado masturbando-se, o que era comum depois da inspiração das cartas. Se pertence a uma “família” no máximo seria motivo de piada, entretanto, se um “elemento caiu no X” e ainda não conquistou esta confiança, se fosse flagrado, sofreria sanções e até mesmo agressões. No “X11” morava um prisioneiro chamado Índio, homem violento, arreventou a testa de um jovem nas grades da cela porque foi flagrado “mexendo” nas partes íntimas enquanto dormiam. Neste “X” ficavam os presos mais violentos,

homens de uma brutalidade sem comparação, que não toleram absolutamente nada. Mesmo os carcereiros evitam relacionar-se com eles e se algum preso “dava mancada” eles logo ameaçavam: “baixa a bola se não te joga no 11”. Na “família” existe regra para tudo, principalmente se cada um tem apenas um metro quadrado de privacidade. São exatamente estas sanções que paradoxalmente tornam mais “dóceis” as relações entre os “irmãos”. Se pertence a uma “família”, dificilmente alguém vai mexer com você. Quanto mais um preso tem para dividir, melhor será sua posição e respeito na “família”. Por isso se um membro da “família” se corresponde com alguém, se vê comprometido em encaminhar “convites” dos companheiros em suas cartas.

A sexualidade dos presos é um assunto que gera bastante curiosidade “do lado de fora”. Não é raro ver filmes, principalmente americanos em que presos são estuprados e violentados psicologicamente. Evidentemente que isso acontece na maioria das cadeias, mas de modo nenhum pode caracterizar genericamente a sexualidade de presos e presas. No entanto, a homossexualidade, sem o ingrediente da violência é muito comum. Nestes relacionamentos, as vezes nem chega a ocorrer ato sexual devido as condições físicas, e a maioria se consuma em carícias discretas e escondidas. Manifesta-se como uma afinidade. Conversas sobre mulheres são recorrentes, cheias de clichês para impressionar, e de dia todo mundo é “macho”. Mas a grande maioria dos presos permanece discreta sobre este assunto. Reservam-se à abstinência ou à visita íntima.

Entretanto, lembro-me de que um preso chamado Jonaz, que constantemente se insinuava para mim, com brincadeiras e gentilezas. Certa vez ele me convidou para “dormir” na cela dele, alegando para eu não me preocupar visto que ele era “passivo”. Aprendi na cadeia que não se deve recriminar o outro preso se ele pede “companhia” amigavelmente. Respondi apenas, que era casado, fiel, feliz e preferia permanecer hetero. Como de dizia meu amigo Marcos namorado de Giovanda, que dividia o “quarto” com ele, quando compartilhei do que tinha acontecido, “tem preso que não agüenta a solidão e desanda”. Ele me deixou em paz, mas sempre que podia, “sorria” para mim. Sorrir para outro na cadeia significa que “está a fim”. Alguns presos também conseguiam pagar visitas íntimas com “meninas da rua”. Havia uma ala com quartos que era destinada para descanso para o pessoal do plantão, mas que na verdade servia para outras finalidades, até que foi chamada de “motel”. Por

cinquenta reais era possível fazer um programa. Evidentemente que o preso não tinha exclusividade e a mesma moça realizada vários “serviços” com todos os tipos de “clientes”. Era um negócio arriscado que sempre acabava em doenças venéreas.

Em algumas cartas, a sexualidade, ora aparece de forma discreta e insinuada, e em outras, exagerada ao nível explícito, como neste exemplo na carta de Ana e Juarez:

“23/11/05 – 3: 45 da manhã

Oi meu amor espero esta lhe encontre com saúde e paz em seu coração!

Amor eu estou bem apesar do lugar com muita saudade das suas cartas oque está acontecendo que vc não esta me escrevendo será que já desistil de ficar comigo amor eu espero que não porque eu não quero te perder sem mesmo ter te conhecido eu realmente quero morrer com vc e te fazer muito feliz em todos os sentidos vc sabe do que estou falando ne meu amor. Juarez eu estou muito apaixonada por vc meu amor é te quero muito do meu lado se eu sair antes de vc eu não vou te abandonar tenha sertesa disso meu amor. Eu não quero que vc me deiche falando aqui se vc sair antes de mim firmeza. amor se vc realmente me ama e quer ficar comigo me mande o endereço da sua mãe firmeza so assim eu vou ter sertesa que você realmente gosta de mim e quer que eu seja a sua mulher, amor eu vou parar de escrever porque estou com muita dor de cabeça e já é tarde. fique com Deus e ele cuide de vc pra mim porque te amo muito te quero do meu lado como meu marido vc asseita ser meu marido sim ou não estou esperando sua resposta.

Amor que eu quero fazer aquele sexo gostoso quero te beijar todinho quero que vc me pegue de quatro quero jemer de tanto prazer com vc meu amor quero fazer sexo de todas as pozisões quero que vc goze na minha bouca bem gostoso amor eu já estou com tesão so de imaginar vc me pegando de quatro e colocando na minha buceta toda molhadinha amor vc já imagino como vai ser quando nois estivemos juntos vai ser aquela loucura vc não acha?

Amor me escreva preciso ter notisia sua.

Te amo te amo D+ meu amor

De sua futura esposa

Ana

Juarez”

DD16

Quando resolvem firmar compromisso de correspondência, na resposta da carta, mesmo sem se conhecerem pessoalmente, trocam informações sobre si, sobre as cores e dimensões do corpo, gostos e desejos, incluindo na lista, o artigo pelo qual “caiu”, ou foi preso e às vezes, inventando um novo nome ou apelido, como por exemplo, a remetente Giovanda, que é também Poliana e Alessandra. Algumas vezes, no caso das “meninas”, os nomes inventados são os mesmos nomes “de guerra”, usado na rua, no tráfico e prostituição, e este é o significado de ser “corre”. Quando eu fui visitar Giovanda no 9º. Distrito fui recomendado a falar com Alessandra, nome de batismo dela. Fui fazer um favor para Marcos, levar um “adianto” para ela. Ali havia cerca de 90 “meninas” presas. As unhas dela me chamaram atenção, pois estavam pintadas com um esmalte na cor laranja semelhante a uma caneta marca-texto. Falei com ela sobre o trabalho e ela me

cedeu as cartas as cartas que Marcos enviou a ela. Ali também as cartas circulavam por intermédio dos mesmos atores, desde agentes, pastores, amigos e outras “presas” em trânsito. A diferença me explicou ela, é que os “meninos” não esperam nada das presas, só companhia mesmo, às vezes acaba em visita íntima, mas é raro. Já as “meninas” não se correspondem com “caras” que não têm “adianto” e não é raro que elas tenham dois “caras”. Ambos se comprometem a serem “fiéis” a um relacionamento intermediado pela carta, mas nada garante. E nas cartas não vai qualquer escrita. Eu levei para Alessandra a encomenda de Marcos que consistia em fios de crochê, material de higiene e bolachas. Ele queria que eu levasse um maço de cigarros, mas, embora sendo meu amigo recusei, visto que cigarros são utilizados muitas vezes para o tráfico, e eu não podia de maneira alguma ser confundido com um traficante.

Ali na carceragem feminina a situação era muito mais difícil que a do centro de triagem. Falar em superlotação já se tornou lugar comum, mas Alessandra me informou que as “meninas estavam se matando por causa do aperto”. Ela também relatou comovida que esta visita foi a primeira em três meses, dos quais ficou do começo ao fim sem sair se quer para “ver o sol”. Em poucos instantes, a carcereira veio me oferecer bombons feitos pelas presas e também artesanatos. Para ficar com “moral” comprei uma caixa com 12. Mais regras, e esta é para os visitantes: sempre comprar alguma coisa feita pelos presos. Entretanto, apesar do meu apelo, ela não me deixou entrar no interior da delegacia, tive que me contentar com o pátio que não passava de uma pequena varanda. Mas ela me disse que poderia voltar para futuras visitas, o que para mim já era um ganho, pois já tinha sido barrado em cerca de três tentativas.

As cartas “de dentro para dentro” seguem um elaborado ritual de mútuo conhecimento. Nelas, dois argumentos batem e rebatem: primeiro, a situação de prisioneiro é atualizada, reforçando o “peso” de cada dia, e segundo, o compromisso é reafirmado, no qual, apesar de tudo “estamos juntos” hoje e também estaremos amanhã, na “liberdade” como no exemplo da carta do remetente Celsa para o destinatário Leandro:

“Oi, Leandro!”

Como vai você? Espero que quando receber esta, lhe encontre bem com muita paz e amor em seu coração. Na semana passada ou melhor no dia 17/11 lhe escrevi e mandei por uma amiga que foi pro Fórum, mas como ela não passou por ai ela deixou sua carta no Fórum e

como não tive resposta acho que você não recebeu. De qualquer forma vou repetir ou pelo menos tentar, dizer tudo que havia escrito. Me chamo Celsa, soube do teu nome através do love son's e eu como você também estou sozinha a procura de novas amizades ou quem sabe até um relacionamento futuro se o destino assim quiser, tenho 1,65 de altura, peso 60 kg. tenho os olhos castanhos, cabelos louros e sou morena clara, estou no artigo 12, fui presa em 28/7 a minha segunda audiência será 30/11 e se eu não sair antes, estou saindo logo depois dela se Deus quiser, assim disse meu advogado. Sou uma pessoa muito alegre, extrovertida, adoro viajar, praia, músicas românticas e muita adrenalina. E quanto a você me escreva me dizendo, posso quero realmente sua amizade, e mesmo depois que eu sair daqui quero continuar me correspondendo com você. Sem mais para o momento termino essa com um grande beijo em teu coração

De sua mais nova amiga.

Celsa
9º DP

Leandro

DVC “

DD15

Uma das principais representações sobre a situação de prisioneiro, a imagem que um passa para ao outro, é a imagem do “injustiçado (a)”. Além disso, remetente e destinatário, neste caso, são dois personagens idênticos, diferenciadas pela alternância da função. As funções femininas e masculinas em alguns aspectos se diferenciam. Cabe ao companheiro o papel de provedor e para a companheira o suporte para dividir a solidão, “trocar idéia” e quem sabe “adianto” quando possível ou quando “sair”:

“(…) Amor obrigada por mandar os fios nossa meu amor você tem me ajudando muito, ainda não terminei a encomenda da dona Márcia por isso não mando o dinheiro do barbante e do Royal quero que você escreva me dizendo quando é?

Amor te amo muito ++++++

Fica com Deus

Beijos”

DD44

“(…) A amor a Índia esta me entregado a pulseira agora que linda amei obrigada meu rei.

Amor a única coisa que posso te falar de coração é que eu estou apaixonada por você e quero te fazer o homem mais feliz deste mundo em breve em nome do Senhor Jesus, vamos ser muitos feliz.

Amor espero retorno aciosa e + uma vez me perdoa pelo desabafo te amo Marcos Aurélio da sua Giovanda”

DD35

A situação é polarizada e se alterna entre o personagem passivo e ativo. Quem recebe é passivo e sua atuação visa reforçar o argumento de vitimizado: por falta de presença da família, por perseguição interna, por solidão. Entretanto, “de dentro para dentro”, de “preso para presa”, prover a “companheira” ou “amante” com “adianto”, ou seja, cigarros, material artesanal, remédios ou dinheiro demonstra

capacidade e dignidade de corresponder a expectativa do outro. Estes aspectos se observam na carta do Remetente: Bolicão para Destinatário Bruna:

“Saudações Bruna, aqui quem fala é o Bolicão

Aí minha parceira. Na VIDA de um homem, nem tudo é como ele quer. Pra vc ver como o destino é trágico. Mas Deus foi tão injusto comigo que eu acho que eu não merecia uma punidade dessas

1º - Por estar preso e 2º- Deus levou a coisa mais importante em minha VIDA – minha mãe.

Mas é o seguinte, bola pra frente, pois na cadeia eu conheci uns aliados firmeza que me deram a maior força para ficar firme na fé e na caminhada.

Apesar do pouco tempo em que estou preso, aprendi muitas coisas que os verdadeiros amigos fazem na cadeia. Para você ver: - os amigos que tinha lá fora me esqueceram quando vim pra cá.

Não tô escrevendo esta humilde carta para ficar c/ dó de mim, porque quando eles precisaram de mim, estava disposto a ajudá-los, e agora que estou precisando de um gesto de carinho, todos viraram as costas p/ mim.

E o vazio que sinto em meu peito, somente um grande amor irá preenchê-lo.

5ª feira é minha audiência, e se Deus quiser 2ª estarei na rua. E se vc precisar de algo, lê ligue (...), estarei disposto a ajudar da melhor maneira.

Tenha fé que irá embora logo, firmeza? E lá fora é nós!!!

Aí Bruna, o Beijo te manda um salve.

Vou ficando por aqui, e na próxima te escrevo mais. Na correria e “adiantos” e mais. Faz 03 meses que a gente não se vê, tô com saudades de você, amiga camarada, mande as carta, que saudades coisa rara, quero viver de cabeça erguida, logo vou sair pra VIDA. Qualquer dia irei te ver.

Que Deus a abençoe neste lugar.

obs: Lembra do mano Casquinha? Ele ganhou a “liberdade” daquele jeito, firmeza?

Até um dia... “

DD04

“Amorzinho o dinheiro que você me deu eu pedir para o plantão compra

Shampo , Condicionador, Sabonete, Pasta de dente, Ati traspirante

Muito obrigada Deus te abençoe muito graças a Deus agora já tenho todo produto de higiene pessoal.”

DD29

Bolicão acaba dizendo que o “mano Casquinha” ganhou a “liberdade” daquele jeito, ou seja: foi morto na cadeia por rivais da gangue que pertencia. É a “lei”.

Algumas vezes o personagem é desmascarado. Encarar a realidade é decepcionante. Quando Marcos e Giovanda estavam se correspondendo, nada podia abalar o “amor” que sentiam um pelo outro, mas depois desta carta denunciando a amante, nada mais restou:

“(...) estou escrevendo porque sei que você é um cara de atitude e correria.

Ai fiquei sabendo que você se corresponde com a Giovanda, ai ladrão essa mina é uma fulerge, 29 e pilantra, aqui na cadeia ninguém aceita ela em lugar nenhum porque é safada e faz altas treta errada. Eu sou do centro graças a Deus minha caminhada é limpa e sou firmeza.

Estou te ligando porque pelas idéia você e o cara mil grau.

Eu conheço o nego Márcio que se encontra preso aí, e o Pitt, e pode perguntar sobre minha pessoa, se quiser.

Ai, Marcos, não quero te desanimar, mais é verdade, e cara que é respeitado no crime, tem que ficar com mina firmeza pode crê!
 Então se quiser uma mina desente, eu te arrumo de coração, porque você e o cara.
 Marcos, a Giovanda tem idéia dela, e muito fraca, e so quer saber de adianto, e se pá deixe irmão falando.
 Então, eu sou mais conhecida como Josi do centro.
 E se quiser corresponder com uma mina atitude eu vou te ajudar com todo prazer.
 Porque eu não sou o bicho mais faço minha caminhada pelo certo.
 Então espero uma resposta sua, e se ligue, porque não sou areira, porque tem que respeitar a cara de ladrão.”

DD41

Desta forma, se por um lado, a dinâmica da circulação das cartas remete ao contexto das representações sociais sobre a cadeia e exercem sobre o prisioneiro a formulação de estratégias de convívio, por outro lado, o conteúdo escrito expressa em grande medida, aquilo que preenche ou esvazia a alma do preso. Melhor dizendo, do conjunto se extrai a representação das formas pela qual o indivíduo preso se relaciona com valores culturais da sociedade e de como a experiência da prisão espelha a dimensão vivida da cultura, em particular, a cultura da prisão.

A estética das cartas

Além da elaboração do texto, as cartas também comportam grafites, desenhos a mão que ilustram sentimentos como amor, paixão, saudades, traição. São desenhos de corações, flores, pergaminhos, pessoas, faixas, composições com flechas, facas e corações partidos.



Estes desenhos complementam a mensagem. Informam ao remetente a síntese de um sentimento. Alguns desenhos são encomendados e papéis decorados podem ser comprados ou trocados por contrabando.

As vezes aparecem no centro da mensagem, e em outras, se tornam a sua moldura. O vermelho é a cor predominante, indispensável para representar o sentimento de amor. Os motivos religiosos também aparecem, comportando versículos bíblicos e hinos religiosos.



Estes grafites comportam símbolos que reforçam os dois tipos de discurso mais recorrente nas cartas: o discurso amoroso e o discurso religioso, que englobam a maior parte do conteúdo sobre o sofrimento e a esperança de libertação.

Geralmente, as flores são utilizadas para representar as pessoas de estima. Uma rosa vermelha, por exemplo, enfatiza que a pessoa é amada, e é oferecida às namoradas e esposas.

Um coração representa o sentimento de amor e a flor açucena representa a saudade. Estes elementos aparecem em grande parte das cartas que versam sobre paixão, casamento mensagens de compromisso e mútua fidelidade.



Em algumas cartas esses elementos aparecem combinados formando mensagens simbólicas mais complexas. Por exemplo, uma rosa, um coração e uma Bíblia aberta diz respeito a uma pessoa que ama e esse relacionamento é transpassado pela mensagem religiosa de apoio e fortalecimento mútuo.

Entretanto, em outro exemplo, duas flores representam duas pessoas, se são rosas é por que existe um compromisso de amor entre elas. Porém o coração, símbolo deste amor está partido por uma faca, geralmente utilizada para representar a traição. A flecha e os caules das flores dizem respeito ao sentimento que de amor se tornou incompatível e é inevitável a separação.



Neste sentido, é possível ler as cartas também pelas ilustrações que elas comportam. Uma mensagem simbólica associada à escrita, em que ambas, procuram produzir mais força ao discurso, seja amoroso ou religioso.

Liberdade

Cheguei a ensaiar uma pequena pesquisa sobre a representação da liberdade no imaginário dos presos para me manter ocupado enquanto estava preso. A pergunta era simples: O que é “liberdade”?

Liberdade é fazer tudo o que a gente quer, poder admirar a natureza que Deus criou, passar um tempo com as pessoas que você ama sem restrição ou algo limitando, não se limitando nossos desejos e vontades, claro que com responsabilidade. (Paulo)

“É uma coisa que eu posso fazer sem explicar para ninguém o que eu possa estar fazendo” (Marcos)

“É o desejo de fazer tudo que é permitido dentro da lei” (Policia)

“É as pessoas saí dos vícios” (Anderson)

Obtive respostas variadas e interessantes como estas, mas a que mais me chamou a atenção foi a do Seu Nino. Ele desenhava papéis de cartas e fazia envelopes, os quais trocava por cigarros, canetas e outras bugigangas contrabandeadas. Ele fez dois desenhos para mim como resposta à minha “pesquisa”. O primeiro desenho eu comprei por uma caixa de lápis de cor. O segundo ele me deu de graça, no dia em que ele saiu livre, depois de dois anos e meio preso.



O tema liberdade era recorrente em quase tudo o que se pensava, dizia e fazia dentro da cadeia. Os desenhos do Seu Nino diziam, imageticamente, sobre dois lugares idênticos: montanhas, um sol, um vale e um rio e pássaros no horizonte e peixes saltando no rio. No primeiro desenho, o destaque é para a figura de um homem que tranquilamente estava pescando à sombra de uma árvore. Ele é um personagem. É o personagem que, pelo sonho, pelo desejo, pela imaginação, “passou” para “o lado de fora”. O lado “de dentro” é a realidade da cadeia. Para ele, “liberdade” significava isso, poder estar “fora” da cadeia. Perguntei a ele se aquele lugar existia e ele me disse: “só na minha cabeça”.



A singela ilustração do Seu nino permite perceber a representação da liberdade enquanto lugar e o personagem realizando o sonho: ele está livre e ser livre é poder pescar e usar o tempo como quiser. O

personagem do prisioneiro pode ser representado pelo preso de forma diversa e se manifestará em relação às expectativas da mensagem.

Depois que alguns dias, Nino finalmente ganhou a liberdade e deixou outro desenho sobre a liberdade como presente para mim. O mesmo cenário, as montanhas, o vale, o rio, o sol, o horizonte e os pássaros e peixes saltando.



mas com uma diferença: o homem não estava mais lá e em seu lugar uma porteira foi deixada aberta denunciando que alguém passou por ali.



O conceito “nativo” concebe a liberdade como um mito, isto é, a liberdade é antes narrada. Esta narrativa da liberdade envolve dois momentos: primeiro, a liberdade que lhe foi tirada, subtraída. O segundo, que todos os dias que estiver

preso, é um dia a menos em direção a ela. A liberdade é algo que se espera. É uma espécie de esperança mediadora. A porteira aberta que une “o dentro” e “o fora”. O personagem implicado nesta experiência não sucumbe passivamente à angústia do isolamento: ele cria um “jogo” para superar uma situação limite.

Religião

A liberdade é o ponto de convergência na totalidade das cartas, um *topos*, lugar onde todos combinam se encontrar. Direta ou indiretamente, ela aparece de forma idealizada, representada como lugar de encontro, onde todas as agruras passarão e uma nova vida, um recomeço os espera. “A liberdade é a única coisa pela qual vale a pena suportar a cadeia”, como diz Marco Aurélio. Por isso ela adquire um significado particular: deixa de ser interpretada como um conceito essencial que faz da pessoa um sujeito e um cidadão para dar lugar à interpretação mística e na maioria das vezes, religiosa. A liberdade é entendida como “libertação”. Neste último caso, a pessoa é essencialmente objeto de uma provação que visa o aperfeiçoamento pessoal. Suportando a provação, o prêmio é a entrada na liberdade, o “lado de fora”.

A conversão religiosa na cadeia é um tema áspero, repleto de controvérsias. Alguns presos declararam que uma parte das conversões acontece com a intenção de ser “melhor visto” ou como mais uma estratégia de manipulação. Esta parece ser a opinião de grande parte dos agentes também. Entretanto, a sinceridade da conversão não modifica o fato de que, alguma coisa acontece na experiência da

prisão quando está associada à experiência religiosa. Para os presos convertidos serve como um “balsamo” um alívio ao sofrimento. Para os agentes, é também um alívio, mas no sentido que “os presos convertidos dão menos trabalho”, como declara um ex-policial, acostumado a rotina de prender, e agora se acostumava a rotina de estar preso.

O argumento religioso, aparece em grande parte das cartas, seja formalmente como “...espero que esta o encontre com saúde e na benção de Deus...”. Porém nas cartas dos convertidos ele aparece com mais ênfase, ultrapassando a mera formalidade e virando “tema”. Nestas o discurso religioso se manifesta ao trocarmos salmos, hinos, ou de forma evangelística como no exemplo da carta diário do preso ex-policial:

“Nesse lugar somos todos tratados com desumanidade, aqui somos apenas mais um que segundo as autoridades precisam se recuperar para depois poder sair às ruas. Porém eles não nos dão oportunidades, pois ficamos ociosos não temos o que fazer nem mesmo algo que poderia nos dar um dinheiro para nos manter aqui ou mesmo ajudar nossos familiares, que muitas vezes passam até por necessidade. Ficamos aqui amontoados e nos profissionalizando na vida que sei não ser o que Deus quer para nós (...) Hoje tive a oportunidade de falar do Senhor Jesus a alguns irmãos que aqui estão, e pude perceber a necessidade de alguns ouvir a palavra e praticá-la, porém enquanto aqui estiver não deixarei de falar do amor de Deus para com todos, pois Deus ama o pecador porém detesta o pecado, por isso estou aprendendo a forma que o Senhor Deus trata com nós. (...) Hoje eu gostaria de estar em minha casa falando do amor de Jesus a meus filhos e a minha esposa, mas Deus tem seus planos e a mim só cabe cumprir o que Ele quer. Não consegui dormir durante a noite, pois o tratamento com Deus se dá a toda a hora, sei que Deus tem propósito na minha vida e estou pronto para recebê-lo, pois quero que Deus me leve para junto dele, para mim conhecê-lo e fazer a sua vontade, me leve para perto de Ti, pois só a sua vontade posso me completar e assim obedecerei de todo o coração. Deus nos ajude a vencer esta tribulação para que assim seu nome seja glorificado. Hoje foi um dia especial, pois sei que Deus operou maravilhas em meu ser. Hoje pude ver minha esposa, mesmo sendo só pelo espelho enfiado entre as grades mais mesmo assim foi uma benção. Hoje recebi a visita do Pastor Oliveira fiquei muito contente com as palavras de conforto e com a oração que ele deu através do Espírito Santo de Deus. Desde o dia em que estou aqui já li os 4 evangelhos e foi tão gostoso sentir a presença de Deus. E em cada palavra lida vi o Deus do impossível operar milagres e maravilhas. Deus obrigado pelo Senhor ser o meu Deus e por eu ser um dos escolhidos por Ele.”

DF02

As vezes aparece na forma de oração, como pode ser lido na carta de Diego para sua mãe, recém convertido na cadeia:

“Para minha mãe

Senhor no nascer deste novo dia ouvi minha oração, sem tristeza ou amargura sem ferida ou cicatriz que eu passa descobrir o encanto pela VIDA e recuperar a fé que as vezes procura e não encontra daí-me coragem Senhor pra enfrentar o mundo e não olhar meu irmão com suspeita de que queria me fazer mau o que meu coração disperse vigor e esperança e não cansado que creia no amor. Daime Senhor sabedoria livraime da prepotencia e vulgariedade, burra da estupidez e poezia, da bajulação da mentira da falsidade da injustiça e da ingratidão. Protejame mostre-me que tenho muito mais a agradecer do que alimentar e ilumine-me em mais este amanhecer. Senhor

liberte o meu coração do medo e permita que ele possa amar e que esse amor seja espontâneo e límpido e que eu possa senti-lo e tocá-lo outravez dos meus olhos, pesso tudo isso Senhor por-que eu ti amo e sei que tus me ama também e me conseda. esta liberdade... AMEM”

DF03

A experiência existencial do sofrimento na cadeia parece obrigar o indivíduo, especialmente aquele “convertido”, a estruturar para si e para os outros, uma atitude positiva e estabilizada em relação ao sofrimento proveniente da prisão. Entretanto, é imprescindível considerar que, para alguns presos, a experiência sofrida é a de quem tão somente “tira cadeia”. Esta atitude faz parte de uma vida ordinária, na qual o crime não é encarado do ponto de vista religioso como “pecado”. Estes seriam os “incrédulos”, os “ímpios”, “os pecadores” ou seja, aqueles que não atribuem um significado religioso ao sofrimento advindo da prisão, que adotam uma atitude desligada ou sem referência religiosa, e assim encaram de modo mais realista e fatalista a experiência da prisão. E se adotam um significado religioso, é aquele que atribui a responsabilidade do sofrimento humano a um Deus que trata sua criação como um garoto que contempla sua fazenda de formigas, entregues ao acaso, portanto, com um motivo ou justificativa para renunciar a fé. Alguns, em total estado de “profanação”, fazem tatuagem a fogo ou tinta de caneta com motivos inspirados no inferno, literalmente declarando-se que pertencem ao “demônio”. Entretanto, constituiriam o público alvo dos evangelistas cristãos, especialmente evangélicos.

É principalmente a crença cristã que fornece explicações a cerca do sofrimento decorrente do isolamento, interpretado como “provação”. Similar ao personagem “Jó”, o sofrimento é assimilado na crença como permitido por Deus para avaliar o grau de comprometimento e consistência da fé, embora Deus não seja interpretado como o responsável pelo sofrimento, pelo contrário vêm “do inimigo” o Diabo, que desafiou Deus. Quando o personagem bíblico Jó chega ao final de sua provação ele declara: “Antes eu te conhecia de ouvir falar, mas agora meus olhos te vêem”. Neste sentido, o sofrimento opera por um lado, pelo efeito de aproximar mais o crente de Deus, reforçando sua fé e sua relação pessoal com Deus, que opera a “libertação”.

Apesar de o sofrimento ser algo recorrente na existência humana, pela interpretação religiosa, quando se “passa pela provação”, o sofrimento é capaz de mudar o sentido que se dá à vida. Por outro lado, a prisão parece “doer mais” para

este público. Esta atitude parece mobilizar recursos psicológicos que, diante da angústia, da insegurança, do imponderável, cuidam de manter intacta a integridade da pessoa. É uma atitude que enfrenta o sofrimento, que de modo algum alimenta um sentimento de impotência. É uma atitude de crença: que vai sair dali, e além de sair “para a liberdade”, vai sair virtuoso, com alguma lição aprendida. A expressão “Se Cristo vos libertar, verdadeiramente sereis livres” é a moldura deste quadro. Trata-se, essencialmente, de dar um sentido ao sofrimento da prisão que articula a experiência humana e a atitude religiosa. Esses elementos podem ser também observados na letra de um hino religioso que aparece em várias cartas:

“Em cada lugar desse mundo mundo
 existe um prezo que chora em busca
 da liberdade aos homens eles explora
 queria voltar a ser livre e viver com
 seus familiares mas se encontra
 num prezidio sofrendo atrás de uma grade

REFRÃO

Prisioneiro Jesus quer te vizitar na cela
 Do seu coração vai tirar da prisão que
 Te faz chorar. Prisioneiro foi por isso que
 Jesus moreu para que você tivesse VIDA
 E fosse livre assim como eu

Quando é o dia da vizita sua espoza
 querida vem lhe vizitar trás seus filhos
 puxados pelas mãos para seu pai pode-lo
 abraçar, passam momentos felizes parece
 um sonho não quer acordar quando uma
 vós então grita Acabou a vizita
 é hora de entrar.

Quando Jesus foi pregado naquela cruz se lembrou
 de ti com dos bandido ao seu lado um arrependido
 chamava assim lembra-te de mim hó senhor
 quando no teu reino você entrar Jesus olhou
 para ele com amor e disse
 oje mesmo comigo estará”

Música DD 81

Para os prisioneiros que derivam de religiões que mesclam catolicismo, umbanda, candomblé ou espíritismo, embora mais discretos por não fazerem apologia de sua fé, o sofrimento é também entendido como provação e faz parte do “karma”.

Entretanto, uma coisa é o discurso, a outra é a prática. Algumas vezes a declaração de fé em alguma crença não implica diretamente em atitudes pautadas em valores religiosos. Por exemplo, havia um preso que possuía muitos privilégios.

Ele se aproximava “dos irmãos” pois sabia que eles eram melhor assistidos pelos “de fora”. Ele “dava uma de santo” durante o dia de culto, mas todos sabiam que ele estava ali somente para “engabelar” (receber donativos dos desavisados). À noite, como tinha costas largas, bebia e levava outros presos para ter relações homossexuais na sua cela “particular”. Outro exemplo vem de um preso que conhecia bem a dinâmica de um “terreiro” me disse certa vez que, para aliviar meu sofrimento eu deveria renunciar a fé evangélica, pois eu havia traído “meu” orixá. Este preso era muito “chegado” de um carcereiro que era também Pai-de-Santo. O plantão dele era muito difícil para mim, pois me tirava a noite da cela para fazer comidas de santo e eu sofria muitas ameaças se não as fizesse, além de ter que suportar longos discursos dele quando “incorporado”. Para ele, “sofrer” aperfeiçoava e fortalecia “minha mediunidade” a qual eu deveria desenvolver pois ele podia sentir “meu orixá” chamando. Uma coisa é o discurso religioso, outra é o que se faz na prática com a religião. Os presos me avisavam para tomar cuidado com o “agente” “pai-de-santo”, não aceitar de maneira nenhuma qualquer bebida pois era “batizada” com entorpecentes.

Entretanto, para os espíritas que conheci, nenhum era comparável à “religião” deste pai de santo psicopata, o mesmo vale para os evangélicos. Para os genericamente chamados “espíritas” era preciso ter paz de espírito na hora em que a cadeia “pesar” e buscar harmonizar a vida praticando o bem e pensando no que é bom. Para os evangélicos e cristãos de toda espécie, a mensagem era a mesma do refrão da letra de uma música escrita à mão e colada na parede da cela, a qual era muito cantada durante os cultos:

“...segura na mão de Deus, segura na mão de Deus, pois ela, ela te libertará. Não temas segue adiante e não olhes para trás, mas segura na mão de Deus e vai...”

De qualquer ângulo, a crença em uma fé parece convergir para uma única representação: o aperfeiçoamento pessoal, que se expressa pelo fortalecimento mútuo e o que era muito comum ouvir, “passar força para os parentes que estão fora, pois são eles que sofrem mais”. Tal é em essência a expressão do discurso religioso no contexto das cartas.

Conclusão

“A imagem daquele que nos contempla se torna em nós mesmos, inseparável da nossa, não apenas porque é freqüentemente associada a ela, mas, sobretudo porque é seu complemento natural: ela se torna, pois parte integrante e permanente de nossa consciência, a tal ponto que não podemos mais dispensá-la e que buscamos tudo o que pode aumentar nossa energia [...] só pode haver solidariedade entre outrem e nós se a imagem desse outrem se une à nossa. Mas quando essa união resulta da semelhança das imagens, ela consiste em aglutinação. As duas representações se tornam solidárias porque, sendo indistintas, no todo ou em parte, se confundem e se tornam uma só coisa, e só são solidárias na medida em que se confundem ”

DURKHEIM, 1999, p. 28

Em 1888, a Antropologia Criminal foi surpreendida com a obra do médico italiano Cesare Lombroso, uma referência clássica. O livro *Palimpsesti del Carcere* (Palimpsestos do Cárcere) abordava o tema da criminalidade por um viés inusitado, composto de cartas, textos, desenhos, produzidos por presos na prisão de Turim. A obra de valor humanitário é sensível à condição do prisioneiro e revela duas ênfases: a submissão à rígida disciplina carcerária da época e a ânsia do prisioneiro por liberdade.

Um século depois, outro médico italiano e psiquiatra forense, George B. Palermo, inspirado nos *Palimpsestos*, também realiza um estudo do mesmo gênero, com base em cartas escritas por detentos do estado americano de Wisconsin. O livro *Letters from Prison, a cry for justice*⁹⁵ analisa cartas cujo conteúdo remete a temas como pedidos de clemência, descrição de encontros com Deus e conversões religiosas, preocupações com a família, com vítimas e seus familiares, necessidades sexuais, poemas entre outras esperanças.

A conclusão de ambas as obras é semelhante: abordam o fenômeno da prisionalização, ou seja, as contingências decorrentes da necessidade de adaptação e de sobrevivência na prisão, apresentando-o como uma “subcultura” ou uma “paracultura prisional”. Por outro lado refletem sobre os efeitos dramáticos do encarceramento e as dificuldades de desinstitucionalização do preso.

Estas duas obras, escritas em tempos diferentes, porém, olhando para o mesmo tipo de dados, semelhantes tipos humanos, e contextos similares, revelam,

⁹⁵ Palermo, George B. & White, Maxine A. Springfield, *Letters from Prison: a Cry for Justice*. Illinois: Charles C. Thomas Publisher. 1998.

entre outras coisas, que o diagnóstico permanece o mesmo e se perpetua ao longo da história.

Que outras contribuições, além destas, e outras já citadas no corpo do trabalho, classicamente consagradas, a análise da experiência da prisão empreendida neste trabalho pode realizar?

No transcorrer desta dissertação, tentei sustentar o argumento de que o “peso” sentido na alma pelo prisioneiro pode ser traduzido como a dialética da solidão. Como foi demonstrado, é justamente esta dialética que conjuga privação e isolamento com a busca da presença do “outro”. A dialética da solidão, que induz e produz solidariedade numa rede de relações dentro da prisão, criando a “irmandade”, “os irmão de sofrimento”, ou os “companheiros de solidão”. Por meio deste esclarecimento foi e é possível perceber na dinâmica da circulação das cartas, o espelhamento de uma organização social bastante peculiar e na narrativa de um discurso comum, aspectos interiores da experiência da prisão.

No cotidiano da prisão, o prisioneiro estabelece estratégias de sobrevivência por meio de uma “funcionalidade política” da identidade.⁹⁶ Num ambiente onde cada um é confrontado com o próximo, a descoberta do outro é que impõe a conduta adequada. Neste sentido, se integra a um código moral inerente a uma rede social. Conduta não referenciada em si, mas, no outro. Este fato fica bem evidente na maioria dos trabalhos sobre o tema.

Por outro lado, quando escrevem, estão formulando uma subjetividade que se apresenta como um “discurso” da alteridade: desejam ser “lidos” como outras pessoas, e fabricam, de modo inconsciente/consciente, personagens de um enredo já bem conhecido por todos. Deste modo as cartas constroem um discurso que pode ser chamado de “alegórico”, ou seja, um discurso que contempla uma alegoria nativa da alteridade: não deixa de ser uma escrita de “palimpsesto”, remete a outros significados. O preso fala de si como um “outro”, como se estivesse representando um “personagem”: “o injustiçado”, o “abandonado”, “o solitário”, “o que errou sem querer”, “o redimido” pelo sofrimento, por Jesus. Uma máscara para o outro.

E um terceiro nível de entendimento pode ser observado quando o prisioneiro, como personagem, deixa de ser a máscara do preso para ser a alegoria do

⁹⁶ Cf. RUBEN, Guillermo Raul. Teoria da Identidade: uma crítica. Anuário Antropológico. Brasília: UNB, Tempo Brasileiro, n. 186, 1988.

antropólogo. Neste ponto a questão é transferida para o plano da estética, talvez da ética. Segundo Benjamin, "o objeto alegórico é tomado como revelação de uma verdade oculta a serviço da representação e da degenerescência e da alienação humanas". Neste sentido, é alegoria aquilo que representa uma coisa para dar a idéia de outra através de uma ilação moral. Seu caráter moral reside no fato de permitir uma leitura intertextual, a qual permite identificar, num sentido abstrato, um sentido mais profundo.

As cartas, nesta perspectiva, permitem ao pesquisador construir um sujeito/personagem, cuja explicitação, trabalho do interpretante, também é uma representação. Esta representação é que necessita estar fundamentada.

A abordagem do prisioneiro como personagem na narrativa constituída pelas cartas põe em evidência, por intermédio da relação com a metáfora, em primeiro lugar, que a "identidade", no contexto em que são escritas, é um "postulado", constituída mais como invenção do que como descoberta por um indivíduo deslocado do seu lugar social de pertença.

O personagem em ação demonstra que o "estigma" de preso, na verdade tem uma relação de ambivalência: entre a "identidade" que é impingida pelos outros e a do próprio preso, que atua com suas máscaras de personagem para se proteger da primeira. No conteúdo das cartas, o personagem, que representa um sujeito submetido constantemente a situações limite, tem sempre algo a ostentar ou ressaltar, ou o contrário, algo a esconder, atenuar, ou esclarecer. Atua entre a aparição e ocultação, envolvendo o verdadeiro e o falso. Isso deriva em parte de um sentimento ambíguo por segurança ou para não causar insegurança para outros. É o jogo do ser e do parecer.

Diante deste catálogo, o personagem recolhe aqueles "papéis" que lhe permitem seguir no "enredo", isto é, que simultaneamente possam defendê-lo dos processos estigmatizantes, e que, ao mesmo tempo, ofereça-lhe uma direção, um ponto de vista a partir do qual possa avaliar a si mesmo e aos outros, visto que integra uma "comunidade" na qual os indivíduos estão unidos por ações e sentimentos coletivos.

Tal é o aspecto funcional desta identidade. É uma identidade que não é fixa. Por isso é ambivalente. Neste sentido, o prisioneiro como personagem, pode ser apreendido através da metáfora do “ator” usando suas “máscaras”...

Usar uma máscara é tornar-se um “outro”, “um outro em relação a si próprio, entre o que seria, e o que poderá ser enquanto um indivíduo e o outro”, como diz Patrick Baudry⁹⁷:

“Aquele que se mascara diz a verdade que lhe escapa e o conduz aventureiramente em direção ao outro.[...] A pessoa mascarada constitui uma “figura” da alteridade. Aquele que se mascara torna-se outro: não apenas no sentido em que ele será um outro, mas em que ele mostra uma alteridade que o atravessa. Paradoxalmente, a máscara não dissimula. Oferece à visão àquilo que a fisionomia contém: o devaneio do outro. A máscara não esconde a fisionomia, mas mostra-a na complexidade, no inefável, no impensável. Não serve para vestir, mas sobretudo para dizer a nudez”. (BAUDRY, 1990:45)

No entanto, a imagem do prisioneiro não é tão somente o personagem criado pelo preso. É na verdade a aparência refletida em um espelho que mostra uma caleidoscópica imagem, constituída por múltiplos olhares, qual seja, a imagem produzida nas relações. Ainda que seja assim produzido, ou seja, de múltiplas maneiras, quando fala de si ele só existe na condição de dividido, como figura da alteridade, fala de um “outro” que ele supõe ser, ou, como gostaria de ser tomado, compreendido. É desta maneira que, inclusive, o personagem se apresenta, enquanto revela toda a fragilidade humana diante do sofrimento, da angústia, da solidão.

Por conseqüência, o tipo de discurso produzido na narrativa das cartas é alegórico, ou seja, constroem “realidades” manipuláveis: num ambiente onde cada um é confrontado com o próximo, a descoberta do outro impõe uma conduta adequada. Neste sentido, esse discurso se integra a um código moral inerente a uma rede social. Conduta não referenciada em si, mas, no outro. Enfim, representa uma situação que revela outras, obscuras, não explicitadas.

Na filosofia de Hegel, o conceito de alteridade ocupa um lugar de destaque. A alteridade recebe o nome de “o outro” e é um lugar necessário para a constituição

⁹⁷ Patrick Baudry é professor da Universidade de Paris V – Sorbonne. “*Da máscara à couraça: a liquidação do humano?*” (*Du masque au casque: la liquidation de l’humain?*) Trata-se de um artigo traduzido pela professora Selma Baptista e publicado na Revista de Filosofia – Ano III – No. 3 – Agosto de 1990 pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

do sentido da realidade das coisas. Por isso, na concepção hegeliana, *tudo é o que é*, mas a compreensão de o que algo *é* depende de compreender o que *não é*. Deste modo, nada *é* simplesmente, ou seja, tudo se relaciona dialeticamente com tudo. O finito não é só um limite quantitativo, é a negação de todas as outras coisas que pode ser: não ser (qualitativamente) estas outras coisas é o seu sentido. O “eu”, neste sentido, para ser plenamente, necessita do “outro”.

Na filosofia contemporânea alguns autores se destacaram na abordagem desse tema, sobretudo Husserl, Sartre, Merleau-Ponty, Heidegger e Levinas, que desenvolveram o conceito de alteridade como a presença necessária do outro, não apenas para a existência e constituição do próprio *eu*, mas principalmente para a constituição da *intersubjetividade*.

O conceito-chave deste trabalho, a *dialética da solidão*, parte da compreensão de que a experiência da prisão é a vivência no contexto de uma situação-limite, portanto, uma experiência-limite. Manifesta-se a partir da interioridade e da subjetividade do prisioneiro, nas suas relações internas à prisão, mas também em função da vida “lá de fora”. Se expressa em um “jogo” dialético entre presença e ausência, entre o espaço do dizível e do indizível.

A questão mais profunda que esta reflexão suscita, é a questão da alteridade e a ética, interroga exatamente os dois lados desta busca. A busca do preso pelo “outro”. A busca do “outro” pelo antropólogo. Afinal, onde está o “outro”? O “outro” está “entre” nós, num espaço de liminaridade entre o eu e o sujeito construído por meio da narrativa. O outro é, assim, um ente em estado de liminaridade.

O conceito de alteridade é amplo. Marc Augé em *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*, o apresenta em três tipos:

“Existe certamente a alteridade completa, a do estrangeiro ao qual se atribuem necessariamente todos os defeitos cuja existência se nega em si mesmo. É para esse estrangeiro além das fronteiras que são projetadas, eventualmente, os fantasmas da ferocidade, do canibalismo, da desumanidade [...] Há uma alteridade interna, a alteridade social, que é na verdade consubstancial ao social definido como sistema de diferenças instituídas: o sexo, a filiação, a posição na ordem dos nascimentos, a idade são tantos critérios diferenciais que compõem a trama do social e não deixam de ter expressão espacial [...] Há finalmente a alteridade que eu proponho chamar-se íntima porque ela atravessa a pessoa de cada indivíduo. [...] Por definição o indivíduo é composto. (AUGÉ, 1999:138-139)

Neste sentido, nossa localização interna é reavaliada a cada encontro com o *outro*. Resultado desta avaliação é que percebemos que nossa identidade é constituída e habitada pelo outro. Desta forma, nossa biografia pessoal, de um *eu* constituído de *muitos*, se manifesta em uma narrativa construída por nossa relação com os *outros*. Os *outros* são os componentes de nossa alteridade interna e íntima.

O conceito de *alteridade* foi igualmente abordado pelo filósofo Emmanuel Lévinas⁹⁸, o qual elaborou uma crítica ontológica do tema, buscando a abertura do *ser* para o mais além do *ser*, ao *outro* do *ser* - que é um *ser* para *outro* e não um outro-ser (representação). Seu pensamento questiona a filosofia hegeliana por não levar em consideração a apreensão metafísica de um outro enquanto sensibilidade, respeito e acolhimento. Levou também ao questionamento da relação tradicional entre sujeito e objeto, que desaparece para dar lugar ao aspecto fundamental da noção da presença do *outro*, irredutível ao *eu*. Aqui o *outro* aparece envolvido por uma ética⁹⁹, possuindo um “*Rosto*”, como um ente que deve ser respeitado, já que sem o *outro* tampouco o *eu* pode ser *si mesmo*, e sem sua presença, portanto, não existe sentido algum.

"O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda a iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo 'tu' ou 'nós' não é um plural de 'eu'. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum." (LEVINAS, 1988:26)

Um dos pontos importantes do impacto deste pensamento, diz respeito à história. O poder de sincronização da história elimina toda tentativa de rompimento e inclusive rupturas. Nada transcende à história. Um pensamento modal retira dela, a explicação e o sentido das coisas. Uma das conseqüências disso, é que ela se torna a “História dos vencedores”.¹⁰⁰ Ou seja, “escritas pelos vencedores, meditadas sobre as vitórias, nossa história ocidental e nossa filosofia da história anunciam a realização de um ideal humanista ignorando totalmente os vencidos, as vítimas e os

⁹⁸ LÉVINAS, Emanuel. *Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade*. Trad. Pergentino S. Pivatto (coord). Petrópolis: Vozes, 2005.

⁹⁹ LÉVINAS, Emanuel. *Ética e infinito*. Trad. João Gama. Lisboa: Ed. 70, 1988.

¹⁰⁰ BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas Vol. I).

perseguidos, como se não tivessem nenhuma significação¹⁰¹” (LEVINAS, 2000:223). Neste sentido, na história não há espaço para o fracasso. O valor “bem” já está implícito nesta concepção de racionalidade.

Desta perspectiva, as cartas dos prisioneiros, relacionadas ao contexto da inoperância dos Direitos Humanos, suscita a urgente tarefa de uma reflexão histórica associada à ética. Esta tarefa implica em repensar a história de homens e mulheres vencidos na história cotidiana do mundo: os perseguidos, os desiguais, os explorados, os banidos, os estrangeiros, os pobres, ou seja, a grande e transbordante maioria de seres humanos. Todos sem voz e sem *rosto*.

Transcender esta concepção da história implica em encarar o “*rosto*” do outro, o qual põe em xeque o *eu* livre e autônomo da sociedade “maior”. Completa o autor: “o ponto preciso onde se faz e não pára de se fazer essa mutação do intencional em ético, onde a aproximação penetra a consciência – é pele e rosto humano”¹⁰²

Assim é que o *Rosto* de outra pessoa questiona a minha precedência, o meu poder, a minha liberdade. Por intermédio dele, me assola a consciência pondo em cheque o *para-mim* em virtude do *para-o-outro*. Esta expressividade desperta no *eu* o desejo ético do *outro*, a consciência moral, provocando um dilaceramento na estrutura intencional. Esta desordem é provocada pela expressão deste “rosto” que sustenta e permite o acolhimento ético de *outrem*. Mediante o Desejo, este *outrem* se apresenta como infinito, inassimilável, pois a expressão do *Rosto* é uma situação inapropriável. O *Outrem* oferece uma resistência ética que rompe com todo o ideal possessivo, violento presente no Mesmo¹⁰³.

Portanto, tomar o prisioneiro como personagem, teve a intenção de conceder-lhe um “rosto”, não apenas tomá-lo como objeto ou dar-lhe forma a ontológica da representação. O “personagem-presos” Dirceu em suas cartas, por exemplo, permite interpretar que não há justificativa para o assassinato, nem que seja por amor. Igualmente para o suicídio, nem que seja pela dor. E as cartas de todos os outros personagens-presos suscitam que não há justificativa alguma para o crime. Para eles, a Lei. E assim, esta conclusão nem dependeria do esforço de realizar este

¹⁰¹ LÉVINAS, Emanuel. *Totalidade e infinito: Ensaio sobre a exterioridade*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Ed. 70, 2000.

¹⁰² *Ibid.*

¹⁰³ Para maior elucidação sobre o tema, ver o excelente artigo de Marcos Alexandre Alves, mestre em filosofia: *ÉTICA, ALTERIDADE E SENTIDO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS À IDOLATRIA TRADICIONAL DA HISTÓRIA A PARTIR DA CATEGORIA LEVINASIANA DE “ROSTO”* in, www.unifra.br

enorme trabalho e revisar dezenas de leituras. Entretanto, a alteridade neste contexto, sensível, próximo, significa que posso suportar ouvir o que leva algumas pessoas a matarem, a cometerem o suicídio e tantas outras modalidades diversas e até mesmo hediondas de crimes.

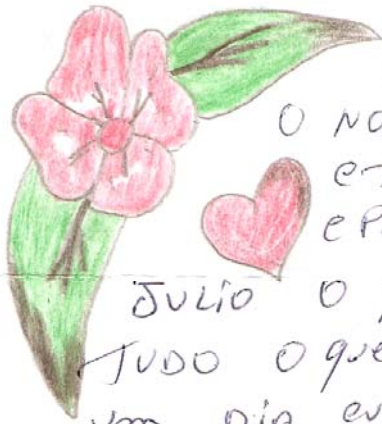
Deste modo o prisioneiro não é concebido como um problema unicamente ontológico, tão somente como fato do conhecimento. Como antropólogo, tendo vivenciado uma situação semelhante, reconheço que também estou produzindo uma forma de discurso que é tão alegórica quanto a máscara do prisioneiro. Na verdade, já usei as máscaras que a maioria deles usou. Por esse motivo, e por outros que foram tecidos ao logo do trabalho, minha “alegoria” é a do pesquisador afetado pelo mundo nativo, não como um investigador/intelectual que observa, ou, um filósofo que contempla, mas como um ser “englobado” pelo *outro*. A narração desta experiência conduz o leitor pelos caminhos da interpretação. O encontro com o *outro* pelo texto conduz o leitor pelos caminhos que levam ao seu conhecimento.

Assim é que a carta, embora escrita à mão, em papel comum, formaliza uma existência, age sobre quem a lê. O papel, já não é qualquer papel, e a escrita não é mera caligrafia. Elaborada ritualisticamente, abre o discurso com uma saudação formal. Localiza o escritor no espaço e no tempo, com data e lugar. Informa sobre a realidade e a história ao fazer referência a lugares, acontecimentos e práticas. Em conjunto, em relação às práticas sociais, nestes papéis ordinários é possível ler uma história que não é a dos vencedores, é na verdade, uma parte da História das Prisões contada a partir de uma zona de silêncio rompido raras vezes. História contada por seus protagonistas, às vezes em papéis retirados do lixo, escritos rapidamente, sorrateiramente, com caligrafia trêmula e analfabética. Outras vezes são mais elaboradas, enfeitadas com flores, corações flechados e rasgados, âncoras, paisagens da memória infantil e muito vermelho. É uma história que aceita um pouco de ficção, pois este mundo tenebroso da prisão seria muito insuportável sem um pouco de imaginação. Tudo isso encerrado em uma cápsula que quando aberta a outros leitores, informa uma nova perspectiva, um novo modo de encarar o cotidiano violento que cerca a nossa modernidade e a condição humana que afeta a todos nós.

ANEXOS

Anexo III – Algumas Cartas

01/08/2006

P/ JULIO POLCIANO
MEU IRMÃO.

Em PRIMEIRO LUGAR quero que
O NOSSO JESUS CRISTO ABENÇOE VOCÊ
E TODA SUA FAMÍLIA. que de SAUDE
E PAZ.

JULIO O que eu TENHO e' SÓ Te AGRACER
TUDO O que ESTA me FORTALECENDO em TUDO
Um dia eu SAIREI DAQUI PARA Te AJUDAR

TAMBÉM.

QUANDO AGENTE ACORDA POUCO IMPACTA
O TAMANHO DA DIFICULDADE que ESTAMOS ENFRENTAN-
DO UMA VEZ que NOS MESMOS NOS ENCARREQUEMOS
DE NOS DERROTAR MAIS QUANDO TEMOS DEUS
e ALGUÉM que AJUDA AGENTE NUNCA PODEMOS
DIZESTAR e NEM DEZANIMAR PORISO que VOCÊ
VEIO ENVIADO POR DEUS JULIO em MAINHA VIDA
PORQUE O que SERIA DE MIM SEM VOCÊ. JULIO
OBRIGADO POR TUDO O que ESTA FAZENDO
POR MIM. ESTOU ENTACIONADO DE
ESCREVER PARA VOCÊ POR HOJE e' SÓ
que DEUS TE ACOMPANHE TODA TUA LAMINHAÇA

Ai FORA OBRIGADO MESMO JULIO
DE CORAÇÃO

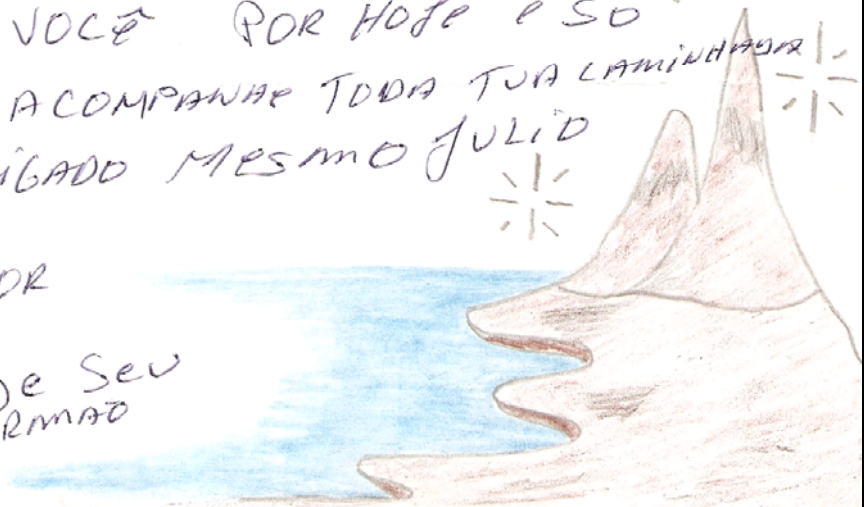
VOU FICANDO POR

ABRAÇOS

AQUI
APERTADO

De Seu
IRMÃO

MARCO AURELIO



Prisioneiro

① Em Cada Lugar desse mundo mundo
 Existe um Priso que chora com Busca
 da liberdade aos homens Eles templora
 Queriam Voltar a ser livre e viver com
 Seus Semilbrares mas se encontra
 num Prisdio refendo Atrás de Uma grade.

REFRÃO

Prisioneiro Jesus quer te vizitar ma cela
 do seu coração Vai tirar da Prisão que
 te faz chorar. Prisioneiro Foi por isso que
 Jesus morreu para que Você tivesse Vida
 e Vossa livre Assim como Eu.

② Quando é o dia de vizita sua esposa
 Querida vem lhe vizitar trais Seus Filhos
 Puxados pelas mãos Para seu Pai Podê-lo
 abraçar. Passam momentos Felizes Parece
 um sonho não quer Acordar quando uma
 vez então qita Acabou A vizita
 e é Hora de Entrar.

③ Quando Jesus Foi pregado naquela Cruz se lembrou
 de ti com dois Bandidos Ao seu lado um Arrepentido
 chamava Assim. lembra-te de mim ho senhor
 Quando no teu reino Você entrar, Jesus olhou
 Para ele com Amor e disse ~~lêve~~
 Ose mesmo amigo Estará.

FIM

E aí meninos do 9º D.P.
 Eu Salomão Marques de Oliveira
 quero me corresponder com alguém
 que esteja sem compromisso, precisando
 de alguém como eu estou, fazendo
 precisando de alguém, para levar
 uma vida sadia. .O.k.

Já agradeço, Sem Colarinho.

IDADE = 35: A

Sou: Moreno: 1,68: De altura. 62: Kilos
 ART: 299: Estacional: F. I. G. C. A.

Moro: na Vila Nossa Senhora do Soc: Praça 12:

SALVE Sirely, sou um amigo do D.V.P.

E ESTOU NO MESMO X QUE RLB. SE HOU-
 VER POSSIBILIDADES, GOSTARIA DE ME COR-
 RESPONDER COM ALGUMA IRMÃ DO 9º DP.

MEU NOME É JULIO M. NETO, 25 ANOS,
 OLHOS VERDES, CABELOS CASTANHOS - CINZOS.

SE TIVER COMO, AGRADEÇO, SE NÃO, TAM-
 BÉM AGRADEÇO.

DEUS ABENÇOE AS IRMÃS DO D.P.

SALVE SIRLEY, AQUI QUEM TA FALANDO
 É O ~~COLEGADO~~ DRECI. PEÇO QUE FAÇA
 UM FAVOR PARA UM COLEGA MEU DO CAPANAMA.
 NEJA AI COM ALGUMA COLEGA SUA SE HÁ POS-
 SIBILIDADES DE UMA DELAS SE CORRESPONDER
 COM ELE. O JOUO DELE É RIVERSON, 21 ANOS,
 MORENO, OLHOS CASTANHOS - ESCURES. X-4
 AGRADOÇO DA MESMA FORMA →

X 6

Para
 Frederico Kirschner.
 Frederico Kirschner.
 entre Tringui - DVE
 Av. Boreão do Rio Branco
 399

X 6

CURITIBA: 24/09/2005

EM PRIMEIRO LUGAR QUERO PEDIR PRA
DEUS NOSSO PAI QUE TE PROTEJA DOS
MAUS e que TE DÁ SAÚDE e PAZ.

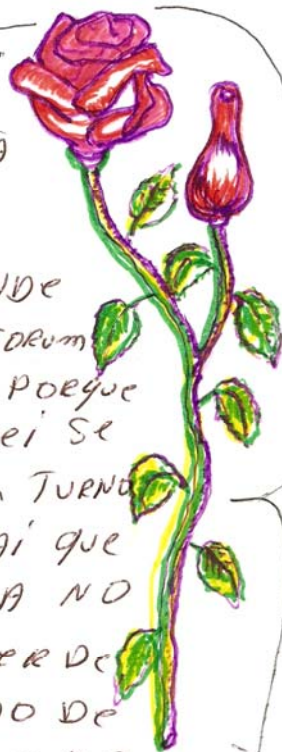
AMOR EU TE PESSO QUE NÃO MIANDE
NADA PELAS MININAS que VEM PROFORUM
e NEM EU VOU MANDAR NADA PORQUE
ESTA EM BACADO AMOR NÃO SEI SE

VAI DAR PRA NÓS SE VE E UM TURNO
DIFÍCIL e TAMBÉM TEVE ALGUÉM DAI QUE
RECLAMOU NO FORUM QUE EU IA NO
CORO' COM INTERECE EM MULHER DE
PRESO ENTÃO EU ESTOU PROIBIDO DE
VER O PEGAR CARTAS. AMOR MESMO QUE NÃO

TI VER EU TI AMO MUITO NÃO
FIQUE TRISTE SABE QUE TI AMO MUITO
E NÃO QUERO TE PERDER e NEM FICAR FECHADO
ENTÃO PASSIENCIA QUE NOS VENCEMOS
ESTA BATALHA EU TI AMO MUITO

QUE DEUS TE ABENÇOE e TE TRAJA
BASTANTE ALEGRIA NO SEU CORAÇÃO
VOU TERMINAR COM MUITA SAUDADE
DE VOCÊ EU TI AMO MUITO
MILHÕES DE BEIJOS
DE QUE TE AMA

ASS: MARCO AURELIO.



Sobre

Oi irmã de sofrimento o Marcos me falou sobre sua pessoa e me disse sem que você quer se corresponder com alguém e eu estou lhe escrevendo pois quero me corresponder com alguém fazer amizade e talvez um compromisso mais sério se achar uma pessoa ideal e que queira dividir a solidão e preencher um grande vazio em minha vida pois estou só aqui na cidade não tenho ninguém por mim aqui sou separado e sem volta e pretendo achar um alguém não tenho preconceito para quem sabe viver a vida, eu seja uma boa amizade pois amigos nunca é demais.

Eu estou sendo acusado de um 221 mais não tem provas e eu estou aguardando em breve estou na rua se deus quiser pois confio nele, se caso quiser corresponder eu sou loiro olhos verdes 1.80. m 70 kilos tendo 33 anos gosto de pessoas calma atenciosa e que seja principalmente sincera não tenho vícios nem uso droga gosto de curtir com amigos e a família sou uma pessoa discreta não tenho nada a esconder gosto de jogar limpo e uma amizade sincera.

Me escreva e se tiver foto sua se não for pedir demais me mande uma foto sua com todo respeito.

e se ~~estiver~~ tiver telefone me mande o número.

me mais é só esperar em deus pois ele é fiel.

Fique na fé

Quem assina é um solteiro solitário

X1
 aguardo retorno
 aqui tem irmãos que
 querem se corresponder
 também
 não
 escreva

07/08/05
 Amiguinha
 dia
 P/ meu amor no amor! mais fútil
 fútil meus olhos não são felizes por
 não ao Senhor Jesus, que esta mesma
 posso não encontrar na santa paz, com
 esta saúde, e apesar de lugar
 que nos meus encontramos, peço sei Deus
 para que você possa estar com bastante
 amor, por aqui me encontro bem
 na medida do possível, se muito
 triste pois minha audiência para dia
 09-09-05, eu também que era dia 09-08-05
 em plantas chei no computador para
 mim e vi que era dia 09-09-05 por
 isso estou desesperada, pois estou
 morando de solidão de você
 amor igual quer hora estou indo
 de bond para Anita, não sei quando
 vou sair, se sei dizer com toda sur-
 teira que eu te amo muito e quero
 ficar ao seu lado pelo resto da
 minha vida!
 amor quero lhe dizer que estou
 triste com Jesus, quando você ouvir
 o hino mar e eu melho lembra de
 mim pois gosto muito dele.
 amor obrigada por mandar
 os fios nessa meu amor você
 tem me ajudando muito, eu não

(4/11/002

Parameu amor,

meu amor - não - vijo abor-
de estar aqui - lado para-
te dizer tudo o que realmente
o que eu sinto - realmente
Quero - estar ~~to~~^{ao} seu - lado -
em - todos os - momentos
Sejam - eles fáceis ou
difíceis

Quero sentir

O calor - do seu - braço - de - seu - corpo
de - sentir - seu - cheiro

suporta - essa
me - maltrata

Pois - a - mão
distância - que -
a - cada - dia - me
falta - palavras

para
você - re -

minha - vida
viver - sem
Preciso -

expressar - o - quanto
tornou - especial - em
Pois - a - mão - suportar
você -
de - você -
Buzos

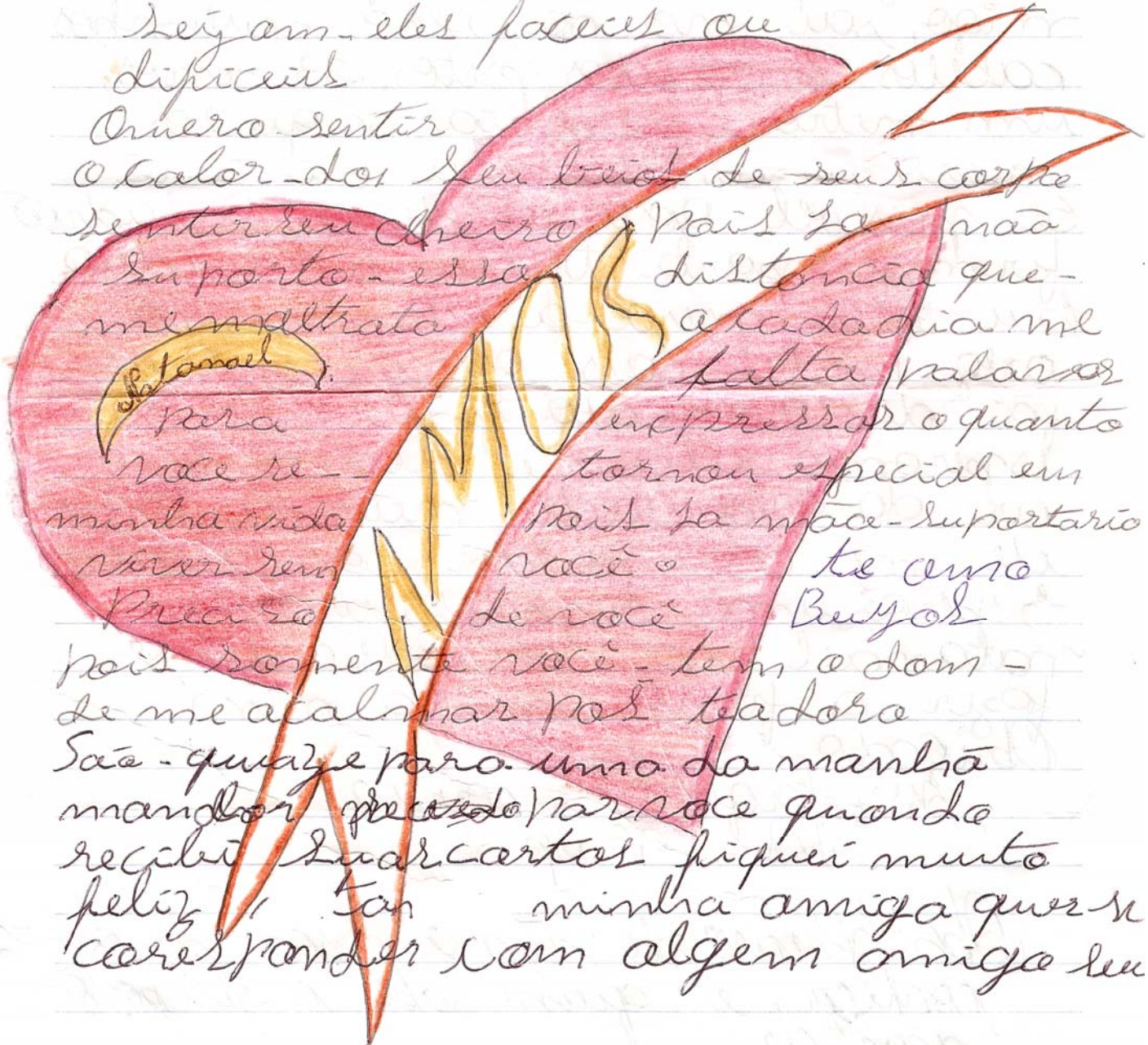
pois - somente - você - tem - o - dom -
de - me - acalmar - por - a - dor

São - quase - para - uma - da - manhã

mandei - ~~preciso~~ - para - você - quando

recebi - suas - cartas - fiquei - muito

feliz - Sou - minha - amiga - quer - se
corresponder - com - algum - amigo - seu



25/10/2005

Oi meu amor. Espero que esta
 carta ao chegar nas suas mãos
 se encontre na paz de Deus.
 Eu procuro a Deus estou muito
 feliz em primeiro
 lugar por ter conhecido
 você e em segundo
 porque esta semana
 eu vou embora
 mas eu saindo
 daqui já vou ir te visitar
 jamais vou deixar você na mão
 estou grande por você
 todos os dias já não
 consigo viver sem você
 Você é o ar que eu respiro
 E eu como esta seus problemas.
 pra quando foi marcada
 a sua audiência me escreva
 meu amor.
 No máximo até sexta-feira
 eu estarei na sua
 mas vou estar te esperando
 para nós viver a nossa vida
 não vou a hora de estar
 com você 24 horas por dia.
 ou a vida toda
 termino por aqui morando de
 verdade de você



12/02/06

Talvez por cansaço. Talvez por desgosto, quem sofre por motivo. Os outros culpamos os outros por nossa infelicidade ou solidão. Quando nosso Amor não é o bastante para comover o outro, para despertar no outro o mesmo afeto que sentimos, o recatamos falando sozinho, apesar de tanto esforço, fixamos de alguém em cujos ombros possamos colocar a culpa.

Não há nada mais triste do que amar sem ser amado, dar tudo de si e receber em troca apenas, despesa, silêncio, indiferença.

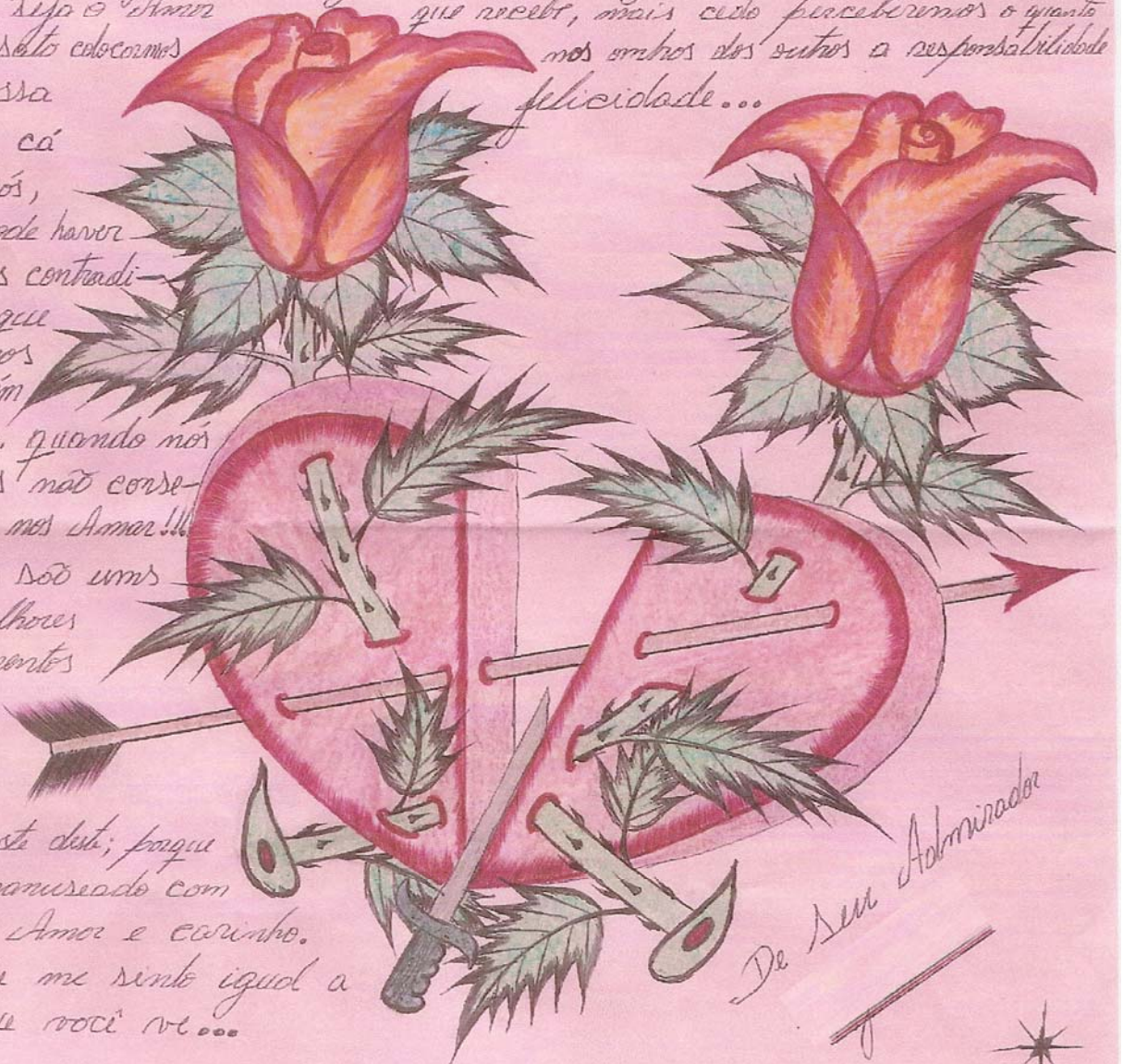
Não há nada que nos faça sentir mais injustiçados do que oferecermos nosso amor, nossa lealdade, até mesmo nossa vida por alguém que, em contrapartida, não parece disposto sequer a levantar os olhos para nos dar atenção. Talvez nossa maior conquista seja a consciência de que ninguém, além de nós mesmos, é responsável por nossa vida. Quanto mais cedo aceitarmos o fato de que ninguém tem obrigação de amar ninguém, por mais profundo e verdadeiro seja o Amor que recebe, mais cedo perceberemos o quanto é insensato colocarmos nos ombros dos outros a responsabilidade por nossa felicidade...

E, cá entre nós, nada pode haver de mais contraditório do que exigirmos que alguém nos ame, quando nós mesmos não conseguimos nos amar!!!

Estes são uns dos melhores fundamentos desse dia.

Espero que goste disto; porque foi manuseado com muito Amor e carinho.

Hoje me sinto igual a este, que rociarei...



De seu Admirador

avite'ba

(13/09/05)

P/meu eterno amor! marcos favelão
Em primeiro lugar leve meus olhos
do pai celestial perdido que esta
mesma possa lhe encontrar com
saúde, paz e tranquilidade!

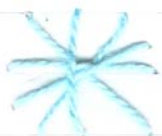
Amezinho eu não mandei advogado
ai, somente na segunda feira, passada.

Amor eu fa' amor pelo que voce e'
fa' pelo que voce tem, eu fa'
te agradeço pelo que voce me
ajuda, do fundo do meu co-
ração.

Amor minha vida fa' entrega na
mao de Deus ele sabe o que
vai acontecer amingo!



MARCO

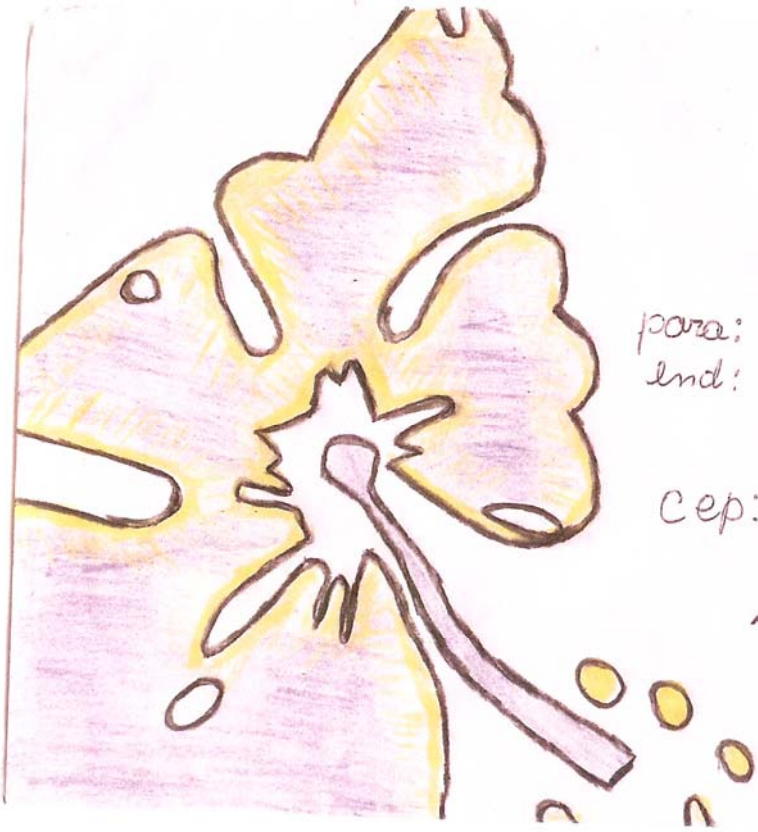


Estou
Apaixonada
por você.

Luizitaba 27 de julho 2005

quarta-feira
 Glorioso meus olhos ao pai
 celestial perdido que neste momento
 você possa estar dormindo e/
 na graça de Deus, e benhamos
 domingo.

Amor recebe sua parte e
 os fios, Deus te abençoe, por
 tudo que está fazendo por
 mim, apesar de estar presa
 estou muito feliz, por estar
 com você, você e o marido



para:
end:

cep:

'Que Deus o acompanhe
carteiro amigo'



carta social urgente

Louve

DEUS NÃO REJEITA ORAÇÃO, ORAÇÃO É ALIMENTO
NUNCA VÍ UM JUSTO SEM RESPOSTA OU FICAR NO
SOFRIMENTO.

BASTA SOMENTE ESPERAR, O QUE IRA FAZER,
QUANDO ELE FICA EM SILÊNCIO É PORQUE ESTA
TRABALHANDO, ENTÃO LOUVE...

Coro { ... Tô chorando louve
Precisando louve
Não importa louve
Simplesmente louve
Seu louvor invade o céu.

DEUS VAI NA FRENTE, ABRINDO OS CAMINHOS,
QUEBRANDO AS CORRENTES, TICANDO OS ESPINHOS,
ORDENA OS ANJOS PARA CONTINUO LUTAR E ABRE AS
PORTAS

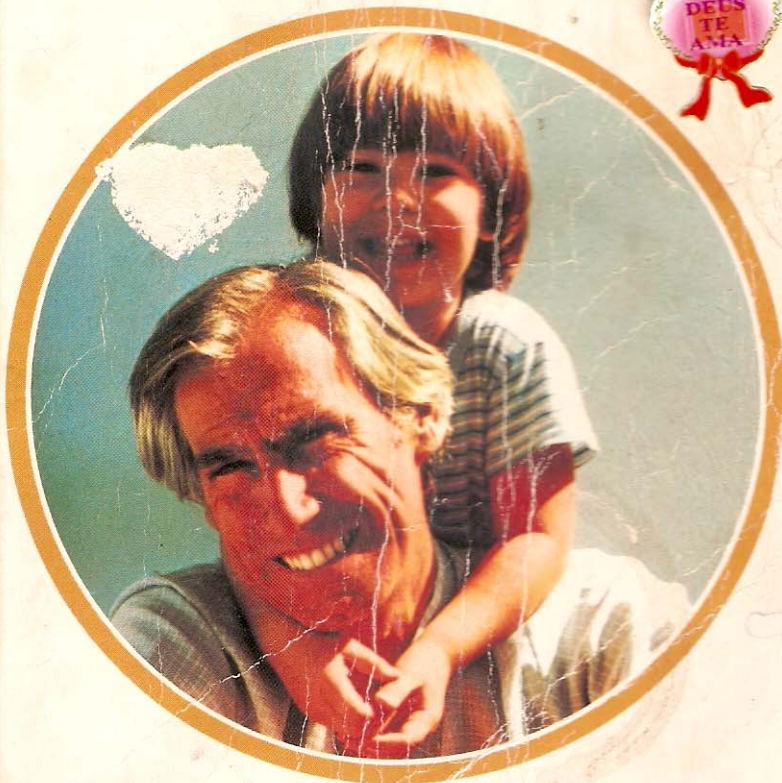
PARA NINGUÉM MAIS FECHAR, ELE TRABALHA

PARA QUEM NUNCA CONFIA, CAMINHA CONTINUO

DE NOITE OU DE DIA, ESTENDE SUAS MÃOS SUA BENÇÃO
CHEGOU COMEÇA A CANTAR COM MUITO LOUVOR,
COM MUITO LOUVOR, COM MUITO LOUVOR, COM MUITO
LOUVOR.

A GENTE PRECISA ENTENDER O QUE DEUS ESTÁ FALANDO,
QUANDO ELE ESTENDE SUAS MÃOS É A HORA DE VENCER,
ENTÃO LOUVE...

O mais importante é o amor



EDIÇÃO ESPECIAL NOVO TESTAMENTO
PARA AS ESCOLAS E LEIGOS - VENDA PROIBIDA

CURITIBA, 26 de Fevereiro de 2005

"Quando a tristeza e a melancolia te povoarem o coração e tudo te causar aborrecimento, chama por mim.

Eu sou o perdão que levanta o ânimo e promove a reabilitação do teu espírito. Quando já não provares a sublimidade de uma afeição terna e sincera e te desiluideres no sentimento do teu semelhante, aproxima-te de mim.

Eu sou a renúncia que te ensina a olvidar a ingratidão dos homens e a esquecer a incompreensão do mundo.

Chamo-me amor, o remédio para todos os males que te atormentam o espírito!"

EU SOU JESUS!

(trecho de uma mensagem psicografada pelo médium Chico Xavier).

São nas horas difíceis que precisamos dos amigos e de Deus, mas muitas vezes os amigos nos abandonam nos deixando sozinho com os nossos problemas, mas tenha certeza que Deus nunca abandona e está sempre perto e que não existe problema que Deus não possa resolver, que Deus te abençoe!

Ass: Chico

8 100/11

FONTE DA ETERNA LUZ

É no Novo Testamento que se encontram pela Palavra de Jesus Cristo nos Evangelhos os mistérios do Cristianismo, transmitidos fielmente por dois apóstolos e dois discípulos, interpretados nas epístolas de Paulo, Pedro, Tiago, Judas Tadeu e João Evangelista.

Eis as vigas mestras do grande ensinamento, as bases de uma civilização que aborda os dois mil anos e de todas quantas houve a que trouxe para o homem o sentido mais profundo da sua liberdade.

Sem o Novo Testamento, com os seus vinte e sete livros, incluindo os Atos dos Apóstolos, nos quais deram testemunho de sua fé, não lograríamos entender a grande arquitetura revolucionária do Cristianismo, a revelação em sua luz, a palavra explícita e decisiva, sobre a qual repousa o monumento imperecível da cristandade.

Divulgando-o, cumpre-se a grande missão do último comando, de ir e pregar a toda a gente, o que pelos séculos dos séculos, não cessará, até que volte o Senhor em toda a sua glória, tal como foi prometido.

Nesta escuridão criadora das imensas incertezas dos tempos, só os Evangelhos permanecem para iluminar os caminhos, em nome daquele que os traçou na comunhão do Pai e do Espírito, sendo como é a via única da Verdade e da Vida.

Dr. AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE
Presidente da Academia Brasileira de Letras

"PORQUE EU, O SENHOR, teu Deus, te tomo pela tua mão direita e te digo: Não temas, que eu te ajudo."
(ISAÍAS 41.13)

"ORAÇÃO NO DESÂNIMO."

Meu Deus, a ti eu clamo: dentro de mim há trevas, mas em ti encontro a luz. Estou sozinho, mas tu não me abandonas. Estou desanimado, mas em ti encontro auxílio. Estou inquieto, mas em ti encontro a paz. Dentro de mim há amargura, mas em ti encontro paciência. Não compreendo teus planos, mas tu conheces o meu caminho. Amém!

* ~~~~~ * ~~~~~ *

"Você tem valor."

1. Quero que valorize o que você tem, você é um ser, você é alguém tão importante para Deus, chega de ficar sofrendo angústia e dor nesse seu complexo inferior dizendo às vezes que não é ninguém, eu venho falar do valor que você tem... eu venho falar do valor que você tem...

2. Ele está em você o Espírito Santo se move em você, até com gemidos inexprimíveis, inexprimíveis aí você pode então perceber que pra ele há algo importante em você, por isso levante e cante exalte ao Senhor, você tem valor o Espírito-Santo se move em você, você tem valor o Espírito-Santo está em você, você tem valor...

"Muitas vezes nessa vida eu me senti sozinho, triste, amargurado, e algumas vezes cheguei até em pensar em me matar, muitas vezes passei em cima de algum rodado e dava para baixo vendo os carros passar e sentia aquele vazio no peito aquela amargura e pensava em me jogar mas não tinha coragem e desistia, pensei algumas vezes em me enforcar cheguei em pular com um revolver na cabeça e quando clamei a Deus para me perdoar mas não tive coragem de puxar o gatilho, sempre achando que ninguém ia sentir a minha falta, que ninguém se importava comigo tive muitos momentos de tristeza e solidão na minha vida e caminhando pela areia da praia com o coração cheio de amargura cantando uma música "Oceano" do Djavan eu dei para o mar e fiquei olhando a sua grandeza o seu volume e então senti Deus tocar em mim me pegar em seus braços e abraçar todas as lógicas que tinham do meu lado e então descobri um verdadeiro amigo que me consolava nos dias difíceis. Jesus te ama!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, SELMA. “Representação Social na Contemporaneidade: parâmetros “experimentais”, na pesquisa e na escrita etnográficas, e as possibilidades de um diálogo interdisciplinar”. ABRALIC - UFPR. Paper.

BATESON, GREGORY. “Mente e Natureza: unidade necessária”. Ed. Francisco Alves, RJ: 1986. p.16.

BARRETO, LIMA. “O cemitério dos vivos”; prefácio de Eugênio Gomes, São Paulo, Brasiliense, 1961.

BENJAMIN, W. “Magia e Técnica, arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura”. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, JORGE LUIS. “Obras completas de Jorge Luis Borges”, Volume II. São Paulo: Globo, 1999.

BOURDIEU, PIERRE. “Esboço de uma teoria da prática precedido de três estudos de etnologia cabila”; Tradução de Miguel Serras Pereira. Celta Editora. 2002.

CARDOSO DE OLIVEIRA, ROBERTO. “O trabalho do antropólogo”. Brasília, São Paulo:UNESP, 2000. Página 30.

CARVALHO , JOSÉ JORGE DE. “A Racionalidade Antropológica em face do segredo”. Departamento de Ciências Sociais – Instituto de Ciências Humanas – Universidade de Brasília,; in Anuário Antropológico/84 : Tempo Brasileiro

CLIFFORD, JAMES. “A experiência etnográfica e a literatura no século XX”. Org: José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CORRÊA, MARIZA E LARRAIA, ROQUE, organizadores. “Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem”. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1992.

DURKHEIM, EMILE. “Ética e sociologia da moral”. Editora Landy. São Paulo:2003.

------. "As Formas Elementares da Vida Religiosa", Editora Landy. São Paulo:2003.

------. "As regras do método sociológico", São Paulo: Martins Fontes, 1999.

------. "Da divisão do trabalho social", São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURAND, GILBERT. "A imaginação simbólica", São Paulo: Cultrix, 1988.

ELIAS, NORBERT. "A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte"; tradução, Pedro Sússekind; prefácio, Roger Chartier. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ERVING GOFFMAN, "Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada", 1988, Rio de Janeiro, Editora LTC

FORSTER, EDWARD M. "Aspectos do Romance"; tradução Maria Helena Martins. São Paulo: Globo, 1998.

FOUCAULT, MICHAEL. "Os anormais: curso no Collège de France" (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, MICHAEL. "Vigiar e Punir: nascimento da prisão"; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GEERTZ, CLIFFORD. "Obras e Vidas – O antropólogo como autor". Tradução de Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

------. "O saber local". Petrópolis, Rj: Vozes, 1997.

GEORGE E. MARCUS y Dick E. **CUSHMAN.** "Las etnografías como textos". In El surgimento de Lá Antropologia Posmodernas, por G. Gertz, J. Clifford y otros. Editora Gedisa: México, 1991.

GOFFMAN, ERVING. "Estigama: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada". LTC, RJ:1988.

HOSMANY RAMOS. "Pavilhão 9 – Paixão e morte no Carandiru". São Paulo: Geração Editorial, 2003. p. 237, 238.

HYMES, D. "Language in Culture and Society". *A Reader in Linguistics and Anthropology*. New York: Haper & Row, 1964.

HYMES, D. "Models of Interaction of Language and Social Life". In Gumperz, J. & Hymes, D. (eds.) *Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication*. Oxford, New York: Basil Blackwell, 1986[1972].

HYMES, DELL. "Foundations of Sociolinguistics: An Ethnographic Approach". Philadelphia: U of Pennsylvania P, 1974.

IANNI, OTÁVIO. "Enigmas da Modernidade-Mundo". Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KUPER, ADAM. "Cultura: a visão dos antropólogos". Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LÉVI-STAUSS, CLAUDE. "Mito e significado". Tradução de António Marques Bessa; Lisboa: Edições 70;1978.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. "A lógica das classificações primitivas". In: O pensamento selvagem. Campinas/SP: Papyrus, 1989. Tradução de Tânia Pellegrini. p. 51-90.

LOMBROSO, CÉSAR. "O homem delinqüente". Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2001

MARCUS, GEORGE. "Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial". Revista de Antropologia. São Paulo, USP, n. 34, 1991, pp 197-221.

MORAES, PEDRO RODOLFO BODÊ DE. "Punição, encarceramento e construção de identidade profissional entre agentes penitenciários". São Paulo: Ibcrim, 2005.

OCTÁVIO PAZ. "O labirinto da solidão e Post Scriptum"; Tradução se Eliane Zagury, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

ONG, WALTER J. "Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra"; tradução Enid Abreu Dobranszky – Campinas: Papyrus, 1998.

ORTNER, SHERRY. "Theory in Anthropology since the Sixties". Comparative Studies in Society and History.

PALERMO, GEORGE B. & WHITE, MAXINE A. SPRINGFIELD. "Letters from Prison: a Cry for Justice". Illinois: Charles C. Thomas Publisher. 1998.

PEIRANO, MARIZA. "Uma Antropologia no Plural". Três experiências contemporâneas. UNB, Brasília, 1991.

RAMOS, GRACILIANO. "Memórias do Cárcere" (vol. I); prefácio de Nelson Werneck Sodré, ilustrações de Percy Deane, 31^o ed., São Paulo, Record, 1994

RILKE, RAINER MARIA,(1875 – 1926). "Carta a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte" Cristóvão Rilke / Rainer Maria Rilke: tradução Paulo Rónai e Cecília Meireles – São Paulo: Globo, 2001.

RUBEN, GUILLERMO RAUL. "Teoria da Identidade: uma crítica". Anuário Antropológico. Brasília: UNB, Tempo Brasileiro, n. 186, 1988.

SCHOLTE, BOB. "Discontents in Anthropology. Social Research", v 38, no. 4, 1971.

STOOL, SANDRA JAQUELINE. "Dos mortos e sua volta: Biografia e família na Literatura". XXX Encontro da ANPOCS. Caxambu. Minas Gerais. 2006.

TURNER, VITOR. "O processo ritual. (Estruturas e anti-estruturas)". Petrópolis, Vozes:1974.

VARELLA, DRAUZIO. "Estação Carandiru". São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

